



Aléxia Teles Duchowny (Org.)

Pelas veredas da



G

timologia



Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P381 Pelas veredas da etimologia / Aléxia Teles Duchowny, organizadora. --
São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2016.
2969,6 Kb ; PDF.

Modo de acesso: <<http://www.usp.br/nehilp/livros/Veredas.pdf>>
ISBN 978-85-7506-286-9

1. Etimologia. 2. Língua portuguesa. I. Duchowny, Alexia Teles, coord.

CDD 469.2

Aléxia Teles Duchowny (Org.)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PELAS VEREDAS DA ETIMOLOGIA

FFLCH-USP
SÃO PAULO
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

VICE-REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS

DIRETORA: Prof^a. Dr^a. Maria Arminda do Nascimento Arruda

VICE-DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA

COORDENAÇÃO GERAL: Aléxia Teles Duchowny

PRODUÇÃO GRÁFICA: Érica Santos Soares de Freitas

PREPARAÇÃO, REVISÃO E FORMATAÇÃO: Érica Santos Soares de Freitas

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS: Giovana Figueiredo (Bolsista Pronoturno - Fale/UFG)

CAPA: Bárbara Neves Salviano

NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.nehilp.org

COORDENAÇÃO: Mário Eduardo Viaro

ISBN 978-85-7506-286-9

DOI 10.11606/9788575062869

NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.nehlp.org

1-138, 2016

ISBN 978-85-7506-286-9

DOI 10.11606/9788575062869

Aléxia Teles Duchowny (Org.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PELAS VEREDAS DA ETIMOLOGIA



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo

2016

RESUMO

Este livro é uma seleção de trabalhos produzidos pelos alunos de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, durante a disciplina “Introdução à Etimologia”, no 1º semestre de 2016. A proposta era correlacionar o arcabouço teórico-metodológico de Mário Viaro no livro *Etimologia* (2011), com temas afins às teses e dissertações em andamento. Orientados pela Profª. Drª. Aléxia Teles Duchowny, os estudos perpassam diversas temáticas ligadas à etimologia: a fraseologia, a neologia, a mudança e a variação linguística, a comparação entre línguas, entre outras. Por meio desses textos, evidencia-se o vasto campo que constituem as pesquisas etimológicas e as inúmeras possibilidades de investigação ainda a serem desenvolvidas no âmbito das Letras.

Palavras-chave: Etimologia; Percurso histórico das palavras; Étimo das palavras; Origem das palavras.

ABSTRACT

This book is a selection of works produced by the graduate students, at the Faculty of Arts of the Federal University of Minas Gerais, during the course "Introduction to Etymology" in the first half of 2016. The proposal was to correlate the theoretical framework and the methodology of Mario Viaro's book *Etimologia* (2011), with themes related to the student's theses and dissertations in progress. Guided by Professor Aléxia Teles Duchowny, the various themes pervade studies related to etymology: phraseology, neology, change and language variation, the comparison between languages, among others. Through these texts, it becomes evident how vast the etymological research field is and how and numerous research possibilities are.

Key words: Etymology; History of the words; Etymology of words; Origin of words.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 9 |
| Breve estudo etimológico do clítico <i>se</i> no português brasileiro - Shirlene Ferreira Coelho | 11 |
| Uma abordagem etimológica dos fraseologismos - Ana Flávia Torquetti Domingues Cruz | 25 |
| <i>Portanto</i> e <i>pourtant</i>: uma proposta etimológica - Juliana Sander Diniz | 38 |
| <i>Upar</i>, <i>farmar</i> e <i>tankar</i>: origem de neologismos do <i>role-play game</i> - Wellington Araujo Mendes Junior | 48 |
| <i>Indivíduo</i>: do latim ao português - Fernanda Carla de Oliveira | 67 |
| Um estudo etimológico da lexia <i>surdo</i>: a aproximação da língua a fatos sócio-históricos - Bárbara Neves Salviano | 79 |
| As origens de <i>porque</i> em castelhano e português - Clarisse Barbosa dos Santos | 90 |
| A origem da palavra <i>árabe</i> - Jéssica Nayra Sayão de Paula | 102 |
| De <i>senior</i> a <i>senhor</i>: etimologia e mudança - Vivian Canella Seixas | 121 |

LISTA DE ABREVIATURAS

Ant.: Antigo
Ar.: Árabe
Ast.: Asturiano
Cast.: Castelhana
Cl.: Clássico
EI: Expressão idiomática
Esp.: Espanhol
Ex.: Exemplo
Fr.: Francês
Gót.: Gótico
Ing.: Inglês
It.: Italiano
Lat.: Latim
Med.: Medieval
Mod.: Moderno
ODEE: *Oxford Dictionary of English Etymology*
OED: *Oxford English Dictionary*
PB: Português Brasileiro
PIE: Protoindo-europeu
Port.: Português
RPG: *Role-play game*
Séc.: Século
UF: Unidade fraseológica
Vl.: Vulgar

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de discussões feitas ao longo da disciplina “Introdução à Etimologia”, realizada no 1º semestre de 2016 pelo Programa de Pós-graduação de Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. A proposta inicial era a de que os alunos elaborassem uma pesquisa que vinculasse a etimologia, conforme a leitura feita, principalmente da obra *Etimologia*, de Mário Viaro, a um tema próximo a suas dissertações e teses em andamento. Em outras palavras, deveriam unir o útil ao agradável, a teoria à prática.

Shirlene Coelho faz uma análise comparativa do verbete *se* entre alguns dos principais dicionários da língua portuguesa, dos séculos XVIII a XXI. Constata que, apesar das diferenças identificadas e das poucas informações atribuídas a esse verbete em dicionários mais antigos, é inegável o valor histórico dessas obras para os estudos linguísticos. Além do mais, propõe uma reconstrução etimológica do clítico supracitado, que tem passado por constantes mudanças no português.

Ana Flávia Cruz discute a abordagem feita pelos dicionários etimológicos aos fraseologismos, em geral, não reconhecidos por essas obras como unidades semânticas. Analisa a expressão idiomática *armar um barraco* e deixa clara a urgência de incluir os sintagmas frasais em tais obras lexicográficas.

Juliana Diniz investiga os termos *portanto* e *pourtant* – do português e francês, respectivamente – semelhantes fonológica e ortograficamente, mas divergentes em sentido. Refaz o percurso etimológico de ambas as palavras, a fim de verificar se os lexemas possuem mesmo étimo, tendo sofrido mudanças semânticas, ou se seriam originários de étimos distintos.

Wellington Mendes Jr., tendo como *corpus* uma seleção de mensagens postadas no *Twitter*, analisa a etimologia dos neologismos *upar*, *farmar* e *tankar*, cunhados pelos participantes do *role-play game*, descrevendo a integração dos neologismos ao sistema linguístico do português, sob os pontos de vista fonético, morfossintático e semântico.

Fernanda de Oliveira reconstrói o percurso histórico do atual nome geral *indivíduo*, a partir da consulta a dicionários. Constata que *indivíduo* surgiu do latim *individuus*, com o sentido inicial de “indivisível”, passando ao latim medieval com o

sentido de uma pessoa específica, até chegar ao português com o sentido de “qualquer pessoa”.

Bárbara Salviano percebe que a busca pela origem de uma palavra também nos aproxima de aspectos histórico-sociais relevantes, ao investigar o percurso etimológico da lexia *surdo*. Seu objetivo é detectar o provável étimo da palavra, mas também compreender, a partir de tais informações, o percurso sócio-histórico da comunidade surda ao longo da história.

Clarisse Santos trata da etimologia do termo *porque*, construindo uma cadeia etimológica para o termo em castelhano e em português. Compara o desenvolvimento histórico desse vocábulo nos dois idiomas, constatando que as formas homônimas nas duas línguas têm uma relação direta com o substrato latino, o que permite inferir que a homonímia presente na sincronia atual existia também no substrato e que uma das formas foi lexicalizada.

Jéssica Sayão pesquisa a origem da palavra *árabe*, sob a perspectiva da etimologia. Levanta aspectos históricos para analisar a acepção do termo tanto na língua cotidiana quanto nas obras consultadas, fazendo um contraste com outras palavras consideradas popularmente como sinônimos, tais como *sírio-libanês*, *turco*, *beduíno*, *muçulmano* e *islâmico*.

Vívian Seixas, em pesquisa sobre o vocábulo *senhor*, não encontra trabalho que apresente um estudo etimológico detalhado, mas somente informações isoladas em fontes lexicográficas e estudos que mencionam as suas formas em sincronias pretéritas. Por isso, analisa a palavra *senhor* no que diz respeito a três aspectos: a comparação das acepções registradas nos dicionários, a etimologia e as considerações sobre sua mudança morfológica, desde sua origem até o estado atual, sob o viés fonético.

Todas as pesquisas deixam evidenciado o importante papel dos estudos etimológicos para a melhor compreensão da língua portuguesa. Que estes trabalhos sirvam de estímulo a mais estudos que se preocupem com a origem, o percurso histórico e o étimo das palavras.

Aléxia Teles Duchowny
Organizadora

BREVE ESTUDO ETIMOLÓGICO DO CLÍTICO *SE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Shirlene Ferreira Coelho¹
shirlenecoelho@outlook.com

INTRODUÇÃO

Objeto de diversos estudos (DUARTE, 2002; MELO, 2005; CALVACANTE; MARCOTULIO, 2012), são notáveis os diferentes usos do clítico *se* no português. Talvez isso se dê pelo seu caráter camaleônico, assim como afirma Dutra (1981), em que tal partícula ora é usada como conjunção, ora como pronome². Isso se deve ao fato de se tratar de uma partícula versátil e, em certa medida, produtiva na língua, apesar de ser utilizada em contextos diferentes daqueles estabelecidos outrora³.

Assim, este capítulo se propõe a listar suas diferentes definições encontradas em alguns dos principais dicionários da língua portuguesa e explanar sobre as mudanças de significações atribuídas ao *se*. Para tanto, foram utilizados dicionários antigos, datados a partir do século XVIII, em sua grande maioria disponibilizados na internet, além de dicionários mais atuais. O objetivo deste estudo se justifica pelo fato de ainda não terem sido esgotadas todas as possibilidades de análise do clítico *se*, apesar de existir um grande número de pesquisas que têm como objeto de estudo o clítico supracitado.

Outra área bastante afim aos estudos lexicográficos é a etimologia. Esta tem por finalidade a busca pela origem das palavras, ou seja, a reconstrução de sua história. Dessa forma, estabelece relações entre as diversas línguas modernas, por exemplo, as línguas românicas, que teriam por origem comum o indo-europeu. Sendo assim, buscou-se também, neste artigo, reconstruir etimologicamente o clítico *se*.

¹Licenciada em Letras - Português/Italiano na UFMG; Mestranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

²Tais definições seguem os critérios estabelecidos pela gramática normativa.

³Alguns estudiosos, como Nunes (1991), acreditam que o *se* apassivador, mais comumente encontrado em registros escritos do português anteriores ao século XVIII, possa ter sofrido uma reanálise, assumindo a função de indeterminador do sujeito.

A estrutura do presente estudo está distribuída da seguinte forma: na primeira seção encontra-se a revisão da literatura, que foi dividida em duas partes, que tratam de lexicografia e etimologia, respectivamente; na segunda seção é exposta a metodologia utilizada para esse estudo; na terceira são apresentadas as definições encontradas nos dicionários de língua portuguesa e etimológicos; a quarta seção é composta de duas partes, a primeira que se refere à análise das definições do verbete *se* e a segunda traz uma pequena análise sobre a questão etimológica; as conclusões extraídas do presente estudo estão presentes na quinta seção; na última seção, estão dispostas as referências bibliográficas.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Sobre a lexicografia

Embora seja um instrumento importante, para aqueles que buscam orientação quanto aos significados, aos usos das palavras que compõem uma língua, não é tarefa fácil produzir dicionários. Para sua formulação, é importante adotar critérios para seu estabelecimento. Biderman (1984) aponta algumas das principais características com as quais o dicionarista precisa se preocupar, como o público-alvo ao qual se destina, a quantidade de vocábulos que devem estar contidos na obra (50000, aproximadamente), a redação do significado apresentado, como deve ser feita a entrada dos verbetes, dentre outras questões. Assim, não se pode negar o quão difícil e árduo é esse trabalho.

Em outro estudo, Biderman (1984) reforça, também, a importância da lexicografia a partir das novas tecnologias, como o computador. De fato, dicionários *online* possuem grandes vantagens, como o fácil acesso por todos e a constante atualização, algo que é mais difícil de ocorrer em obras impressas, além do fato de ocupar pouco espaço, ter um custo relativamente baixo, podendo, assim, explorar mais as diversas significações do léxico, e sendo, dessa forma, uma obra mais completa.

Outro fator que merece atenção se dá pelo fato de ser indiscutível que as línguas sofreram, e ainda sofrem, constantes evoluções. De maneira geral, a língua tende a se reformular, seja através da criação de novas palavras ou alteração/ampliação de sentido das já existentes. Este fator está intrinsecamente ligado à ideia de não se

poder dissociar língua e sociedade. A língua é tida, portanto, como ferramenta na comunicação entre os falantes, adaptando-se aos diferentes contextos em que é utilizada, o que desfaz a concepção errônea de que se trata de algo rijo, imutável. Nesse sentido, Farias (2007), ao apresentar a evolução histórica do fazer lexicográfico, desde a antiguidade, não descarta o fato de sociedade e língua serem indissociáveis. Nas palavras da autora, “mais que um instrumento para arquivar, organizar e recuperar informações linguísticas, os dicionários são, antes de tudo, um registro da história do homem” (p. 97).

1.2 Sobre a etimologia

Silveira Bueno (1974), em seu texto introdutório *A tentação da etimologia*, afirma que

a origem das palavras foi sempre a grande miragem de todos os que se puseram em contacto com os idiomas, com as literaturas. O que mais preocupava era a significação, o sentido que se ocultava na forma dos sons, a *vis*, a energia, por assim dizer, dos vocábulos (p. XXI).

Fica claro, com essa assertiva, o fascínio que a busca pela origem do léxico das línguas tem gerado. Contudo, os estudos etimológicos passam a ter rigor a partir do momento em que é visto como uma ciência à parte da psicologia, com o uso de “princípios e métodos rigorosamente comprovados” (BUENO, 1974, p. XXII).

Durkin (2009) associa os estudos etimológicos às questões sociais e geográficas. Dessa forma, língua e sociedade estão intimamente ligadas e o contato direto entre essas diversas culturas promove o processo evolutivo das línguas. Afirma, ainda, que o estudo da etimologia abrange diferentes níveis da língua (fonologia, morfologia, semântica e sintaxe). Todas essas características não só justificam as semelhanças entre as línguas modernas, como também expõem a dificuldade de se estabelecer a origem das palavras.

Corroborando as assertivas de Bueno (1974) e Durkin (2009), Viaro (2014) critica, por muitas vezes, o caráter fantasioso que alguns estudos etimológicos têm se mostrado, sem qualquer preocupação com o rigor científico. Viaro (2014) defende a ideia de que a busca pela origem das palavras tem acompanhado a sociedade há muitos séculos: Platão, há aproximadamente 25 séculos, em um dos seus diálogos, apresenta

uma discussão sobre a origem da linguagem, e notou semelhanças entre o grego e a língua dos bárbaros. Isso demonstra a curiosidade de sociedades antigas pela história do léxico de suas línguas, contudo, só recentemente os estudos etimológicos passaram a figurar-se como ciência. O autor também não descarta o fator social como uma forte influência no processo de aquisição/evolução das línguas.

2 METODOLOGIA DO ESTUDO

Visto o caráter descritivo da presente pesquisa, foi realizada uma busca aos diversos dicionários da língua portuguesa, a fim de se fazer um estudo comparativo sobre as definições do verbete *se*. Para tanto, foi consultado o maior número possível de dicionários, todos datados a partir do século XVIII. Foram utilizadas tanto as versões impressas quanto as disponibilizadas na rede (*World Wide Web*). As ferramentas utilizadas para esse tipo de busca foram o *Google Academic*⁴ e o *Books Google*⁵. Além disso, foram listadas as definições presentes em alguns dos principais dicionários etimológicos a fim de se averiguar a possível origem do verbete supracitado. Após essa etapa, as definições foram cruzadas, apontando semelhanças e divergências, bem como foi realizada a reconstrução etimológica do clítico *se*, com as informações adquiridas.

3 AS ACEPÇÕES DO VERBETE *SE*

Para uma melhor visualização, os títulos das obras consultadas foram listados abaixo, acompanhados do nome dos respectivos autores, dos anos de publicação e páginas em que se encontram, bem como das definições encontradas. Priorizou-se a reprodução dos verbetes conforme se encontram no original.

i. *Novvo Diccionario das Línguas Portugueza, e Francesa, com os Termos*

⁴ <http://scholar.google.com>.

⁵ <http://books.google.com.br>. Acerca desse *site*, Viaro (2014) cita que é uma “boa fonte para encontrar informações linguísticas que envolvam questões de datação” (p. 102). Isso porque é possível encontrar diferentes livros anteriores ao século XIX digitalizados e disponibilizados.

Latinos (MARQUES, 1764, p. 651)

Se – se, particula condicional, *Si*: esta particula Latina se poem ora com indicativo, e ora com subjuntivo, *Si, conjonétion avec un indicatif, ou un subjonétif: c'est une forte de conjonétion conditionelle*. Exemplo: Se eu quiser ser tal, quizestes que eu fosse. (Si volo is esse, quem tu me esse voluisti. *Tambem se póde dizer: Si velim.*)

ii. Dicionario da Lingua Portugueza (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 381)

Se¹ – conjunção condicional, hypothetica, v. g., *irás se quiseres; se acontecer isso, dar-te-hei hum premio*

Se² – variação do pronome da terceira pessoa equival a *a si*, e denota o paciente v. g., *feriu-se, matou-se*. § se junto aos verbos activos na terceira pessoa suppre a fôrma passiva que não temos v. g., *fia-se muita lâ, tece se muita seda*, i. e. he fiada muita lâ, he tecida muita seda.

iii. Dicionario da Lingua Brasileira (PINTO, 1832)

“Se – conj. (com *e* mudo) que indica condição e junto ao verbo na terceira pessoa o faz passivo, ou reflexo. Variação do pronome *Si*, que he equivalente a *a si*.”

iv. Novo Dicionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza (CONSTANCIO, 1836, p. 877)

Se¹ – conj. condicional, hypothetica (Lat, *si*, de *sit*, seja, conjunctivo de *esse*, ser), v. g. *irás se puderes; se fizer bom tempo*.

Se² – (do Lat, *se*, variação do pronome da terceira pessoa. Em Portuguez corresponde ao dativo *sibi*, a *si*), com os verbos activos denota que a pessoa he o objecto da acção; v. g. *ferio-se, matou-se*. Com os verbos absolutos denota espontaneidade de acção, v. g. *foi-se, lá se ficou*. Com os verbos activos suppre a voz passiva que não temos, e muitas vezes he impessoal, v. g. *afundio-se, alagou-se a terra; encheo-se o poço; seccou-se a fonte; levantou-se grande temporal. Deve-se amar a virtude*.

v. Novo Dicionario da Lingua Portugueza - Recopilado de todos os que até o presente se teem (FONSECA, 1843, p. 537)

“Se – conj. indica condição.”

vi. Manual Etymologico da Língua Portugueza, contendo o significado e a prosódia (LISBOA, 19??, p. 1091)

“Se¹ – Conj. No caso que, supposto que, dado que (Lat. *si*)

Se² – Pron. Refl. da 3ª pessoa. Emprega-se como complemento directo e indirecto e serve também para dar ao verbo significação passiva (Lat. *se*).”

vii. ***Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1969, p. 1094)**

“**Se¹** – *pron.* A si: *êle se acha em situação difícil*; indica passividade: *compram-se livros velhos*, ou reciprocidade: *êles se engalfinharam*. (Cf. si)

Se² – *conj.* Dado que; no caso de; embora; visto que palavra expletiva. (Cf. si)”

viii. ***Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa* (BUENO, 1974, p. 3671-3672)**

Se – pron. átono da 3ª p. gram., elemento essencial na formação das vozes passiva e reflexiva. Exs. Pedro batizou-*se*(foi batizado) em S. Paulo. Pedro feriu-*se* (voz reflexa). Do acusat. lat. *se*. Quando a voz passiva é feita com v. intr. ou rel. como *vive-se bem aqui*, *dançou-se muito*; o pron. *se* tem dupla função: a de indeterminar o sujeito que, realmente, não existe, por ser o verbo impessoal, e de indicar a voz passiva. Em hipótese alguma poderá ser o sujeito. Na sintaxe portuguesa, o pron. *se* exerce a função de complemento objetivo em voz reflexa: Pedro feriu-*se* no dedo. A função complemento indicativo não lhe pertence segundo o cunho da nossa língua, e os poucos casos encontráveis em Camões, Bernardes, devem ser interpretados como galicismo. Dizer, portanto: Pedro *feriu-se o dedo*, é usar uma construção francesa, não portuguesa. Outro exemplo: Pedro *deu-se ao luxo* de ter automóvel (errado, galicismo sintático).

ix. ***Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1717-1718)**

Se¹ – *pron. p* (sXIII) **1.** da terceira pessoa do sing., caso oblíquo, átono para os dois gêneros, us.: **1.1** como complemento de verbo trans. direto, podendo expressar reflexividade ou reciprocidade <*feriu-se*> <*agrediram-se*> **1.2** como complemento do verbo pron. trans. indireto ou bitransitivo <*deu-se ao trabalho de ler o artigo*> **1.2.1** em verbos pronominais que exprimem esp. sentimento ou mudança de estado (arrepender-se, atrever-se, indignar-se, queixar-se, derreter-se, etc.) **1.3** como partícula apassivadora <*alugam-se quartos*> **1.4** como índice de indeterminação do sujeito <*vive-se bem*> **1.5** como palavra expletiva (para realçar nos verbos intransitivos movimento ou atitude do sujeito) <*foi-se embora*, *chorando*> ETIM. lat. *se*, ac. do pron. reflexivo de 3ª p. *sui, sibi, se*. HOM *se* (conj.), *sê* (fl. ser), *Ce* (símb. cério) *Se* (símb. selênio). PAR *sê* (s. f.)

Se² – *conj.* (sXIII) **1. conj. sub.** expressa subordinação à ação principal. **1.1 conj. cond.** indica hipótese ou condição; no caso de <*se chover, não vou*> **1.2 conj. temp.** indica tempo; quando, enquanto <*se fala, irrita a todos*> **1.3 conj. caus.** indica causa; visto que, uma vez que <*se você tem carro, por que ir à pé?*> **1.4 conj. intg.** introduz uma oração subordinada substantiva e expressa

dúvida; incerteza ou interrogação indireta; se acaso, se por acaso, se porventura <não sei se ele vem> <pergunto-lhe se já tem uma solução para o caso> ETIM conj. lat. *sī* 'id.; apesar da vogal longa em lat., tornou-se *se* em port. pela sua condição de monossílabo átono HOM *se* (pron.), *sê* (fl. ser), *Ce* (simb. cério), *Se* (simb. selênio) PAR ver *se*¹

x. Dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 2010, p. 585)

Se¹ – pron. XIII Do latim *sē* || **suicida** adj. s2g “diz-se de, ou pessoa que suicidou”, 1844. Dev. de *suicidar* || **suicidar** vb. “dar a morte a si próprio” 1858. Do fr. *suicide*, deriv. do lat. *sui* genitivo de *sē*, formado pelo modelo de *homicide* “homicídio”. **Suicida** | 1836 Sc || **suicídio** | 1836 SC |.

Se² – conj. XIII Do lat. *sī*, através da var. *sī* (que se documenta em algumas formas proclíticas, como *sīquis*, *sīquidem*, etc).

xi. Aulete online (aulete.com.br/se)

Verbetes atualizados:

Se¹ – pr.pess. **1.** Indica que a ação do verbo afeta o sujeito da frase: *Maria vestiu-se em dois minutos: As ondas se espalhavam pela praia* **2.** Indica que a ação do verbo tem efeito mútuo entre pessoas ou coisas: *O professor e o aluno se desentenderam: As pedras se chocaram* **3.** Us. com verbos pronominais que expressam mudança de estado, sentimento, ou movimento: *O abajur espatifou-se no chão: Ângela alegrou-se com as visitas: Encaminhou-se à diretoria para fazer a queixa* **4.** Us. como parte integrante de certos verbos (p.ex., *arrepender-se, suicidar-se, queixar-se*) **5.** Us. para formar a voz passiva: *Aqui ainda se veem crianças brincando na rua* **6.** Indica que o sujeito é indeterminado: *Precisa-se de eletricitistas* **7. Us. como elemento de realce: Foi-se pela escada abaixo [NOTA.:a) O pr. **se** é um pr. pess. de 3a.pess., caso oblíquo, átono; b) Em certas construções, como em **Deixou-se levar por uma mentira, o pr. encontra-se com dupla função, segundo a gramática tradicional, pois o se assume o lugar de sujeito, em relação a levar e de objeto, em relação a deixar.**] [F.: Do lat. *se*. Hom./Par.: *sé* (s.f.)]**

Se² – conj. **1.** Introduz uma oração que é complemento da oração principal: *Não disse se chegaria cedo.* conj.condic. **2.** Na condição de; caso: *Se você explicar o caminho, vou sozinha.* conj.caus. **3.** Já que, visto que: *Se alguns têm dúvidas, é melhor adiarmos a prova.* conj.temp. **4.** Quando, enquanto: *Se nada fala, todos reclamam sua opinião.* [F.: Do lat. *si*. Hom./Par.: *sé* (s.f.)]

Verbetes original:

Se¹ || conj. que exprime a relação de condição e significa - no caso de, dando-se a circunstância de: *Irei a tua casa se não chover à noite. Se Fr. João vier, onde o mete? (R. da Silva.)* || -, conj. integr. se acaso, se porventura: *Não sei de qual primeiro me lamente, se de muito vadio, se de muito ocupado. (Fr. Man. de Melo.) Veremos se agrada. F. lat. Si.*

Se² || flex, do pron. pes. da 3ª pessoa quando serve de complemento objetivo e as vezes também de complemento terminativo: *Bruto matou-se com a própria espada; ele dá-se muita importância. [Precedido de preposição, toma a forma si de si, para si, em si, etc., mas se a preposição for com, diz-se consigo. V. esta palavra. A respeito do seu uso como enclítica. V. enclítica. Note-se o uso dos brasileiros que, quando este pronome é enclítico nas*

orações subordinadas dos modos finitos, o pospõem ao verbo, dizendo, por exemplo; Quando no último ano começou-se a entrever a necessidade... (J. F. Lisboa.) O mesmo uso há com as outras enclíticas. Recomenda-se, contudo, evitar este modo de dizer.] || Exprime passividade: No cerco do Porto sofreu-se toda a casta de privações. [A este respeito. V. passivo- Sotero dos Reis distingue o pronome se neste caso do que serve de complemento objetivo ou terminativo, chamando a este último "reflexivo" por ser nele que reflete ou recai a ação do sujeito, e ao outro "indefinido" por se referir vaga e indeterminadamente a um agente ou causa que temos na mente, e ser; não um complemento objetivo, como inculca a aparência, mas sim um termo de referência mental. Ainda que o pronome é só um e o mesmo, e não mudou de natureza neste segundo caso, a distinção do ilustre e judicioso escritor brasileiro não deixa por isso de ser aceitável como meio de fácil explicação prática.] || F. lat. Se.

Se³ || contr. do pref. semi antes de palavras começadas por me ou mi: semestre, semínima.

4 RESULTADOS OBTIDOS

4.1 Análise comparativa

O primeiro fator observado a partir das definições compiladas na seção anterior é a quantidade de informações acrescentadas aos dicionários mais recentes. Isso pode ser explicado devido a uma maior preocupação dos dicionaristas, nos últimos anos, em elaborar dicionários com um caráter mais objetivo, científico. Uma observação importante a ser feita com relação a isso é que não havia uma preocupação, por parte dos lexicógrafos, em produzir livros que fossem mais fidedignos à realidade linguística da época e com o caráter evolutivo das línguas. Essa assertiva pode ser justificada, tendo como exemplo o dicionário de José da Fonseca (1843). A única definição encontrada em sua obra é a de que *se* seria uma conjunção, com valor condicional. No Prólogo, o autor cita a necessidade de um dicionário manual, de “commodo em preço, e sem as superfluídades (que tanto avultam os de grande formato)” (p. i) e problematiza o fato de não haver, entre os dicionários da época, uma uniformidade ortográfica. Segundo ele, “cada auctor ou dicionarista tem scripto a seu arbitrio, sem attenderem á *etymologia* de que derivam” (p. i). Ao final do prólogo, em nota de rodapé, referente ao termo *etymologia*, afirma que “a *ortographia portugueza* que me parece *melhor e menos corrupta* é a que mais corresponde á latina, de que depende” (p. ii). De certa maneira, a intenção de Fonseca (1843) é válida, já que um de seus objetivos é “popularizar” os

dicionários, torná-los mais acessíveis, tanto pelo preço quanto pela facilidade em manuseá-lo, assim como por apontar a importância em se uniformizar a ortografia. Porém o autor deixa nítida uma visão conservadora sobre a língua ao criticar o fato de outros dicionaristas da época não se preocuparem em manter a ortografia correspondente à forma latina. Ele demonstra, ainda, desconhecimento acerca dos estudos etimológicos. Dizer que a melhor ortografia da língua portuguesa é a que se assemelha à latina é bastante vago e não reflete a realidade linguística no Brasil desse período, o qual não se pode descartar a influência de outras línguas.

Sobre a falta de rigor, no passado, em se produzir dicionários, é possível perceber que, no verbete, ora contemplam uma definição ora outra. Isso é uma desvantagem para estudiosos que buscam entender os elementos que compõem a língua, visto que não estão disponibilizadas todas as acepções de um vocábulo em períodos passados. É notável, dessa forma, a subjetividade dos autores desses dicionários, que, talvez por uma visão conservadora da língua, tenham elegido as definições que acreditavam ser as mais adequadas, ou mesmo pela falta de conhecimento dos processos evolutivos da língua, que se tornaram mais produtivos no século XX, principalmente com a ampliação dos conceitos sociolinguísticos.

Corroborando esta assertiva, é notável a falta de consenso entre os dicionaristas. Por exemplo, a definição apresentada por Pinto (1832) não distingue a classe pronominal da classe conjunção atribuída ao verbete *se*. De acordo com o autor, *se* é uma conjunção condicional que, ao ser utilizada com verbos de 3ª pessoa, torna-se apassivadora ou reflexiva. Isso deixa bastante claro a falta de rigor na elaboração dos dicionários, pelo menos neste período, como também pouca reflexão sobre a própria língua, ao se confundir as funções sintáticas do verbete.

Pode-se dizer, também, que o clítico *se*, assim como outras unidades lexicais, tem sofrido ampliação de seu significado e emprego. Por exemplo, quando se compara a definição do pronome *se* nos dicionários *Houaiss* e *Aulete*, datados do século XXI, com a definição dada por Bluteau (1789), torna-se nítido o quanto essa partícula agregou sentido. Em Bluteau, tal pronome era considerado uma variação da terceira pessoa, que denota o paciente ou, em verbos ativos, substitui a forma passiva. É interessante observar, ainda, que, para este autor, não teríamos voz passiva no português. Já no *Aulete online*, tal pronome não só forma a voz passiva, como também designa ideias

reflexivas (ação sobre o sujeito da frase, verbos pronominais, parte integrante do verbo, elemento de realce) e recíprocas (efeito mútuo entre coisas, pessoas).

Outra observação a ser feita é a quantidade de informações que os últimos dicionários têm incluído em suas definições, como indicação de homonímias, paronímias e etimologias, algo que não era tido como critério em versões mais antigas. Uma característica relevante, presente na versão *online* do dicionário *Aulete*, é a terceira entrada para *se*, encontrada na versão original, em que é definido como contração do vocábulo *semi*, em palavras iniciadas por *me* e *mi* (*semestre*, por exemplo). Apesar de se tratar de um arcaísmo, tal informação é relevante para linguistas que trabalham com documentos históricos e etimólogos. Isso porque esses elementos podem ajudar a entender a origem e o processo de formação de palavras no português.

4.2 Clítico *se*: do português ao indo-europeu

Retomando algumas acepções etimológicas do verbete *se*, é possível notar que todas apontam para a mesma origem: do lat. *se*. Entretanto, deve-se fazer algumas observações: em Constâncio (1836), a forma latina *se* seria uma variante do pronome de 3ª pessoa, que corresponde ao dativo *sibi*; Houaiss (2009) afirma que *se*, no latim, seria o acusativo do pronome reflexivo de 3ª pessoa *sui, sibi, si*; em Cunha (2010), o *sē* teria se originado do francês *suicide*, derivado do lat. *suī*, genitivo de *sē*. Isso sugere que a forma *se* encontrada no português, com caráter reflexivo, originou-se de *sui*, uma derivação da forma latina *se*. Ao que parece, a forma em português manteve-se conservadora, remetendo à primeira forma latina, expondo certo eruditismo no português.

Lopez-Mencheró (2012) apresenta a etimologia de algumas palavras das famílias do indo-europeu, em arquivo disponibilizado no *site Indo-european Grammar, Syntax & Etymology Dictionary*⁶, onde foi encontrada a correspondência latina para *se*, conforme apresentado abaixo:

- Indo-europeu **se* > lat. *se* > port. *se*

Neste mesmo arquivo de Lopez-Mencheró (2012), encontrou-se, também, a

⁶ <<http://indo-european.info/>>

presença de outros correspondentes nas demais famílias indo-europeias: Família Germânica Oriental (*si-k*); Família Grega (*εσFε*); Família Eslava (*se*). Porém, não foram encontradas formas correspondentes nas línguas da Família Itálica, na Família Céltica, na Família Germânica Ocidental, na Família Indiana Inatolia.

Observa-se, a partir, do exposto acima, bem como das definições encontradas para *se*⁷, a manutenção da forma e a evolução quanto ao nível sintático. Em relação às suas acepções em português, esta afirmação se confirma, ao se considerar que, a priori, tratava-se de um apassivador e, mais recentemente, tem assumido a posição de indeterminação de sujeito⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se expor, no presente capítulo, as diferenças e semelhanças encontradas em alguns dos principais dicionários etimológicos e de língua portuguesa. Trata-se de um trabalho inicial que, contudo, pode servir como fonte de pesquisa para outros estudos, já que houve o cuidado de se apresentar um panorama sobre o processo de formulação dos dicionários (uma tentativa de se entender os critérios utilizados pelos autores) e as diferentes acepções adotadas pelos autores em relação ao clítico *se*, bem como demonstrar o quanto evoluiu o caráter científico na produção desses dicionários. Foi possível atestar que dicionários mais recentes tendem a apresentar mais informações, de maneira mais objetiva, apontando os mais diversos contextos empregados, no caso deste estudo, do clítico *se*.

Outra finalidade deste estudo foi a tentativa de reconstrução etimológica para o clítico *se*, até o indo-europeu. Constatou-se que as acepções apontam para diferentes origens: o pronome reflexivo *se* seria originado do lat. *suī*⁹, enquanto o pronome apassivador seria originado do dativo/acusativo de terceira pessoa *sē*. Contudo, talvez por um eruditismo, o português manteve ambas as funções com a mesma forma.

⁷Foi objeto do estudo etimológico somente as acepções que se referem ao que a gramática normativa define como pronome. Como pode ser visto nas definições apresentadas (cf. Seção 3), *se*, quando conjunção condicional, é originada de outra palavra latina. Isso pode explicar suas diferenças no nível morfológico e sintático no português.

⁸Assim como sugere Nunes (1991).

⁹Não foi encontrada a forma indo-europeia para *suī*, o que requer um estudo mais aprofundado para isso.

Em resumo, é válido reforçar a importância dessas obras. Visto que os dicionários possuem as definições que caracterizam o léxico de uma língua, a partir das significações que as palavras recebem conforme seu uso, é notável a importância do papel do lexicógrafo na preparação dos dicionários, uma vez que ele disponibiliza informações que podem contribuir para as mais variadas pesquisas. Também o papel do etimólogo é fundamental para que se consiga resgatar a história da língua. No entanto, para ambos os casos, torna-se proveitoso o rigor científico, tanto na elaboração dos verbetes, quanto na busca pela origem dos vocábulos. Isto só é possível com o levantamento de dados e hipóteses que possam direcionar o trabalho do linguista, além de levar em consideração os contextos de uso dos verbetes. A partir disso, é possível averiguar os contextos em que os vocábulos ocorrem, em diferentes períodos, e esta pode ser considerada uma maneira de se resgatar a origem das palavras, bem como seu percurso ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

- AULETE DIGITAL. *Dicionário Caldas Aulete*. Disponível em: <<http://aulete.com.br>> Acesso em 22 de maio de 2016.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 28 - Suplemento, 1984, p. 1-26. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107589>> Acesso em 3 de junho de 2016.
- _____. O dicionário padrão da língua. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 28 – Suplemento, 1984, p. 27-43. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>> Acesso em 3 de junho de 2016.
- BLUTEAU, R.; SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira. v. 2, 1789. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=4FkSAAAIAAJ&vq=sebo&hl=pt-BR&pg=PA381#v=snippet&q=sebo&f=false>> Acesso em 13 de maio de 2016.
- BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Santos: Editora Brasília LTDA. v. 7.
- CAVALCATE, S. R. O.; MARCOTULIO, L. L. Novo olhar sobre as construções com se: para além da questão da concordância. In.: DUARTE, Maria E. L. (Org.). *O sujeito em peças de teatro*. Rio de Janeiro: Parábola, 2012, p. 143-160.

COELHO, A. *Diccionario manual etymologico da língua portugueza*: contendo a significação e a prosodia. Lisboa: P. Plantier. 19??.

CONSTANCIO, F. S. *Novo diccionario critico e etymologico da língua portugueza*. Paris: Officina Typographica de Casimir, 1836. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=HM9TAAAcAAJ&oi=fnd&pg=PR3&dq=diccionario+da+lingua+portugueza&ots=HTxSfahoOz&sig=t55m5SyTx79Hjklm199Pu24b8smI#v=onepage&q=diccionario%20da%20lingua%20portugueza&f=false>> Acesso em 13 de maio de 2016.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, FAPERJ, 2010.

DUARTE, M. E. L. Construções com *se* apassivador e indeterminador em anúncios do século XIX. In.: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas/FLP/USP, 2002, p. 25-46.

DUTRA, R. Considerações sobre o ‘se’: o pronome camaleão. *Cadernos* de n. 5, 1981, p. 74-87. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/7157>> Acesso em 13 de maio de 2016.

DURKIN, Philip. *The Oxford Guide to Etymology*. Introduction. p. 1-33. Oxford: OUP, 2009.

FARIAS, E. M. P. Uma breve história do fazer lexicográfico. *Revista Trama*. v. 3, n. 5, 2007, p. 89-98. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/viewFile/961/824>> Acesso em 16 de setembro de 2016.

FERREIRA, A. B. H. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 11ª edição, 1969.

FONSECA, J. *Novo diccionario da língua portugueza – recopilado de todos os que até o presente se teem*. Paris: Casa de J.-P. Aillaud, 1843. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=yvdDAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 17 de junho de 2016

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LISBOA (19??)

LOPEZ-MENCHERO, F. *Proto-indo-european Etymological Dictionary*. Indo-european-language Association, 201. Disponível em: <<http://indo-european.info/indo-european-etymology.pdf>> Acesso em 22 de junho de 2016.

MARQUES, J. *Novo diccionario das línguas portugueza, e francesa, com os termos latinos*. Lisboa: Officinal Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. v. 2, 1764.

Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=Fwsk_oraZC4C&dq=Joseph%20Marques&lr&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q=Joseph%20Marques&f=false> Acesso em 17 de junho de 2016.

MELO, N. S. S. *O clítico 'se' com valor reflexo ou recíproco: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

NUNES, J. M. *Se* passivador e *se* indeterminador: o percurso diacrônico no Português Brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 20, 1991, p. 33-58.

PINTO, L. M. S. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva. 1832. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/dicionario/edicao/3>> Acesso em 13 de junho de 2016.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

UMA ABORDAGEM ETIMOLÓGICA DOS FRASEOLOGISMOS

Ana Flávia Torquetti Domingues Cruz¹⁰
anaflavia_torquetti@hotmail.com

INTRODUÇÃO

São muitos os aspectos que indicam a relevância de se conhecer as raízes e a história das palavras, como o fato de que, a partir desse conhecimento, o falante pode expandir o seu léxico passivo. Durkin (2009) conceitua a ciência que se ocupa dessa função do seguinte modo:

Etymology forms part of the wider field of historical linguistic research, that is to say of attempts to explain how and why languages have changed and developed in the ways that they have. However, it does not concern itself exclusively with a linguistic level, as does for instance historical phonology (the study of speech sounds and of their deployment in ways which convey distinct meaning), historical morphology (the study of word forms as used to convey grammatical relationships), historical semantics (the study of the meaning of words), or historical syntax (the study of the relations between words within a sentence) (p. 2).¹¹

Dentre os pontos positivos que se explicitam na Etimologia, como se viu, encontra-se o seu viés holístico, que alinha esses estudos às noções que subjazem as unidades fraseológicas (UFs), como as expressões idiomáticas (EIs). Nessa perspectiva holística, pode-se citar que, ao conhecer a origem e a história das palavras, identificando sua raiz e processos, como apofonia e assimilação, o usuário da língua torna-se, progressivamente, capacitado para compreender, por exemplo, a morfologia desses itens

¹⁰ Mestra em Estudos Linguísticos na UFMG; Doutoranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

¹¹ Tradução nossa: A Etimologia é parte de um campo mais amplo das pesquisas em Linguística Histórica, a qual tenta explicar como e por que as línguas mudaram e se desenvolveram do modo como isso se deu. No entanto, a sua preocupação não se dá somente no nível linguístico, assim como faz a fonologia histórica (o estudo dos sons da fala e da sua implantação de forma a levar a significado distinto), a morfologia histórica (o estudo de formas de palavras usadas para levar a relações gramaticais), a semântica histórica (o estudo do significado das palavras), ou a sintaxe histórica (o estudo das relações entre as palavras dentro de uma frase).

lexicais. Nesse sentido, Viaro (2014) sinaliza que a aparente opacidade de muitas palavras do português e de outras línguas pode ser compreendida por meio da Etimologia e que, com isso, aparentes arbitrariedades ortográficas podem ser solucionadas. Desse modo, é factível considerar que os estudos etimológicos não têm sua serventia resumida ao escopo acadêmico, pois os seus benefícios também afetam os leigos, muito embora ainda sejam perceptíveis lacunas e problemas metodológicos na execução dessa ciência.

A Etimologia estuda as raízes das quais as palavras são formadas e, nessa investigação sobre a sua história, ela se ocupa de traçar as mudanças semânticas, fonológicas, sintáticas, lexicais ocorridas ao longo do tempo, o que significa que ela tem grande importância para a compreensão das transformações e do desenvolvimento dos idiomas em geral. Uma língua, no entanto, não manifesta a realidade somente por meio de palavras, mas também pelo conjunto delas, como acontece com os denominados *fraseologismos*. Nesse ínterim, o percurso etimológico, que sempre é complexo e também incerto, mostra-se ainda mais delicado. Weinreich (1970) ilustra esse processo sinalizando os três tipos de interferência possíveis em unidades lexicais múltiplas: todos os elementos podem ser transferidos; todos os elementos podem ser reproduzidos por extensão semântica; ou alguns elementos podem ser transferidos, enquanto outros são reproduzidos.

Viaro (2014) admite que o estabelecimento de um étimo se dá por meio do levantamento de hipóteses. Tendo em vista o fato de que um étimo pode sobreviver até a sincronia atual com a mesma forma, que pode se tornar uma palavra arcaica, que pode se multiplicar, que pode mudar o seu sentido, isto é, são inúmeros os seus possíveis destinos, é extremamente relevante que se reconstrua seu provável percurso, o qual, muitas vezes, encontra sérios obstáculos, tendo em vista a falta de documentação.

Observando sob esse viés, quanto mais forte e comprovável é determinada hipótese, mais provável é o étimo. Na Etimologia, comprovações ocorrem a partir de comparações consistentes e de dados históricos, isto é, são étimos improváveis, muitos dos publicados, tendo em vista que se estabelecem por meio de critérios pouco confiáveis, como a intuição e a erudição.

Quando se compromete a estudar o percurso etimológico de fraseologias, unidades essas que são formadas por mais de um item lexical, certamente depara-se

com questões ainda mais intrincadas. Primeiro porque há de se averiguar mais de um étimo; segundo, porque a natureza de muitas dessas unidades fraseológicas tende a ser baseada na idiomaticidade e, por isso, demonstram um alto valor metafórico. Outro ponto que dificulta os estudos etimológicos dessas expressões alia-se ao fato de, não raramente, elas serem mais comuns na oralidade, ou seja, faltam registros escritos para traçar a sua história. Provavelmente devido a esse conjunto de questões, são poucos os estudos etimológicos que exploram as UFs, o que é incoerente devido à ampla presença delas nas línguas, demonstrando ser uma demanda significativa o desenvolvimento de obras lexicográficas voltadas para essas expressões linguísticas.

Viaro (2014) sinaliza que já em Heráclito de Éfeso (*circa* 540-470 a.C.) é possível perceber, ainda que de maneira incipiente e sutil, o fato de que é inerente ao ser humano uma preocupação etimológica, mas essa curiosidade não tem sido garantia de critérios bem delineados para os estudos nessa área, uma vez que, ao longo da história, eles não exibiram uma evolução linear, sendo impactados por questões de cunho ideológico, como a influência da Igreja Católica.

As divergências metodológicas, teóricas e epistemológicas que se deram nesse percurso, embora nos dias de hoje já não sejam tão proeminentes no que se refere às lexias simples, são ainda problemáticas no que tange às UFs. O rigor metodológico do qual se fala surge do fato de que não é suficiente se valer da etimologia dos termos componentes para obter, satisfatória e fielmente, a etimologia do fraseologismo. Isso porque, dentre outros fatores, há os aportes de Leibiniz, apresentados por Viaro (2014), o qual acreditava que as palavras, tanto as lexicais quanto as gramaticais, contêm um significado inicial que, no transcorrer do tempo, modifica-se. Neste estudo, adota-se, portanto, uma abordagem etimológica, lexical e lexicográfica do tratamento dado às EI, ancorando-se, principalmente, na perspectiva de que a língua é um produto social e que, por essa razão, o uso de expressões, a maneira como o léxico se materializa por meio delas, deve ser o principal norte metodológico do empirismo etimológico. Assim, é também por meio de comparações, de regularidades e de correspondências que as UFs devem ser analisadas, e não a partir de uma suposição de que a soma das etimologias de seus componentes corresponde à sua.

1 METODOLOGIA

O primeiro ponto a ser detalhado no que concerne a metodologia deste estudo se insere na necessidade de se escolher uma unidade lexical a ser observada. Optou-se por estudar, dentre os variados tipos de fraseologismos, as expressões idiomáticas, uma vez que essas apresentam grande produtividade no português brasileiro. Mostrou-se importante, devido à extensão deste capítulo, selecionar apenas uma EI para análise, decidindo-se, assim, pela expressão *armar um barraco*.

Ainda é necessário realçar que a abordagem metodológica adotada é de cunho primordialmente qualitativo, ancorando-se em uma análise também conceitual, teórica, o que embasa parte dos questionamentos aqui levantados sobre o objeto de estudo.

Por ser este um estudo que busca trazer contribuições para as discussões que se destinam à parte etimológica da lexicografia, realizaram-se pesquisas em dicionários etimológicos e históricos, bem como em dicionários gerais da língua, averiguando se esses materiais contemplam todo o sintagma *armar um barraco*, ou se apenas as palavras lexicais que o compõem são abordadas. O critério comparativo lexicográfico foi, então, utilizado a fim de promover uma reflexão sobre as coincidências e as discrepâncias das entradas, bem como para acirrar a reflexão sobre a necessidade de se estipular critérios próprios para o estudo do percurso etimológico de fraseologismos. Por fim, utilizou-se também material autêntico em que a EI “armar um barraco” ocorre, depreendendo-se de tais textos o seu sentido mais usual e, novamente, utilizando-se o critério comparativo para comprovar que o significado da expressão se difere da soma dos étimos prováveis de cada uma das suas partes.

2 PROBLEMATIZANDO A ETIMOLOGIA DE FRASEOLOGISMOS

O léxico, como indica Ferraz (2006), devido à sua relação íntima com a cultura, é o elemento dos idiomas de maior impacto extralinguístico, tendo satisfatória competência lexical o usuário de uma língua capaz de utilizar, de reconhecer e de compreender efetivamente as palavras nas situações comunicativas que vivenciar. Resguardada a sua importância, é mister dissertar sobre as unidades fraseológicas, as quais são consideradas por muitos lexicólogos, dentre os quais o supracitado, como

parte do léxico especial. Apesar de reconhecida a sua importância, entre esses estudiosos não há, ainda, um consenso sobre o conceito desses sintagmas, mais um traço que reforça a necessidade de imergir em tal tema.

Considerando esse fato, adotou-se a seguinte noção exposta por Toledo e Martinez (2007): trata-se de um conjunto de combinações de palavras com determinado grau de fixidez e de idiomaticidade, o qual mescla aspectos lexicais e semânticos, associando-se, ainda, a um forte viés sintático. Também é viável dizer que os fraseologismos se subdividem de acordo com seu valor, mais denotativo ou mais conotativo, bem como é importante ressaltar um ponto que corrobora a importância de melhor estudá-los, o qual diz respeito ao fato de que, segundo Hoey (2005), as UFs representam o modo como a mente humana se organiza, pois as palavras se aparelham, no suprassistema mental, em grupos, e não individualmente, ou seja, esses sintagmas são a materialização da intensa atração que elas exercem umas sobre as outras, o que também se infere da obra de Saussure (1975).

Outro estudo que enfatiza a recorrência de unidades fraseológicas na língua é o de Bally (1951), o qual sinaliza aspectos que justificam a necessidade de elas serem uma preocupação para os estudos etimológicos. O autor relata as peculiaridades dessas combinações e afirma que, para uma apreciação mais apurada da evolução de um idioma, é de extrema importância observar como tal língua se materializa no cotidiano. Uma característica marcante da linguagem coloquial é a presença de um grande número de expressões formadas por combinações estáveis, dentre as quais se destacam as EIs. Muito embora sejam bastante fortes na linguagem rotineira, tais expressões são de difícil acesso etimológico por estarem mais atreladas à oralidade, assim mostrando-se pouco substanciosos os seus registros escritos. Gurillo (1997, p. 25) disserta sobre o quão associada à memória discursiva é a fraseologia:

El carácter enciclopédico de la fraseología, principalmente de los enunciados fraseológicos, facilita su empleo comunicativo, de modo que pueden servir, como decíamos, para redondear una opinión, resumir una idea o llevar a su conclusión. Cuando el hablante emplea un enunciado fraseológico con un fin ostensivo concreto considera que esse elemento de sabiduría popular puede aplicarse a ese contexto. Por su parte, el oyente es capaz de inferir los efectos contextuales en el implicados con facilidad, puesto que las implicaturas directas que conectan con este enunciado, previamente fijado

pragmáticamente, son fuertes y pueden recuperarse a partir del conocimiento enciclopédico almacenado en la memoria.¹²

No tocante às pesquisas lexicológicas e etimológicas, sabe-se que não só o léxico em si é objeto de estudo dessas áreas, mas todos os aspectos com os quais ele se relaciona, como a Fonologia, a Semântica, a Morfologia e a Sintaxe. Assim, cabe à Lexicologia, à Lexicografia e à Etimologia encarar os fraseologismos como geradores dos sistemas culturais e ideológicos, bem como reflexo deles. No entanto, o que se percebe em dicionários gerais é uma insistente ausência de tais sintagmas, realidade também percebida nos dicionários etimológicos. Isso ocorre, provavelmente, devido ao que Viaro (2011, p. 302) afirma sobre o tema:

(as expressões idiomáticas) são, na verdade, um dos maiores desafios da Etimologia científica, o que se contrapõe à facilidade com que os pseudoetimólogos chegam a soluções. Comparando com a Medicina, é tão difícil um pesquisador descobrir seus étimos quanto o é para um médico descobrir a cura para o câncer.

Essa realidade precisa ser revertida, novas pesquisas e critérios mais estáveis precisam ser estabelecidos diante da importância e das peculiaridades dessas estruturas, tendo em vista o fato de que as EIs, por exemplo, devem necessariamente ser encaradas sob o prisma da sua indecomponibilidade. A respeito disso, Xatara (1998) expõe que uma EI “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (p. 149). A autora ainda ressalta que tais expressões são necessariamente indecomponíveis, “salvo em uma perspectiva etimológica ou histórica”, isto é, sua afirmação apenas reitera a perspectiva de que as possíveis mudanças que uma palavra pode sofrer em sua trajetória também são previsíveis no que se refere aos fraseologismos.

O idiomatismo, isto é, as construções peculiares a uma língua, são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência (BIDERMAN, 2001). Embora seja necessário desconsiderar suas partes como unidades

¹² Tradução: O caráter enciclopédico da fraseologia, principalmente dos enunciados fraseológicos, facilita seu emprego comunicativo, para que eles possam servir, como mencionado, para completar uma opinião, resumir uma ideia ou levar a uma conclusão. Quando o falante usa um enunciado fraseológico com um fim ostensivo concreto, considera que esse elemento da sabedoria popular pode ser aplicado a esse contexto. Enquanto isso, o ouvinte é capaz de inferir efeitos contextuais facilmente, uma vez que as implicaturas diretas relacionadas com esta declaração, já definidas pragmaticamente, são fortes e podem ser recuperados a partir do conhecimento enciclopédico armazenado na memória.

semânticas, já que o significado não se dá na simples somatória dessas partes, os significados literais podem, muitas das vezes, auxiliar no entendimento do significado conotativo da expressão.

A partir dessa perspectiva, mostra-se forte a ideia de que as EIs, como *bater as botas*, *rodar a baiana* e *dar com os burros n'água*, não são resultado de um mero aglomerado de palavras, mas convenções sintático-semânticas regulares, as quais são aceitas, reconhecidas e reproduzidas por determinado grupo de falantes. Esse conjunto de aspectos mostra ser de fato importante pensar em critérios etimológicos específicos para elas, os quais devem englobar as etimologias individuais das partes componentes, mas não devem se restringir a elas.

O fazer etimológico de fraseologismos, portanto, mostra-se ainda mais complexo do que o usual. Um dos motivos que levam a isso se ampara nas inúmeras histórias que circundam esses sintagmas, fato que se torna mais fecundo devido ao seu valor metafórico. Viaro (2014) corrobora tal afirmação ao dizer que não são poucas as historinhas criadas para explicar expressões como *estar na pindaíba* e *onde Judas perdeu as botas*. Alguns pretensos etimólogos criam essas explicações apenas com finalidades de lazer para seus leitores leigos, sem se empossar de nenhum critério etimológico sério, ou seja, reverberando a denominada etimologia popular, que pode ser definida como a ausência de comprovações etimológicas por meio das ferramentas de fato sérias, como as leis fonéticas e as analogias. Embora Viaro (2014) a considere de viés analógico, percebe-se que não há justificativa diacrônica, apenas a busca inconsciente de um nexo causal entre palavras que não são de fato cognatas, valendo-se, para isso, do fator frequência de uso.

Outro aspecto sinalizado pelo autor que merece destaque é o viés corretivo e coercitivo imposto por alguns gramáticos no que diz respeito a essas expressões. Essas correções desencadeiam, indubitavelmente, modificações que podem levar a dificuldades ainda maiores ao se propor um estudo etimológico sério de EIs.

A correção de expressões é incondizente com a ciência etimológica e não pode sequer ser chamada de Etimologia, da mesma forma que a Astrologia não é Astronomia. De fato, ouvindo-as para justificar étimos, chegamos até a concordar com Fernão de Oliveira, quando ceticamente diz, já em 1536, que as etimologias são mentiras desnecessárias. (...) Observe, contudo, que quando não são totalmente inventadas, essas correções são, no mínimo, imprecisas. (...) As soluções etimológicas logicizantes, quando não são fantasiosas, na melhor hipótese, são frutos de incúria. (VIARO, 2011, p. 301)

Ainda se encontra como empecilho a tais estudos a crença de que o significado oferecido pela Etimologia é exatamente o sentido da palavra ou da expressão no presente, o que pode gerar uma falácia etimológica. Isso porque, em muitos dos casos, mudanças semânticas ocorrem ao longo do tempo, no entanto elas são desconsideradas por aqueles que apenas se importam com o sentido original. O deslocamento semântico, por exemplo, é um fenômeno que comprova a mutabilidade natural dos idiomas e se manifesta de maneiras variadas.

É interessante observar que certos itens lexicais passam pela extensão, que remete à produtividade do sentido de determinado item lexical, o qual aumenta em número com o passar do tempo. Em contrapartida, o estreitamento leva a uma situação contrária à supracitada. Os neologismos ou aparecimentos ocorrem devido à necessidade que determinadas comunidades linguísticas têm de nomear invenções, fenômenos emergentes. Os fraseologismos, como as EIs, são unidades semânticas vulneráveis a todos esses processos.

Outro ponto a ser observado no que se refere ao estabelecimento da etimologia de EIs é que algumas delas são mais fáceis de serem delineadas do que outras, mas, geralmente, como bem sinaliza Viaro (2011, p. 302), “as expressões idiomáticas têm seus étimos ligados a um substrato expressivo muito difícil de perscrutar, a saber, a linguagem coloquial de sincronias pretéritas”. Trata-se, como se viu, de uma esfera ainda a ser explorada pela Etimologia. A necessidade de fazê-lo se embasa na grande produtividade dessas expressões nas línguas, mas é fundamental compreender as suas peculiaridades, já que esse é o primeiro passo para o estabelecimento de uma metodologia de fato eficiente.

3 EM BUSCA DO ÉTIMO PROVÁVEL

Ao se analisar um fraseologismo, como dito anteriormente, é necessário estar ciente de que o percurso etimológico dessas lexias não necessariamente coincide com a soma dos percursos de suas partes. A fim de comprovar que é urgente e necessário um maior investimento em obras lexicográficas voltadas para as unidades fraseológicas, buscou-se, por meio de pesquisas em alguns dicionários etimológicos, traçar o étimo

provável das duas palavras lexicais que compõem *armar um barraco*: o verbo *armar* e o substantivo *barraco*. Intencionou-se, a partir dessa busca, compreender se o percurso histórico dessas palavras tem influência literal no seu significado atual.

Primeiramente, a partir da sugestão encontrada na sessão sobre expressões idiomáticas da obra *Etimologia*, do professor Mário Eduardo Viaro (2014), utilizou-se a ferramenta de busca *Google Books*¹³ para verificar textos autênticos em que ocorrem a EI a ser observada. Com isso, pretendeu-se compreender de modo mais objetivo o principal valor semântico do sintagma, além de ressaltar a data mais antiga em que ele ocorreu nas obras abarcadas pelo site, a qual, no caso, é 2006. Pode-se inferir disso que não se trata de uma expressão secular, mas não é possível ter certeza desse fato. Uma das primeiras sugestões que a busca por “armar um barraco” oferece no *Google Books* é a de uma entrada em um dicionário de expressões populares do português brasileiro. A obra denominada *É conversando que a gente se entende* tem como autor Néelson Cunha Mello (2009) e apresenta a seguinte definição: “Armar um barraco: mostrar-se ríspido, grosseiro, grosso; engrossar; provocar escândalo ou criar confusão em público. Exemplo: armou um barraco quando encontrou o marido com outra.” (p. 72)

É evidente que o verbete não apresenta informações etimológicas, muito embora, ainda que de modo sucinto, destaque uma definição satisfatória da EI estudada, o que pode ser averiguado a partir da aferição do seu sentido nas três seguintes ocorrências em textos autênticos:

1. “- Pior que voltei a achar mesmo, Cabeludo. Mas eu voltei naquela história: eu acho, mas não tenho provas – mas um dia, eu juro que eu terei. Só que agora a minha prioridade é conquistar a Iris, é claro.
- Só véi, que loco. Mas como é que pode, hein fi? Como é que pode a pessoa *armar um barraco* daquele tamanho num restaurante, igual o Dudu fez?
Ao dizer isso, Cabeludo parecia ter esquecido de que nós estávamos presenciando um barraco muito parecido ali mesmo (...).” (CIDADE, 2015, p. 209? [grifo nosso]);
2. “Chego na recepção e percebo que *armar um barraco* com a secretária não é exatamente uma atitude feminina. Afinal, ficar xingando e criando caso à toa é um comportamento tipicamente masculino, não?” (PRATA, 2006, p. 119 [grifo nosso]).

¹³ <<http://books.google.com>>

3. “O que você provou com tudo isso, Beti?”, pergunta Zé Roberto. “Além da sua competência para *armar um barraco* antológico e destruir um aniversário de casamento?”. (BELLOTTO, 2013, p. 78 [grifo nosso]).

Desse modo, fica claro que, no seu emprego geral, a expressão *armar um barraco* carrega em si o significado de causar um escândalo, promover uma briga, criar uma confusão. Mostra-se relevante, a partir de agora, verificar como as obras lexicográficas mais tradicionais encaram-na, em especial as de função etimológica.

O *Dicionário Caldas Aulete Digital*, por ser *online*, apresenta constante atualização. Essa característica, no entanto, não se mostrou suficiente para o sucesso da busca de *armar um barraco* enquanto verbete. Na entrada do verbo *armar* do dicionário geral em questão, é curioso perceber que a expressão, tão comum na linguagem coloquial de parte das regiões brasileiras, não é exposta, ao passo que a sua versão literal encontra-se presente em um dos exemplos. O exemplo “armar uma barraca” foi utilizado, no caso, para ilustrar o uso do verbo “armar” como juntar ou acoplar as partes de algo, de uma estrutura: “armar uma barraca, uma rede, um brinquedo”. O critério do *Caldas Aulete* para a inserção de EIs certamente é o de priorizar o substantivo, o que soa um pouco incoerente em casos como *armar um barraco*, em que a função da EI é verbal.

1. Habitação pobre e tosca, ou com instalações precárias, esp. a que é construída em favela; BARRACÃO
[F.: De *barraca*]

Armar um (o maior) barraco

1 Bras. Gír. Criar confusão, fazer tumulto.

Ainda é importante observar que o fraseologismo em análise, em tal obra lexicográfica, é considerado uma gíria, o que é um sério erro conceitual. No dicionário de Nascentes (1955), que é uma obra lexicográfica etimológica, não foi encontrada entrada para *armar*, tampouco para *barraco*. Verificou-se em *armação* se poderia haver traços semânticos que a aproximassem de *armar*, no entanto as informações oferecidas pareciam insuficientes, uma vez que apenas havia referência a um bairro de Niterói com esse nome, além da indicação de um armazém onde se extraía azeite de baleias. A palavra *barraca* foi encontrada nessa obra e, em sua acepção, consta que se trata de um

sobrenome. Em contraste com as obras lexicográficas a serem expostas a seguir, nota-se que a supracitada mostra-se destoante.

Machado (1956) oferece ao seu leitor informações mais completas sobre o étimo de *armar*, sinalizando, por exemplo, que se trata de uma palavra de origem latina, ainda oferecendo um exemplo do século XIII em que a palavra aparece com o sentido de “equipar”, “munir”, “prover”, o que a torna, semanticamente, próxima do seu uso atual. Novamente, não havia entrada para *barraco*, mas sim para *barraca*, a qual sinalizava que se trata de uma etimologia ainda não esclarecida. Apesar disso, o autor informa que há provável relação com *barro*, de origem ibérica, cujo sentido primitivo seria “reparo de barro”. Ainda considera-se possível que derive da base que forneceu *barra* e, se assim for, significa, em sua origem, “construção de tábuas, de barras”. Outra hipótese é que a palavra proviria por via fenícia, do arcádio *parakku*, que designa o templo ou a residência real. Muito embora a origem de *barraca* seja incerta, acredita-se se tratar de um item lexical pré-românico.

Outra fonte a que se recorreu foi o *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Na sessão denominada *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, atestou-se a presença do verbo *armar* (do lat. *armare*). Muito embora não sejam explícitas as relações que levariam à EI em estudo, é relevante sinalizar que em uma das entradas do vocábulo indica-se uma composição que se assemelha a uma expressão idiomática, com um teor metafórico substancial.

ARMAR CAVALEIRO

1 receber ordem de cavalaria

arma-se cavaleiro alguém

[— SN]

S15

LHB

E depois em dia de sabado ajuntaramsse todos e **armaramsse cavaleiros** e estiveram apercebudos.

alguém arma cavaleiro alguém

[— SN]

De todas essas pesquisas, depreende-se que é insuficiente observar as partes de uma expressão idiomática em sua análise etimológica. Isso ocorre porque, como se viu, muitas das vezes, os étimos das partes se mostram oscilantes, em construção. Para além

disso, é necessário perceber que, em relação à EI *armar um barraco*, nem o étimo das palavras que compõem a expressão nem o seu sentido atual são suficientes para compreendê-la na atualidade ou mesmo para traçar o seu percurso etimológico. Assim, verifica-se que tanto os dicionários gerais quanto os lexicográficos parecem pouco capacitados para lidar com as demandas dos verbetes desses fraseologismos.

CONCLUSÕES

A Etimologia tem se mostrado uma ciência de extrema relevância para a sociedade ao se ocupar da gênese das palavras. No que se refere aos estudos fraseológicos, porém, esse nicho da Linguística demonstra, como a Linguística em geral, ainda imaturo, sendo necessários, por exemplo, investimentos lexicográficos para melhor sistematizá-lo, tendo em vista a precariedade de materiais confiáveis que se ocupem do percurso etimológico de tais sintagmas. Partindo da breve pesquisa lexicográfica que se estabeleceu a respeito da expressão idiomática *armar um barraco*, vem à tona alguns aspectos e algumas propostas para estudos futuros. Muito embora os verbetes destinados às partes lexicais desse fraseologismo serem, indubitavelmente, relevantes para a averiguação do seu percurso etimológico, é importante esclarecer que é insuficiente resumir a etimologia das EIs à junção desses itens. Desse modo, é válido estipular uma metodologia que seja eficiente diante das peculiaridades desses fraseologismos, assumindo, portanto, que as expressões idiomáticas e que a fraseologia em geral são veredas a serem exploradas pela Lexicografia e pela Etimologia.

REFERÊNCIAS

- AULETE, C. Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em 2 de julho de 2016.
- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1951.
- BELLOTTO, T. *Machu Picchu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- CIDADE, G. M. *Os moleques da rua 13*. Joinville: Clube de autores, 2015.
- CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt>> Acesso em 7 de julho de 2016.
- DURKIN, P. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: OUP, 2009.
- FARIA, E. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
- FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, p. 219-234, 2006.
- GURILLO, L. R. Relevancia y fraseología: la desautomatización em la conversación coloquial. In: JIMENÉZ, L. N; TORREGO, L. G. (Orgs.). *Español Actual*. Porto Alegre: Sagra, 1997, p. 21-30.
- HOEY, M. *Lexical Priming. A new theory of words and language*. London: Routledge, 2005.
- MELLO, N. C. *Conversando é que a gente se entende*. São Paulo: Leya, 2009.
- NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- PRATA, L. *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor*. São Paulo: Marco Zero, 2006.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- TOLEDO, P. F.; MARTINEZ, F. M. El papel de la fraseología en El discurso publicitario: sugerencia para un análisis multidisciplinar. *Pensar la publicidade*, v. 1, n 1, 2007, p. 181-198.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. Uma breve história da etimologia. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. spe, dez. 2013, p. 27-67. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15ispep27-67>> Acesso em 7 de julho de 2016.
- XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. *Revista Alfa*. v. 42, São Paulo, 1998, p. 169-176. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4274/3863>> Acesso em 21 de setembro de 2016.
- WEINREICH, U. *Languages in contact*. Paris: Mouton, 1970.

PORTANTO E POURTANT: UMA PROPOSTA ETIMOLÓGICA

Juliana Sander Diniz¹⁴
sanderdinizju@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem por motivação as considerações levantadas por Viaro (2011) acerca das idiossincrasias das mudanças semânticas sofridas pelas línguas no decorrer do tempo. Ao tratar de tais mudanças, o autor faz a seguinte asserção: “A pesquisa etimológica é particularmente útil na questão dos ‘falsos amigos’, em que se revelam mudanças semânticas importantes para o ensino de línguas.” (VIARO, 2011, p. 231).

Assim, pensando na dificuldade imposta pelos falsos cognatos à aprendizagem de uma língua estrangeira, em função de sua semelhança formal e fonética com um termo da língua materna do aluno, buscou-se analisar etimologicamente um par de lexemas que frequentemente gera problemas no ensino de francês a brasileiros. Os termos eleitos foram os itens lexicais *portanto*, do português, e *pourtant*, do francês; escolhidos, especialmente, por apresentarem significados opostos.

No entanto, a partir das considerações de Sabino (2006), faz-se necessário distinguir os termos *falsos cognatos*, ou *falsos amigos*, de *cognatos enganosos*. Segundo a autora, os dois primeiros designam palavras que não possuem a mesma origem, enquanto a última expressão se refere a palavras que se assemelham e também possuem mesmo étimo.

Objetiva-se, por meio de uma reconstrução do percurso etimológico de ambos os itens, verificar se os mesmos teriam um étimo em comum, ou étimos diferentes, e analisar se teriam apresentado sentidos divergentes desde seu surgimento, nas línguas francesa e portuguesa. Tal reconstrução partiria do presente, remontando ao passado originário dos termos. Concomitantemente, define-se como hipótese que os dois termos

¹⁴ Licenciada em Letras - Português/Francês na UFMG; Mestranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

possuam o mesmo étimo, e, por esse motivo, acredita-se que, ao surgirem, teriam apresentado sentido equivalente durante algum tempo. Consta ainda na hipótese deste trabalho, que uma das duas palavras teria sofrido mudança semântica em um dado momento, seja no francês ou no português, o que teria originado sua configuração atual como *cognatos enganosos*, e não *falsos cognatos*.

1 UMA BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Será apresentada, a seguir, uma sucinta revisão da literatura referente aos *falsos cognatos*, os *cognatos enganosos* e a mudança semântica.

Segundo Marilei Sabino (2006), os termos *falsos cognatos* e *cognatos enganosos* não poderiam ser considerados sinônimos e nem poderiam servir para designar um mesmo fenômeno. A autora ressalta que:

Geralmente as obras publicadas e disponíveis no mercado, intituladas como sendo de falsos cognatos, arrolam, indiscriminadamente, tanto os vocábulos que têm etimologia comum, quanto aqueles originários de étimos diferentes, agrupando, portanto, todos eles sob o rótulo de falsos cognatos. O que acontece, na verdade, é que muitas dessas unidades lexicais são verdadeiros cognatos e atribuir-lhes o nome de falsos cognatos não parece ser sensato. (SABINO, 2006, p. 255)

Assim, seria primordial distinguir os *falsos cognatos* dos *cognatos enganosos*. Os primeiros seriam, sob a definição de Sabino, unidades lexicais que pertencem a duas (ou mais) línguas distintas que, apesar de advirem de étimos diferentes resultaram – em função das evoluções fonéticas que sofreram, ao longo do tempo – em unidades lexicais ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, com valores semânticos muito distantes entre si. Um exemplo de *falsos cognatos*, apresentado pela autora, seriam os termos *cute* (ing.) e *cute* (port.), sendo o primeiro originário do latim *acutus* (*sharp*, “agudo”), enquanto o segundo advém do latim *cute* (*cutis*, “pele”) (SABINO, 2006, p. 256). O termo em inglês possui, atualmente, o sentido de “gracioso”, diferente da ideia de “pele, tez”, expressa em português.

Já os *cognatos enganosos* seriam também lexemas de duas ou mais línguas distintas, mas que seriam, no entanto, provenientes de um mesmo étimo. Assim, tais termos seriam idênticos ou semelhantes nos parâmetros ortográficos e/ou fonológicos, porém, por terem sofrido evoluções semânticas diferentes, possuiriam sentidos

diferentes no momento presente. É importante ressaltar que tais mudanças poderiam ter acontecido em apenas uma das línguas, ou nas duas. Logo, há a possibilidade, tal qual afirma Sabino (2006, p. 255), de que os itens lexicais “conservem traços semânticos comuns, ou ainda, que os sentidos originariamente apresentados por esses pares de unidades lexicais tenham se distanciado tanto, em ambas as línguas – tornando-se, por vezes, até antagônicos – a ponto de não parecerem ser vocábulos cognatos”.

Como exemplo de *cognatos enganosos*, têm-se os lexemas *attend* (ing.) e *atender* (port.), sendo ambos originários do étimo latino *attendere*. Seus sentidos, entretanto, diferem-se, atualmente, sendo o termo em inglês usado para significar: “frequentar (escola); assistir (a aulas)” (SABINO, 2006, p. 256); enquanto o verbo em português possui a ideia de “dar atenção a; prestar auxílio a”.

A mudança semântica que os *cognatos enganosos* teriam sofrido é tratada por Viaro (2011), ainda que essa terminologia específica não seja por ele empregada para tratar dos lexemas. Segundo o autor, as mudanças semânticas são imprevisíveis e ocorrem, às vezes, de maneira independente e concomitantemente em línguas distintas, podendo, de modo geral, justificar teorias acerca dos mecanismos da linguagem. Muitas dessas mudanças se dão em função de processos de analogia. A analogia é o conjunto de mudanças, envolvendo fenômenos cognitivos, que promovem a regularização dos mesmos paradigmas, anulando informações passadas – podendo ser um processo produtivo na formação de *cognatos enganosos*.

Logo, verifica-se a importância da pesquisa de cunho etimológico, no intuito de elucidar possíveis confusões trazidas por esses termos tão similares fonológica e ortograficamente.

2 METODOLOGIA

A fim de desenvolver uma análise dos termos *portanto* (port.) e *pourtant* (fr.), tendo como intuito verificar sua configuração como *cognatos enganosos* ou *falsos cognatos*, este capítulo buscou investigar os étimos de tais lexemas. A reconstrução partiu do presente, recuando no tempo, até suas formas passadas que foram possíveis de ser atestadas.

Para tal, foi adotado como procedimento metodológico, primeiramente, a pesquisa em dicionários de língua portuguesa e língua francesa, buscando atestar definições atuais para ambas as conjunções. Em seguida, realizou-se uma busca de tais termos em dicionários etimológicos das duas línguas, além do *Proto-Indo-European Dictionary Translator*, a fim de remontar seus étimos.

A título de contextualização dos itens lexicais e verificação de sua existência e uso em diferentes séculos, recorreu-se, como ferramentas adicionais, ao *Corpus do Português* e ao *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (CNRTL) – plataformas disponíveis *online*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A busca realizada em dicionários atuais de línguas portuguesa e francesa revela a divergência semântica entre os lexemas *portanto* e *pourtant*, apesar de sua semelhança formal. O dicionário *online* *Caldas Aulete (AULETE Digital)* apresenta a seguinte definição:

(**por.tan.to**)

conj. concl.

1. Palavra us. para introduzir oração que contém conclusão retirada a partir de razões ou informações expostas na oração anterior; CONSEQUENTEMENTE; LOGO; POR CONSEQUINTE: *Fiz duas provas; faltam, portanto, mais três.*

[F.: *por + tanto.*]

Já o termo francês foi buscado no dicionário *Le Petit Robert (ROBERT et alii, 2013)*:

“**POURTANT** [purtã] **adv.** – fin XII^e – de *pour* et *tant*. Adverbe marquant l’opposition entre deux choses liées, deux aspects contradictoires d’une même chose. -> **cependant, mais, néanmoins, toutefois**”¹⁵.

¹⁵ Tradução nossa: **POURTANT** [purtã] **adv.** – fim do século XII – de *por* e *tanto*. Advérbio que marca a oposição entre duas coisas ligadas, dois aspectos contraditórios de uma mesma coisa.

Verifica-se, assim, divergência semântica entre *portanto* e *pourtant* nos dias atuais, visto que em português a palavra expressa uma conclusão feita a partir da oração anterior, enquanto na língua francesa tem-se um emprego que marca uma oposição entre duas orações, ou dois aspectos contraditórios de uma mesma coisa. Além disso, é interessante ressaltar que os itens são atribuídos a diferentes classes de palavras nas duas línguas, sendo *portanto* uma conjunção conclusiva, enquanto *pourtant* é classificado como um advérbio.

3.1 *Portanto* e sua etimologia

Recorrendo a dicionários etimológicos, primeiramente do português, destaca-se no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA *et alii*, 1986):

“**portanto** conj. ‘logo, por conseguinte’ XIV. De POR + TANTO”.

Assim, buscaram-se as entradas *por* e *tanto*, no mesmo dicionário, sendo encontrado o seguinte:

por prep. XIII. Do lat. tardio *por*, forma metatética do cláss. *prō*, que, originariamente, significa ‘diante’ e, por extensão, ‘em lugar de, segundo, etc’; no lat. clássico já se documentam também formações do tipo *porricere* ‘lançar’, *portendere* ‘anunciar’ etc. No a. port. a prep. *per* (<lat. *per*) concorria com *por*, pelo menos até meados do séc. XVII. A ant. prep. *per* vive ainda em algumas expressões do tipo *de per si*, *de per meio e*, bem assim, nas combinações com o art. e pron. *o*, *a*, *os*, *as*: *pelo* (< *pello* < *pel-* [com assimilação do -r de *per*] + *lo* [forma ant. do art. e pron. *o*]). Frequente também no port. med. era a prep. *par*, deriv. do fr. *par* (< lat. *per*).

tanto pron. ‘tão grande, tamanho’; sm. ‘porção indeterminada’; adv. ‘tantas vezes’ | XIII, *atanto* XIII | Do lat. *tantus tanta* || **CONTanto** (QUE) loc. conj. ‘sob condição de que, uma vez que’ 1899. De COM + tanto || **tamPOUCO** adv. ‘também não’ 1858. De *tão* + **POUCO** || **tão** adv. ‘tanto’ | XVI, *tan* XIII, *tam* XIV | Do lat. *tam* (ou apócope de *tantum*).

Outras definições foram encontradas, tais como as de Bueno (1974), no Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa:

“**Portanto** – conj. consecutiva e conclusiva. De por tanto, por isso, por esta razão.”

“**Por** – preposição que substitui per, só usada, na língua atual, em de per si, de per meio. Alteração do lat. pro.”

“**Tanto** – adj. Indica porção, quantidade, múltiplo. Lat. tantus, a, um.”

Já o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (NASCENTES, 1952-55) não apresenta atestação do lexema portanto, mas traz as seguintes definições etimológicas a seus termos formadores por e tanto:

“POR – Do lat. pro, diante de (Diez, Dic., 254, A. Coelho, M. Lübke, Gram., III, 480, REW, 6762, Nunes, Gram., Hist. 361). Cornu derivou do lat. per com labialização do e por influência do p (Romania, XI, 94); v. G. Viana, Muséon, 1884. Ortografia Nacional, 183. Grandgent, Vulg. Lat., n. 14, supõe um lat. *por, que substituiu per e pro na Espanha e na Gália Setentrional. Esp. por, fr. pour.”

“TANTO – Do lat. tantu, tão grande, que substituiu tot; esp., it. tanto, fr. tant. V. Bourciez, Ling. Rom., 105.”

Após a verificação do termo nos três dicionários etimológicos, conclui-se que, em língua portuguesa, a palavra portanto, de formação originária de por + tanto, poderia advir dos seguintes étimos latinos: por/pro/per + tantus/tanta/tantu/tantum. A fim de melhor verificar tais étimos propostos pelos dicionários acima citados – buscando tornar ainda mais completa a reconstrução do percurso etimológico da palavra estudada – os mesmos foram testados no Proto-Indo-European Dictionary Translator, de modo que apenas as formas latinas pro e tantus atestaram correspondência no indo-europeu, sendo elas:

- pro (lat.) < prō(d) (PIE)
- tantus (lat.) < tawntos (PIE)

Dando continuidade ao estudo, com base em Cunha (1986), a palavra *portanto* apresentaria ocorrência no português desde o século XIV. Tal asserção feita pelo dicionarista pôde ser comprovada a partir da pesquisa desse termo no **Corpus do Português**, no qual as primeiras atestações da palavra são realmente trecentistas¹⁶. Os exemplos a seguir demonstram como, desde suas primeiras ocorrências, *portanto* já era empregada com valor de conjunção consecutiva e conclusiva:

“...Johãne estevez vareiolla A qual Luzía domingujz Era ffinada deste mondo E que **portanto** dissera e Requerera a Gonçalo martijz come Erdey’ro da dita Luzía domingujz...” (13:CIPM:CHP13)¹⁷

“...Luzía domingujz teuera do dito moestey’ro ao tempo da sa morte disse que **portanto** quería tomar A pose da dita vînha que chamã o Conchouso...” (13:CIPM:CHP13)

3.2 A confusão entre *pourtant* e *portanto* se deu até que ponto?

A busca etimológica pela palavra francesa *pourtant* foi realizada no *Dictionnaire Etymologique de la Langue Française* (DAUZAT, 1938), onde foi possível atestar:

pourtant. V. TANT.

tant (XI^e s.), du lat *tantum*. – Dér. et comp.: **pourtant** (*portant*, id.; « pour cela » en anc. et moyen fr.)

pour (*pro*, forme latinisante, 842, *Serments*; *por*, X^e s., Eulalie, etc.), du lat. *prō*, devenu *por* en lat. vulg. (*proprem*. « devant », par ext. *pour*, en faveur de)¹⁸

Em Bloch e Wartburg (1949), nota-se também a palavra *pourtant* dentro da entrada de *tant*, com a seguinte definição:

¹⁶ Foram encontradas quatro ocorrências da palavra *portanto*, no século XIV, no **Corpus do Português**.

¹⁷ Referência conforme notação apresentada pelo **Corpus do Português**. A verificação das referências completas não foi possível em função de erros apresentados pela plataforma.

¹⁸ Tradução: **tant**. (século XI), do lat *tantum*. – Der. e comp.: **pourtant** (*portant*, id.; “por isso” em francês antigo e médio.)/ **pour** (*pro*, forma latina, 842, *Serments*; *por*, século X., Eulalie, etc.), do lat. *prō*, tornou-se *por* em lat. vulg. (*proprem*. “diante de”, por extensão: *pour*, “em favor de”).

“**pourtant**, XII^e jusqu’au XVI^e s. signifie « à cause de cela » ; sens moderne, né de l’emploi de cette expression dans des phrases négatives, depuis fin XVI^e”¹⁹.

Assim, verifica-se que o termo advém de *pour + tant*, sendo o primeiro item originário do étimo latino *pro*, e o segundo do latim *tantum*. Ambos os étimos também foram encontrados previamente neste trabalho, no caso da reconstrução do termo do português. Logo, é possível, neste ponto, atestar que as palavras *pourtant* e *portanto* teriam processos de formação análogos, tendo sido originárias de dois mesmos étimos latinos. Conforme Sabino (2006), esse par de lexemas configura, desse modo, *cognatos enganosos*, e não *falsos cognatos* – tal qual era previsto pela hipótese do presente estudo.

Cabe ainda tratar dos processos de mudança semântica que algum dos termos teria sofrido. Fica evidente, a partir das definições dadas pelos dicionários etimológicos da língua francesa, que a mudança ocorreu no termo *pourtant*. Ressalta-se que, no caso de *portanto*, foi encontrado sempre o mesmo emprego semântico, desde suas primeiras ocorrências no português, no século XIV.

Foi colocado pelos dicionários acima que *pourtant*, em francês antigo e médio (ou dos séculos XII ao XVI) era uma palavra empregada com o sentido de “por isso, por causa disso”²⁰. A partir do final do século XVI, no entanto, o termo passara a ser empregado em seu sentido atual (“entretanto”, “contudo”), devido ao seu constante uso em sentenças negativas. Tal processo foi também descrito por Clédat (1912, p. 618): “Pourtant équivaut aussi à: à cause de cela même; ce mot n’a d’abord eu sa valeur actuelle que dans les phrases négatives: il avait promis de venir, on ne l’a pourtant pas vu (on ne l’a pas vu davantage pour cela)”²¹.

Uma pesquisa adicional ao *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (CNRTL) revela também a mudança de sentido sofrida pela palavra analisada:

¹⁹ Tradução nossa: **pourtant**, século XII até século XVI significa “por causa disso”; sentido moderno, nascido do emprego dessa expressão em frases negativas, a partir de fins do século XVI.

²⁰ Tradução nossa.

²¹ Tradução nossa: *Portanto* equivale também a “por causa disso mesmo”; essa palavra não teve a princípio seu valor atual a não ser em frases negativas: ele havia prometido vir, portanto, não o vimos (não o vimos mais por isso).

POURTANT, adv. **Étymol. et Hist. 1.** *Ca* 1160 «à cause de cela, pour cette raison» (*Eneas*, éd. J. J. Salverda de Grave, 7091); *ca*1165 (BENOIT DE STE-MAURE, *Troie*, éd. L. Constans, 17365); **2.** *ca* 1445 marque l'opposition «malgré cela, cependant» dans une phrase nég. (PIERRE DE HAUTEVILLE, *La Confession et Testament de l'amant trespasé de deuil*, éd. R. M. Bilder, 632: Ne **pourtant** croiez que remecte Ou pardonne de vraye science A la mort mauldicte et infaicte); 1588 dans une phrase affirm. (MONTAIGNE, *Essais*, éd. P. Villey et V. L. Saulnier, I, 3, p.18); *id. mais pourtant* (ID., *op. cit.*, I, 43, p.270; III, 7, p.916; III, 10, p.1014). Comp. de *pour** et de *tant**.

Logo, acredita-se que o uso da palavra *pourtant* em frases negativas tenha motivado um processo de analogia (VIARO, 2011), no qual o termo, indicador de oposição em estruturas de negação, passou a indicar oposição em toda e qualquer estrutura da língua francesa. Assim, a mudança semântica teria ocorrido a partir da extensão do significado em sentenças negativas a outras frases – afirmativas e interrogativas, por exemplo – em função da associação cognitiva feita pelos falantes.

Desse modo, o sentido original do termo em francês foi anulado a partir do século XVI, quando o mesmo se distanciou de seu cognato em língua portuguesa (que já estaria em vigor na língua há cerca de dois séculos). Nesse momento, teriam sido concebidos os *cognatos enganosos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, retoma-se que os termos *portanto* e *pourtant* teriam sido originários de processos de formação análoga (*por* + *tanto* e *pour* + *tant*), sendo ambos advindos dos mesmos étimos latinos. Tais étimos, por sua vez, também puderam ser verificados em formas ainda mais antigas, a partir do indo-europeu. Por possuírem mesmos étimos, as palavras puderam ser classificadas como *cognatos enganosos* (cf. SABINO, 2006), o que acabou atestando a hipótese desenvolvida nesta pesquisa.

Pourtant teria surgido primeiramente no francês (século XII) e, posteriormente, a palavra *portanto* foi atestada no português (século XIV). Conclui-se, assim, que *portanto* e *pourtant* teriam possuído sentido equivalente por cerca de dois séculos, até fins do século XVI, quando o termo francês sofreu mudança semântica, sob influência de seu uso em sentenças negativas, passando a possuir sentido oposto ao de seu cognato português.

REFERÊNCIAS

- AULETE Digital. *Dicionário Caldas Aulete*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em 25 de julho de 2016.
- BLOCH, O.; WARTBURG, W. von. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos; contribuições do tupi-guarani*. Santos; São Paulo: Brasília, 1974.
- Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/etymologie>> Acesso em 25 de julho de 2016.
- CLEDAT, L. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Hachette, 1912.
- CUNHA, A. G.; MELLO SOBRINHO, C. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em 25 de julho de 2016.
- DAUZAT, A. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Librairie Larousse, 1938.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: Acadêmica, 1952-1955.
- PROTO-INDO-EUROPEAN DICTIONARY TRANSLATOR. Disponível em: <<http://indo-european.info/translator-dictionary/>> Acesso em 25 de julho de 2016.
- ROBERT, P.; REY-DEBOVE, J.; REY, A. *Le petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2013.
- SABINO, M. A. Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática. *Revista Alfa*. São Paulo, v. 50, n. 2, p. 251-263, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1422/1123>> Acesso em 16 de setembro de 2016.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

**UPAR, FARMAR E TANKAR:
ORIGEM DE NEOLOGISMOS DO ROLE-PLAY GAME**

Wellington Araujo Mendes Junior²²
wellington.matt@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o avanço tecnológico das últimas décadas, a *internet* e os meios eletrônicos de comunicação se mostram cada vez mais importantes para o enriquecimento das áreas referentes à lexicologia e à terminologia. A utilização do espaço digital como substrato de novas situações comunicativas tem despertado o interesse de muitos linguistas, pois, como afirma Lévy (2000, p. 13) “é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata”.

Uma das principais formas de acesso da tecnologia para crianças e adolescentes é o jogo digital. O primeiro contato com equipamentos eletrônicos na infância acontece, muitas vezes, por meio de um videogame (SAVI; ULBRICHT, 2008). Contemporaneamente, os jogos eletrônicos passaram a ser um importante meio de lazer e comunicação. Assim como fóruns, *blogs* e redes sociais, eles também compõem grande parte da interação e da linguagem escrita utilizada na *internet*.

De acordo com Abreu (2010), é frequente a utilização da chamada escrita digital em boa parte dos textos escritos por usuários da *internet*. Isso envolve particularidades, como abreviações inusitadas, ausência de pontuação, troca de letras para indicar uma proximidade maior com a fonética, estrangeirismos, neologismos, dentre outros.

Assim como na *web*, a linguagem utilizada nos jogos eletrônicos apresenta traços híbridos que extrapolam os limites entre fala e escrita. Isto significa que “os

²² Licenciado pleno em Letras/Inglês na Universidade Estadual de Montes Claros; Especialista em Ensino de Língua Inglesa na UFMG; Mestrando em Estudos Linguísticos na UFMG.

elementos próprios da escrita e os da oralidade se fundem harmonicamente nestas interações, de modo que não há como estabelecer uma separação abrupta, cabendo ao estudioso entender a linguagem a partir da noção de *continuum*” (MARCUSCHI, 2005, p.18).

No presente capítulo, tem-se como principal objetivo a caracterização do léxico, especificamente dos neologismos *upar*, *farmar* e *tankar*, utilizados por usuários de jogos eletrônicos de RPG (*role-play game*).

Savi e Ulbricht (2008), com base nos estudos de Balasubramanian e Wilson (2006), apontam os componentes básicos dos jogos eletrônicos, sendo eles: 1) o papel ou personagem do jogador; 2) as regras do jogo; 3) metas e objetivos; 4) quebra-cabeças, problemas ou desafios; 5) história ou narrativa; 6) interações do jogador; 7) estratégias; 8) feedback e resultados.

O RPG, por sua vez, é descrito pelo *Oxford English Dictionary* (OED) como “um jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens imaginários que se envolvem em aventuras, tipicamente em um determinado cenário de fantasia computadorizado”²³. Estes jogos, além de permitirem múltiplos usuários interconectados através da *internet*, oferecem uma ampla exploração do mundo fictício com inúmeras localidades a serem visitadas e diversas sub-tramas. Para Marcatto (1996), a base do RPG é a criatividade, e uma de suas características principais é a cooperação entre os jogadores. Além da cooperação, Lopes, Klimick e Casanova (2002) evidenciam no RPG a socialização, a interatividade e a comunicação.

Os jogos de RPG possuem diversas palavras e expressões específicas que, muitas vezes, são usadas durante as partidas ou em *chats* virtuais para se referirem a determinados elementos do jogo. Frequentemente há dificuldades no entendimento dessa terminologia entre pessoas que não conhecem o assunto ou mesmo entre jogadores iniciantes. Muitas destas expressões constituem empréstimos do inglês.

²³ No original: “A game in which players take on the roles of imaginary characters who engage in adventures, typically in a particular computerized fantasy setting”.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEOLOGISMO

A língua portuguesa se origina do latim, sobretudo o vulgar, língua do tronco linguístico indo-europeu. O português e o latim compartilham semelhanças que se estabelecem na fonética, no léxico, na morfologia e até mesmo na sintaxe, resguardadas as particularidades de cada uma das duas línguas em relação aos referidos aspectos linguísticos. Numa perspectiva histórica, a língua falada hoje no Brasil formou-se a partir da base sintática indo-europeia e de empréstimos lexicais de vários outros sistemas linguísticos coexistentes (FARACO, 2007, p. 207-208), como é observado, por exemplo, na palavra *futebol*, que possui origem inglesa.

É fato que as línguas naturais estão em constante renovação. Ao passo que algumas palavras são incorporadas ao léxico, outras são criadas. A esse processo de criação lexical damos o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo (ALVES, 2007, p. 5).

Ao se considerar uma língua natural, percebe-se que a renovação do léxico é um fenômeno intrínseco. Afinal as palavras refletem a dinâmica da língua, e, na medida em que a sociedade sofre transformações, a língua produz novas palavras. Assim, o léxico, geralmente empregado como conjunto estruturado de palavras de uma língua, também pode ser considerado responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade:

O léxico encontra-se arraigado à história, tradição e costumes de um povo, estando, por isso, em constante processo de expansão, alteração e contração. Devido a essas características, é considerado o subsistema mais dinâmico da língua. (SEABRA, 2006, p.7)

Assim, tendo em vista que a criação de novas unidades lexicais já faça parte do dinamismo da realidade social de uma comunidade linguística, esse processo fica ainda mais explícito com o advento da *internet*.

Considerando-se que a língua, na *internet*, é utilizada numa relação mais íntima com a oralidade, encontramos textos com vocabulário mais informal e estruturas gramaticais inadequadas à norma culta. Segundo Alves (2007), é através dos meios de comunicação em massa que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem

reconhecidos, e, eventualmente, de serem difundidos. Vejamos como isso acontece em um exemplo retirado do corpus do *Twitter*²⁴:

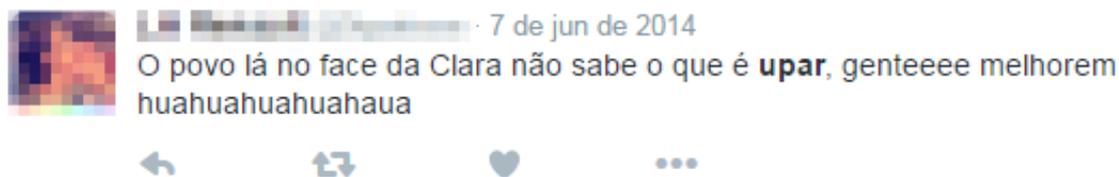


FIGURA 1: Tweet com ocorrência de *upar*.

Fonte: <<http://twitter.com.br>>

A figura acima evidencia a utilização de um vocábulo que parece desconhecido para uma comunidade de falantes, mas é tão natural para o locutor que causa até mesmo espanto o fato de que alguém não o tenha compreendido. O vocábulo em destaque, *upar*, é frequentemente utilizado na internet entre jogadores de RPG para se referir ao ato de subir de nível - ou seja, adquirir mais pontos de experiência - numa determinada partida. Também é amplamente utilizado para se referir ao ato de carregar ou compartilhar um arquivo digital na *internet*.

O neologismo acima não é oriundo da língua portuguesa, caracterizando, portanto, empréstimo linguístico. Se observarmos os étimos²⁵ da palavra *upar*, veremos que provêm da língua inglesa. Os empréstimos acontecem quando utilizamos vocábulos estrangeiros em lugar de outro de nossa língua materna. É o que acontece, por exemplo, com a palavra *abajur* (do francês *abatjour*); *mouse* (inglês), *pizza* (italiano) e tantas outras. Segundo Alves (2007), é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico.

Alves (2007, p. 77) ainda afirma que “a fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através da adaptação gráfica, morfológica ou semântica”. Nesses casos, temos exemplos como *xampu*, *abajur* e *turnê*, que, em certo momento da

²⁴ *Twitter* é uma rede social em formato de microblog. As publicações feitas neste *site* são chamadas de *tweets*. Os textos são curtos e possuem limite de até 140 caracteres.

²⁵ O étimo de uma palavra investigada é a forma equivalente desta mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer (VIARO, 2011).

história da língua portuguesa eram vocábulos externos a ela e posteriormente foram grafados de acordo com o nosso sistema linguístico.

Fenômeno semelhante ocorreu com a própria palavra *twitter*. O vocábulo constitui um substantivo que designa a conhecida rede social e que, na língua portuguesa, derivou o verbo *tuitar*, sendo que as duas formas já foram incorporadas à nova edição do *Dicionário Aurélio*.

De acordo com Viaro (2011), o fenômeno do empréstimo, apesar de ser um dos mais frequentes e importantes para a formação dos léxicos ao longo da história, é muitas vezes desprezado pelo discurso normativo. Uma prática completamente errônea, visto que não há – nem nunca houve – línguas puras e essa grande mistura de vocábulos está longe de ser exclusiva do português ou do inglês.

3 NEOLOGISMOS NO TWITTER

O presente estudo objetivou analisar casos que demonstram a formação de novas palavras utilizadas, sobretudo, por jogadores de RPG. Frequentemente, usuários desses jogos utilizam-se da linguagem digital, seja nas mensagens enviadas para outros jogadores, na descrição dos perfis ou na caracterização de seus avatares²⁶. Tais manifestações comunicativas dos jogadores denotam que o léxico é constituído de unidades criadas a partir da necessidade de interação com o universo dos videogames. Essas práticas contribuem para expandir todo o conjunto lexical.

É fato que todas as línguas naturais sofrem fragmentação linguística, variando sociolinguisticamente no espaço tempo (VIARO, 2011). Assim, toda reconstrução linguística apresenta algum nível de incerteza. Tendo em vista que o neologismo é um fenômeno que se detecta ao longo dos séculos e que, quanto maior a extensão diacrônica explorada, mais claramente se identifica o processo, optamos por uma pesquisa de natureza diacrônica, a qual atende a uma exigência teórica que observa mudanças linguísticas em curso ou em fase de construção. Daí se mostra a relevância

²⁶ Mesmo sendo comum a utilização de inúmeras expressões e abreviações em textos disponíveis em jogos de RPG, o presente artigo não enfocará esse tipo de neologismo, uma vez que se aterá aos neologismos resultantes do processo de formação de palavras.

dos estudos etimológicos: se não investigamos a história das palavras, o conhecimento semântico se restringe aos significados conhecidos pelo falante e se limita apenas às variedades sociolinguísticas vinculadas à sincronia atual.

Num trabalho etimológico, a linguagem escrita se mostra extremamente importante, visto que é, muitas vezes, o único acesso que temos hoje a sincronias pretéritas. De acordo com Viaro (2011), ainda que existam deficiências ortográficas, a escrita é imprescindível para o estudo etimológico, uma vez que fornece dados para análises e reconstruções (p. 110). Além disso, há evidências que fortalecem a influência bidirecional entre a linguagem falada e a escrita. As próprias palavras analisadas neste estudo sugerem que a escrita influencia e interfere na fala, uma vez que as palavras “emprestadas” eram encontradas, originalmente, em textos escritos de jogos *online*.

Para a análise do processo de neologismo das palavras *upar*, *farmar* e *tankar*, conforme já antecipado, adotamos um quadro teórico histórico-etimológico que busca associar as teorias de empréstimo e mudança linguística diacrônica. Procuramos seguir a abordagem metodológica proposta por Viaro (2011), que encara a pesquisa etimológica como um trabalho crítico que deve passar por etapas rigorosas e autênticas. Além disso, segundo ele, as soluções de um étimo são múltiplas e, por isso, devem estar sempre sujeitas a revisão.

Muitas dificuldades são encontradas no processo de análise etimológica de um neologismo. Uma delas é a falta de um *corpus* que compreende esse tipo de palavra. Não encontramos, por exemplo, qualquer resultado para a busca das palavras *farmar*, *tankar* ou suas formas derivadas no *Corpus do Português*.

Diante da baixa – ou inexistente – ocorrência dos neologismos de nossa pesquisa nas ferramentas de *corpora*, lançamos mão da rede social *Twitter* para compor nossa principal fonte de dados. A escolha do *Twitter* justifica-se pelo fato de que muitos jogadores de RPG utilizam a plataforma com frequência. Conseqüentemente, foi possível encontrar mais ocorrências dos neologismos em questão no *Twitter* do que em qualquer outra plataforma. Além disso, os *tweets* compõem um gênero escrito que se aproxima muito da oralidade.

Utilizamos a ferramenta *busca avançada* do próprio *Twitter*, que pesquisa as palavras-chave e nos dá a possibilidade de especificar a língua ou uma localidade na pesquisa. Assim, digitamos os verbos *upar*, *farmar* e *tankar* no local indicado,

selecionamos o idioma e iniciamos a busca. Digitamos os verbos apenas na forma do infinitivo, porque, inicialmente, nosso objeto de estudo era apenas esse. Contudo, uma vez que o *Twitter* nos forneceu ocorrências de outras conjugações e até mesmo de outras classes de palavra, inserimos essas ocorrências em nossa análise. Os termos do *corpus* foram transcritos exatamente como estavam registrados na fonte, isto é, as marcas gráficas, tais como texto em caixa alta ou caracteres especiais, foram preservadas.

Nosso principal recurso para examinar a etimologia dos termos em questão foi o dicionário etimológico *online Etymonline*²⁷. Este dicionário forneceu muitos dos fatos históricos (tais como datas e formas anteriores dos termos descritos) que foram utilizados para a análise de dados. Deve ser mencionado que o *Etymonline* por vezes indica o ano (não apenas o século), em que um determinado termo foi registrado pela primeira vez. Essa fonte útil e competente provou ser correspondente e complementar ao *Oxford English Dictionary* (OED) e ao *Oxford Dictionary of English Etymology* (ODEE), utilizados neste estudo. Para buscas no português, utilizamos os dicionários de Aulete (1980) e Bueno (1974).

A partir daí, procuramos analisar a integração dos neologismos por empréstimo ao sistema linguístico do português sob os pontos de vista fonético, morfossintático e semântico, considerando que “empréstimos sofrem adaptações, podendo haver substituição de fonemas, alterações ortográficas, desvios etimológicos, (...) independente da língua que foi adotado” (STEINBERG, 2003, p.11).

Descritos os procedimentos metodológicos deste trabalho, apresentaremos a seguir análise e discussão dos resultados alcançados.

²⁷ O *Online Etymology Dictionary* (www.etymonline.com) é reconhecido pela biblioteca da Universidade de Ohio como uma fonte etimológica confiável (<http://infotree.library.ohiou.edu/singlerecords/2705.html>). O *site* é usado por muitos etimólogos e é citado em vários artigos que buscam explicar a história e a evolução de palavras.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 *Upar*

Upar, primeira palavra de interesse do nosso estudo, significa “subir”, “crescer”, e é um termo de origem inglesa, variação da palavra *up*. É um termo muito utilizado nas tecnologias, especialmente em jogos *online*.

Não há dúvidas de que o étimo seja proveniente do inglês. A partir da procura pela definição do verbo *up*, encontramos, no *Oxford English Dictionary*, várias acepções, dentre elas: “Mover para cima; aumentar ou ascender” (tradução nossa).

O próprio verbo *up*, no entanto, é derivado do advérbio *uppe*, forma registrada desde o inglês antigo. Este advérbio é definido pelo *Oxford Dictionary of English Etymology* como: “em direção a um ponto ou lugar mais alto que o outro, no alto [...]” (tradução nossa). Etimologicamente, *uppe* parece ter vindo do protoindo-europeu (PIE) **upo*, onde, tanto para o inglês quanto para o português, houve supressão do fonema /o/.

Como preposição, *up* é utilizado com o sentido de “para um lugar mais alto” desde o século XV, passando a ser frequentemente utilizado como verbo frasal, tal como em *go up*, *come up*, *rise up* etc (*Etymonline*). É provável que a expressão *upar*, do português, tenha se originado a partir do verbo frasal *level up*, e não necessariamente a partir do verbo em sua forma isolada. Vamos explicitar isso com base em exemplos retirados do *corpus* do *Twitter*:

1. “*I have to **level up** to 35 before I go to sleep!!!!*” (*TWITTER* [grifo nosso])²⁸;
2. “Não tô muito afim de jogar hoje, mas preciso **upar** os personagens no Ragnarök.” (*TWITTER* [grifo nosso]).

Os exemplos demonstram que a raiz *up*, tanto no inglês quanto no português, expressa uma ideia de progressão. Assim, a forma verbal desse neologismo significaria “aumentar” ou “desenvolver” as habilidades e a classificação de um personagem do jogo.

²⁸ Estes exemplos são apresentados da mesma maneira como foram digitados no *Twitter* pelos usuários.

No que diz respeito à evolução fonética, é provável que haja alçamento da vogal da raiz do português para o inglês, isto é, da vogal média posterior [ʌ] para a vogal alta posterior [u]. De acordo com Viaro (2011, p. 273):

de fato, algumas transformações são previsíveis (ingl. æ > port. ε, -p > [pi], etc, mas o som ingl [ʌ], normalmente interpretado como [a], [ɐ] ou [ɔ] em português, nesse caso, se diz [u], o que revela inspiração na ortografia do português (e não simplesmente transmissão oral).

É natural que as palavras adequem sua pronúncia, uma vez que “para que um termo estrangeiro faça parte do léxico de uma língua, é necessário que se integre fonologicamente a ele” (ALVES, 2007, p.124).

Em termos semânticos, parece não haver diferença entre o verbo frasal *level up* e o neologismo *upar* do PB. Isso nos faz levantar a hipótese de que o verbo *level* tenha se tornado obsoleto durante seu empréstimo para o português, uma vez que foi mantida apenas a preposição *up*. Por fim, uma vez que a preposição continha informação lexical suficiente para o entendimento dos usuários, foi possível transformá-la no verbo *upar*. Formalizaremos esta evolução da seguinte forma:

- PIE **upo* > inglês antigo *uppe* > inglês moderno *level up* > português *upar*

No que concerne a sintaxe, verificaremos que a maioria dos empréstimos realizados por falantes brasileiros seguem as regras de conjugação do PB. Por exemplo, em (2), a forma *up-* passa a ser um radical, ao qual se acrescentam o infixo *-a-* (vogal temática) e o sufixo *-r*, para a formação do verbo no infinitivo *upar*.

Segundo Alves (2007, p.121), quando a unidade léxica estrangeira constitui a base de uma derivação ou de uma composição conforme a morfossintaxe de uma língua ela está se integrando ao léxico desse sistema.

Na linguagem utilizada por jogadores de RPG, é fácil encontrar neologismos por empréstimo criados por meio da derivação sufixal nominal e sobretudo verbal em que a base lexical estrangeira auxilia na formação de substantivos e verbos, conforme pode ser observado no exemplo abaixo:

3. “Só quero chegar em casa e passar a noite *upando* meu personagem.”
(*TWITTER* [grifo nosso]).

Em (3), verificamos a base verbal inglesa *up* + vogal temática *a* + sufixo verbal português formador de gerúndio *-ndo*, que, assim como nas demais ocorrências, constitui uma formação híbrida.

4. “O jogo funcionaria melhor e a gnt *uparia* mais se cada um fizesse sua parte” (*TWITTER* [grifo nosso]);
5. “Meu próximo personagem vai ser um Warlock! Assim que lançar essa classe vou descansar um pouquinho a Drix e *uparei* meu novo filho k” (*TWITTER* [grifo nosso]);
6. “maluco, eu to desacreditado, matei um boss que deu 36 milhões de XP como assim *upe* um nível inteiro so nele” (*TWITTER* [grifo nosso]).

Nos exemplos (4) a (6), verificamos mais palavras hibridizadas a partir da raiz inglesa *-up* e dos sufixos flexionais do PB. De acordo com Seabra (2006), os vocábulos híbridos sempre existiram e continuam tendo uma grande ocorrência no nosso léxico, sobretudo em vocabulário específico utilizado na informática, amplamente utilizados tanto na língua escrita quanto na língua falada (p. 241).

É importante mencionar que muitos termos utilizados em jogos de RPG não são adequados à morfologia do PB, como em “Fiz tower dive, ele morreu e eu nem com metade da vida fiquei AHAHAHAHAH” (*TWITTER* [grifo nosso]) ou em “Tinha que ser muito noob pra nao escalar Cazares nessa rodada na moral” (*TWITTER* [grifo nosso]). Nesses casos, a forma original do étimo é mantida, ao passo que na evolução [ʌp] > [up], há adequação tanto fonética (posteriorização e arredondamento da vogal da raiz) quanto morfológica (adição da vogal temática e sufixos flexionais).

Diversas razões, segundo Guilbert (1975), podem explicar o desencadeamento de novas unidades léxicas. No caso dos jogos de RPG, poderíamos destacar a necessidade do falante de nomear ações, conceitos ou realidades inéditas na vida social.

Contudo, ainda que *upar* seja utilizado primariamente em jogos de RPG, já que não se pode fazê-lo fora da vida social, o vocábulo já é utilizado com sentido metafórico para representar situações do cotidiano:

7. “CONSEGUI DESCASCAR UMA LARANJA SOZINHO! UPEI UM LVL NA VIDA!” (TWITTER [grifo nosso]);
8. “To indo upar no jogo mas queria mesmo era estar *upando* nosso relacionamento” (TWITTER [grifo nosso]).

Em jogos *online*, quando se *upa* um personagem e o eleva para outro nível, isso faz com que ele fique melhor, tenha mais poderes, realize ações especiais etc. Metaforicamente, também, na vida, é possível “upar” suas habilidades e condições. Assim, os neologismos em (7) e (8) poderiam ser traduzidos como “melhorei na vida” ou “queria estar melhorando nosso relacionamento”.

Por último, é necessário observar que o vocábulo *upar* já era existente no PB antes de aparecer como o empréstimo utilizado em jogos de RPG. A forma é registrada por BUENO (1974) como: “Interjeição, voz de comando, de animação para fazer alguma coisa num só impulso, de arranque. Salto, pulo. Origem onomatopaica”.

Um exemplo de *upar* relacionado a este sentido de movimento físico é encontrado no século XIX em *O Gaúcho*, de José de Alencar: “Mal lhes pressentiu o intento, a égua, volvendo sobre as mãos de um tranco, e *upando* as ancas, arremessou tal cascata de coices, que afugentou os fanfarrões, obrigados a buscarem refúgio no alpendre” (ALENCAR, 2007, p. 30 [grifo nosso]).

Aparentemente, temos aqui um caso de polissemia, isto é, a existência de dois ou mais sentidos associados a um item lexical e que mantêm entre si algum tipo de relação semântica. De acordo com Viaro (2011), a polissemia trata de ocasiões especiais em que palavras homônimas distintas compartilham o mesmo étimo (p. 192). A forma *upar* é polissêmica uma vez que está associada a pelo menos três acepções que têm uma relação semântica entre si: (a) saltar; (b) subir; (c) crescer; (d) melhorar.

Outro uso recorrente do verbo *upar* encontra-se no universo da *internet*, designando o ato de carregar arquivos para algum *site*. Em inglês, utiliza-se para este fim o verbo *upload*, mas no PB já se utiliza o verbo *upar* ao invés do antigo *subir*, como em “eu vou upar estas fotos no meu álbum”. Entretanto, é bem mais provável que o *upar* utilizado nos jogos de RPG tenha decorrido do étimo *level up* do que da palavra *upload*.

4.2 *Farmar*

Assim como *upar*, *farmar* parece encontrar seu étimo na língua inglesa, a partir da palavra *farm*. O *Oxford English dictionary* (OED) apresenta várias acepções do léxico, dentre elas:

“Farm, v. 1.b. recolher as taxas, rendimentos ou lucros (de um escritório, impostos, etc.) mediante o pagamento de uma quantia fixa” (tradução nossa).

“Farm, v. 4. cultivar, hortar” (tradução nossa).

Num jogo de videogame, *farmar* se refere ao ato de recolher um determinado item necessário para melhorias no jogo. Já o substantivo *farm*, segundo o OED, significa “comida, provisão”. Aqui, a conexão entre o substantivo e a forma verbal do neologismo é evidente, uma vez que o substantivo implica num item que é estocável e pode ser cultivado. Tomaremos como exemplo, primeiramente, alguns *tweets* escritos em língua inglesa:

9. “Hopefully tomorrow I'll *farm* my last diamonds ^.^ and finish some drawings” (*TWITTER* [grifo nosso])²⁹;
10. “Honestly, I like destiny. It will evolve into awesomeness. Check out the patch coming next week. Players that *farm* are ruining it” (*TWITTER* [grifo nosso])³⁰.

Ao pensarmos no verbo *farm*, naturalmente o associamos ao significado apresentado no OED: “cultivar, hortar”. No entanto, a evolução semântica da palavra fez com que este termo fosse utilizado com sentido mais negativo em muitos RPGs. Além do sentido de recolher determinado item importante para a progressão do jogo, *to farm* também representa a ação de quando alguém esvazia sistematicamente uma zona de inimigos, para o benefício pessoal ou progressão do jogo, tornando a região árida e sem itens coletáveis para outros jogadores. Apesar do ato de *farmar* ser desaprovado pela maioria dos usuários, há muitos que não hesitam em fazê-lo:

²⁹ “Com sorte amanhã eu irei *farmar* meus últimos diamantes ^.^ e terminar alguns desenhos” (tradução nossa).

³⁰ Honestamente, eu gosto do Destiny. Ele irá evoluir para algo espetacular. Confiram a atualização que vem na próxima semana. Os jogadores que *farmam* estão arruinando-o” (tradução nossa).

11. “Vou *farmar*, pq ouro e elixir n ta dando em árvore.” (TWITTER [grifo nosso]);
12. “*Farmei* 20 mil de elixir negro em uma hora.” (TWITTER [grifo nosso]);
13. “De boas *farmando* itens #Warcraft!” (TWITTER) [grifo nosso].

Os exemplos (11) a (13) nos mostram que o ato de *farmar* também pode ser feito em boas circunstâncias. Esta é uma forma de rapidamente “colher” dinheiro e outras recompensas que possam cair dos inimigos. Isso é tratado por alguns como uma prática mais relacionada com a exploração, mas não é contra qualquer uma das regras. Esse tipo de “agricultura” pode ser considerada uma forma mais positiva, tal como quando um jogador vasculha uma área apenas para a aquisição de materiais.

Verificamos também que os empréstimos provenientes do inglês são instintivamente flexionados, de acordo com as regras de conjugação do português, como por exemplo, *farmando* em (13), que indica que o jogador está acumulando itens do jogo.

Tal como em *upar*, há lexicalização das diferentes formas e sentidos que os verbos assumem quando são flexionados. Segundo Lehmann (2002), a lexicalização caracteriza-se como processo por meio do qual itens ou construções entram para o léxico da língua com um significado específico. As adaptações morfossintáticas registradas nos exemplos acima constituem um processo natural, já que é comum a todos os usuários de uma comunidade linguística adaptar palavras estrangeiras ao seu próprio sistema linguístico.

Destacamos também que, durante sua adequação ao PB, a raiz *farm* evoluiu foneticamente conforme o esperado. Por exemplo, houve a transformação de vogal [ɑ] em [a] e do rótico [r] em [h] ou outras possíveis pronúncias dialetais do /r/ em posição medial do PB: [x], [h], [ɦ], [r] e [ř].

Contudo, vale ressaltar que, mesmo com o grande número de usuários de videogames utilizando o léxico *farmar* de maneira recorrente, este vocábulo ainda é considerado neologismo, pois não foi dicionarizado. Segundo Cabré (1993), a noção de neologismo tem seu fim no dicionário, quando a palavra em questão passa a ser registrada em uma obra lexicográfica.

4.3 *Tankar*

Um tanque é descrito por Aulete (1980) como um “carro de guerra blindado, equipado com armas pesadas, (...) carro de combate”. O verbete também é descrito como “reservatório para líquidos; depósito”.

A palavra foi originalmente trazida da Índia pelos portugueses a partir da forma *tankh*, proveniente da língua gujarati, com o sentido de “cisterna”, “reservatório de água subterrâneo”. Possivelmente, sua origem vem do sânscrito *tadaga-m* “lago”. Num recorte histórico, representaremos tal evolução da seguinte maneira:

- sânscrito *tadaga-m* > gujarati *tankh* > português *tanque*

Contudo, é a acepção de uso militar proveniente do inglês que nos interessa.

Desta forma:

- sânscrito *tadaga-m* “lagoa” > gujarati *tankh* “reservatório de água” > port. *tanque* “reservatório de água” > ing. *tank* “tanque de guerra” > port. *tanque* “carro de combate”

No que diz respeito à evolução fonética mais recente ([tæŋk] > [tẽŋkar]), podemos destacar a adição do fonema /i/ em final de palavra (paragoge). Também há a eliminação do segmento interno postônico /ŋ/ (síncope) e a subsequente nasalização da vogal [ẽ] a partir da nasal subjacente /ŋ/.

Quanto à evolução semântica, *Etymonline* menciona que a explicação da palavra é encontrada na obra *Tanks in the Great War* (FULLER, 1920). No livro, o general do exército britânico J. F. C. Fuller cita um memorando do Comitê de Defesa Imperial datado de 24 de dezembro de 1915, recomendando que as “máquinas-metralhadoras” fossem confiadas a uma milícia que, para fins de confidencialidade, seria chamada de *Tank Supply Committee*.

Numa nota de rodapé, Fuller (1920) escreve: “Esta é a primeira aparição da palavra tanque na história das máquinas”. De acordo com ele, *cistern* e *reservoir* também foram considerados como possíveis codinomes, já que todos lembravam as estruturas de aço de máquinas industriais em fases iniciais de produção. Segundo ele, a palavra *tank* foi escolhida por ser monossilábica e mais elegante. Segundo o *Etymonline*,

os tanques foram usados pela primeira vez em ação na comuna francesa de Pozières, em 15 de setembro de 1916. A partir daí, o nome foi rapidamente memorizado pelos soldados.

Um tanque é construído com a capacidade de resistir danos enquanto protege os soldados de infantaria. Num jogo de RPG, o substantivo *tank* se refere à tarefa de estar sempre na frente, encarando diretamente inimigos e chefes em lutas. No inglês, a forma verbal *to tank* foi derivada metaforicamente a partir do próprio substantivo *tank*, isto é, fazendo alusão aos tanques de guerra que vão sempre à frente e servem de blindagem para os soldados combatentes. Ilustraremos essa ideia com exemplos retirados do *Twitter*:

14. “Quero ver alguém *tankar* mais que aquele gigante. Ficou parecendo eu quando jogo minecraft e fico cheio de flechas enfiadas no corpo” (*TWITTER* [grifo nosso]);
15. “eu falei que não adianta eu *tankar* se ninguém ataca o cara falou que eu não *tanko* bem” (*TWITTER* [grifo nosso]);
16. “ah é? hahaha acho mais interessante deixar um melee *tankando* os inimigos e eu atacando de longe lol” (*TWITTER* [grifo nosso]);
17. “Por você, eu *tankaria* todo time inimigo” (*TWITTER* [grifo nosso]).

Os exemplos (14) a (17) demonstram ocorrências do verbo *tankar* em outras conjugações verbais. Não obstante, a ferramenta de busca também nos forneceu exemplos do léxico assumindo a forma de um substantivo, *tanker*, que também decidimos incluir em nossa análise:

18. “Se a vida fosse um MMO eu seria um *tanker* de tanta porrada que já tive que aguentar esse ano. SUHASUHASUHAS” (*TWITTER* [grifo nosso]);
19. “Eu sempre falo que Krob é um dos melhores *tankers* do jogo e sempre sou criticado. Olha o que a DK tá fazendo com ela #dota2international” (*TWITTER* [grifo nosso]).

Definiremos *tanker* como o jogador ou personagem que possui alto nível de defesa e vai para linha de frente das batalhas com o intuito de receber dano no lugar de outros jogadores/personagens. Verificamos, portanto, que as semelhanças entre o tanque de guerra e o indivíduo *tanker* são muitas, e suas funções também são iguais em comparação.

Recentemente, outra acepção do verbo *tankar* tem sido utilizada de forma recorrente no *Twitter*, conforme observamos nos exemplos (20) a (22):

20. “eu nao sei *tankar* esses sorrisos, sen or” (*TWITTER* [grifo nosso]);
21. “Eu to fritando imensamente..... só assim para *tankar* essa semana” (*TWITTER* [grifo nosso]);
22. “To *tankando* a bad o máximo que da...serio...” (*TWITTER* [grifo nosso]).

Não encontramos qualquer explicação dessa acepção nas fontes consultadas, mas inferimos que a forma carregue um sentido próximo a “lidar”. Assim, em (22), o verbo *tankar* adquire uma ideia semelhante a “Estou tentando lidar com a melancolia o máximo possível”. Destacamos aqui o fato de o léxico estar sendo utilizado fora do contexto de jogos de RPG, sem qualquer menção a estes, descrevendo apenas sentimentos da vida social.

Contudo, isto não impede que seja esta uma evolução semântica da acepção propagada nos jogos de videogame. Isto é, num RPG, *tanker* é aquele que resiste ao ataque dos inimigos. Desta forma, o significado do verbo *tankar*, em termos gerais, poderia ser refinado como o ato de resistir, aguentar, suportar ou tolerar um adversário ou uma adversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À primeira vista, a comunicação empregada por jogadores de RPGs pode parecer deteriorada com a sua ortografia aparentemente errada, uso não convencional de expressões idiomáticas e numerosos empréstimos. No entanto, esse não é o caso. As palavras analisadas neste estudo devem ser compreendidas como um reflexo das

transformações pelas quais passa a sociedade, principalmente no que se refere aos avanços científicos e tecnológicos, fato que contribui para o enriquecimento lexical.

Buscamos, neste estudo, observar três dos neologismos produzidos por usuários de jogos eletrônicos de RPG: *upar*, *farmar* e *tankar*, além de suas formas derivadas. Para tanto, realizamos uma pesquisa etimológica com o intuito de verificar em que momento as sincronias pretéritas contribuíram para a formação dos empréstimos estudados. Assim, verificamos que, aparentemente, as unidades lexicais provenientes da língua inglesa estão se integrando à língua portuguesa e isso é manifestado por meio de adaptações gráficas, morfológicas e semânticas.

Em relação às mudanças fonéticas, inferimos que a pronúncia das palavras se adequa de acordo com o sistema fonológico do PB: [ʌp] > [upar], [farm] > [fahmar] e [tæŋk] > [tẽŋkar]. Quanto às mudanças morfossintáticas, há lexicalização das diferentes formas e sentidos que os verbos assumem quando são flexionados: *upar*, *upando*, *uparia* etc – formas que também constituem hibridismos.

No que concerne à mudança semântica, observamos polissemia nos três neologismos. A palavra *upar* designa tanto o ato de subir de nível no jogo quanto “melhorar” em algum aspecto na vida. Já *farmar* se refere tanto ao ato de coletar e estocar itens quanto à prática de acabar com os produtos de uma área para prejudicar outros jogadores. Enquanto isso, num jogo de RPG, *tankar* descreve a prática de encarar inimigos diretamente, ao passo que na vida social, descreve o ato de lidar com dificuldades.

Assim, verificamos que a incidência de neologismos semânticos é expressiva entre jogadores de RPG. Como em qualquer língua natural, o processo de se conservar o mesmo significante para dar origem a mais um significado ocorre com vocabulários específicos, o que significa uma economia de novos termos.

A partir do estudo da linguagem utilizada em RPGs, foi possível constatar que os processos de evolução sintática, semântica e fonética de uma palavra são semelhantes aos outros processos de empréstimo empregados nas línguas naturais em demais campos semânticos. Assim, consideramos que, em um jogo eletrônico ou em qualquer outra instância, usar unidades lexicais já estabelecidas em novos contextos é uma maneira inteligente de criar novas palavras e novos significados.

Esperamos que este trabalho, além de colaborar para a descrição linguística de neologismos do Português Brasileiro, possa fomentar mais estudos sobre o léxico em jogos de videogame, categoria pouco considerada pelos estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, V. S. *O Léxico na Internet: Análise de Neologismos em Comunidades do Orkut*. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. UFPE, 2010. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Verena-Santos-Abreu.pdf>> Acesso em 09 de julho de 2016.
- ALENCAR, J. de. *O Gaúcho*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1980. 5 v.
- BALASUBRAMANIAN, N.; WILSON, B. G. Games and Simulations. In: Society for Information Technology and Teacher Education International Conference. *Proceedings*, v. 1, 2006. Disponível em: <<http://site.aace.org/pubs/foresite/GamesandSimulations1.pdf>> Acesso em 9 de julho de 2016.
- BUENO, F. da S. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Brasília, 1974.
- BURCHFIELD, R.W.; FRIEDRICHSEN, G. W. S; ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: At the Clarendon, 1966.
- CABRÉ, M T. *La terminologia*. Teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>> Acesso em 9 de julho de 2016.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- FULLER, J. F. C. *Tanks in the Great War*. New York: E. P. Dutton and Company, 1920.
- GUILBERT, L. *La formation du vocabulaire de l'aviation*. Paris: Larousse, 1965.

- HARPER, D. *The Online Etymology Dictionary*. Etymonline. Disponível em: <<http://www.etymonline.com>> Acesso em 11 de julho de 2016.
- LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. *Typological Studies in Language*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 1-18.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?*-São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. *As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LOPEZ, L. M. C.; KLIMICK, C.; CASANOVA, M. A. Relato de uma Experiência de Sistema Híbrido no Ensino Fundamental: Projeto Aulativa. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*. Associação Brasileira de Educação à Distância, 2002, v. 1, n. 2, p. 1-7. Disponível em: <<http://www.abed.org.br>> Acesso em: 9 de julho de 2016.
- MARCATTO, A. *Saindo do quadro*. São Paulo: A. Marcatto, 1996.
- MARCUSCHI, L. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.
- MURRAY, J. A. H. *The Oxford English dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1933.
- SAVI, R.; ULBRICHT, V. R. Jogos Digitais Educacionais: Benefícios e Desafios. *Revista de Novas Tecnologias na Educação*, UFRGS, Porto Alegre, v. 6, n. 2, dez. 2008. p. 1-10.
- SEABRA, M. C. T. C. de. *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.
- STEINBERG, M. *Neologismos de língua inglesa*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

INDIVÍDUO: DO LATIM AO PORTUGUÊS

Fernanda Carla de Oliveira³¹
fernanda.carladeoliveira@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Etimologia é uma ciência bastante complexa e, assim como esclarece Viaro (2014), não são encontrados muitos trabalhos nessa área, uma vez que é um tipo de estudo que demanda tempo e muita pesquisa para que ele se torne confiável.

Nesse sentido, a partir de quatro dicionários etimológicos: Bueno (1974), Machado (1977), Cunha (1986) e o *Online Etymology Dictionary*; dois dicionários de diferentes épocas: Bluteau (1728) e Pinto (1832); um dicionário latino-português: Faria (2003); dois dicionários atuais e em suporte digital: *Aulete Digital* e *Michaelis*; além de outros estudos, tem-se como objetivo principal deste trabalho reconstruir o processo etimológico pelo qual a palavra *indivíduo* passou até chegar ao sentido de “qualquer pessoa” que conhecemos hoje.

É notável a mudança semântica que *indivíduo* sofreu no decorrer dos séculos, possuindo, inicialmente, o sentido de “indivisível”, partindo do adjetivo *individuus* do latim e, só posteriormente, no latim medieval, passando para o sentido de “pessoa”. Ainda assim, somente no século XVII é possível se atestar o sentido de “uma pessoa qualquer”.

Assim, este capítulo objetiva dar um primeiro passo no estudo etimológico da palavra *indivíduo*, desvendando de maneira breve a história e o percurso dessa palavra.

³¹ Graduada em Letras Licenciatura Português-Latim na UFMG; Mestranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O que é Etimologia

Muito se interessa em saber de onde vem uma palavra, qual sua primeira atestação, de qual língua ela surgiu. Alguns estudiosos, baseados em semelhanças sonoras ou gráficas entre as palavras, se aventuram por “etimologias fantasiosas”, como relata Viaro (2014, p. 224). Salienta-se que essas “etimologias fantasiosas” têm deixado essa área de estudos tão rica e que demanda tanto esforço, muitas vezes, desacreditada. Nesse sentido, é de fato relevante a realização e o aprofundamento de estudos desse campo, de modo que se possa comprovar os indícios de que uma palavra surgiu ou derivou de outra.

Durkin (2009) define, inicialmente, que Etimologia é a investigação da história das palavras e que este termo também tem sido usado para descrever todo o esforço em tentar fornecer uma explicação coerente da história de uma palavra (p. 1). Ainda segundo o autor, a Etimologia faz parte do campo mais vasto da Linguística Histórica, isto é, de tentativas de explicar como e por que as línguas mudaram e se desenvolveram. Dessa maneira, Durkin (2009) esclarece que, como essas explicações não podem ser dadas contando apenas com um nível linguístico, a Etimologia pode ser definida como a aplicação, ao nível de uma palavra individual, de diversos métodos da Linguística Histórica (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) a fim de produzir uma explicação coerente para a história da palavra.

Viaro (2013, p. 3) ao tratar da Etimologia, elucida que ela diz respeito aos “conhecimentos de muitas línguas e etapas de línguas”. O autor ainda explica que ela favorece o falante, pois é “uma chave que abre o significado de milhares de palavras em português e de outras línguas, inclusive palavras desconhecidas que se fecham numa aparente opacidade” (VIARO, 2013, p. 7).

Como se pode observar, pela própria definição de Etimologia, tem-se um campo de laboriosa investigação, visto que a reconstrução de uma palavra não é tarefa fácil. Nesse sentido, Viaro (2014) descreve como a escrita é relevante para a Etimologia de diversas maneiras, pois se deve considerar que ela foi o único modo de registro que chegou até nós e, talvez, é nossa única fonte de pesquisa.

Tendo isso em vista, será a partir dessa ciência que se tentará buscar o percurso histórico da palavra *indivíduo*, tentando compreender seu processo de formação desde os primeiros usos dessa palavra.

1.2 *Indivíduo*

De acordo com Viaro (2014, p. 99) “o étimo de uma palavra investigada é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” [grifos do autor]. Essa definição se faz necessária porque o presente estudo busca compreender todo o percurso da palavra *indivíduo*, visando a descobrir seu étimo e como ela chegou até nós com o significado que conhecemos.

Clavero (2010), ao discutir as sutilezas que existem entre *persona* e *indivíduo* no Direito, afirma não saber exatamente de onde vem o termo *indivíduo*, mas que a principal evidência vem da definição de pessoa por Boécio, ou seja, *naturae indiuidua rationabilis substantia*³². Ainda segundo o autor, isso faz remissão ao homem e, posteriormente, ao indivíduo. Dessa forma, Clavero (2010, p. 30) explica:

Según todos los indicios, el término aparece en inglés antes de pasar a otras lenguas y procede además directamente de la definición de Boecio. Frente a lo que resulta usual, el adjetivo para individual no deriva en inglés del sustantivo, sino al contrario, el sustantivo para individuo viene tan directamente del adjetivo que es el adjetivo mismo, individual, el adjetivo que se tenía bien a la vista en la definición de Boecio.³³

É possível observar, portanto, que o substantivo *indivíduo* parte do adjetivo, fato esse que será corroborado por alguns dicionários apontados posteriormente.

Clavero (2010) elucida que *indivíduo* inclui uma classe singular de pessoas, ou seja, um sujeito de direito. O autor explica que *indivíduo* é uma pessoa qualificada entre pessoas comuns (p. 31). Contudo, *pessoa* e *indivíduo* não são termos incompatíveis, visto que a classe do indivíduo pode, posteriormente, assumir outras pessoas.

³² Tradução nossa: A substância única de natureza racional.

³³ Tradução nossa: Segundo todos os indícios, o termo aparece em inglês antes de passar para outros idiomas e também vem diretamente da definição de Boécio. Contrariamente ao habitual, o adjetivo para indivíduo não deriva em inglês do substantivo, mas, pelo contrário, o substantivo vem diretamente a partir do adjetivo que ele é o próprio adjetivo, individual, o adjetivo que estava bem à vista na definição de Boécio.

Ainda segundo Clavero (2010, p. 31), em castelhano, desde a primeira metade do século XVIII, *individuo* possuía o significado de “o particular de cada espécie”, diferenciando-se um pouco da definição de pessoa que parece mais ampla. Porém, o autor esclarece que esses significados levaram, por algum tempo, vidas paralelas, ou seja, teriam sido intercambiáveis.

Outro autor consultado para este estudo é Rezende (2010), que busca diferenciar *pessoa*, *sujeito* e *individuo* na linguagem médica à medida que aposta que esses três termos são usados indistintamente para “designar tanto os pacientes como os participantes da investigação na condição de pessoas normais do grupo de controle” (p. 69). Nesse sentido, o autor explica que “individuo” (do lat. *individuus, a, um*) significa “indivisível”, “uno”, referindo-se a um ser biológico cuja existência depende de sua integridade. Aplica-se essa definição, portanto, não somente ao homem, como a outros animais e até as plantas” (REZENDE, 2010, p. 69).

Ainda segundo Rezende (2010), o termo *pessoa* é muito utilizado no Direito, mas as denominações *individuo* e *sujeito* não são recorrentes e se “referem a réus em processos criminais ou em sessões de júri” (p. 70). Além do mais, ao citar um professor da faculdade de medicina, Ruy Ferreira Santos, o autor lembra que tal professor sempre reforçava o fato de que a melhor palavra para se tratar um ser humano é *pessoa*, pois *individuo* parece nivelar o ser humano ao animal (p. 69).

Passando-se para Amaral (2013), ao descrever sobre os nomes gerais em três cidades mineiras, esse autor elucida que *pessoa* e *individuo* compreendem “uma classe pequena de substantivos cuja definição é composta por traços muito genéricos e podem, por esse motivo, fazer parte de sintagmas nominais que se referem a entidades bem variadas”. (AMARAL, 2013, p. 138). *Individuo* faria, portanto, parte dessa classe, contudo, o termo não se mostrou muito produtivo em seu *corpus*, visto que parece ser mais comum na fala de pessoas com alto nível de escolaridade.

Amaral e Ramos (2014) também discorrem sobre as propriedades estruturais dos nomes gerais e destacam, ao citar Mihatsch (2006), que um nome geral é utilizado quando não há uma designação, naquele momento, acessível ao falante (p. 27). Dessa forma, pode-se observar que *individuo*, em seu sentido atual, parece cumprir satisfatoriamente o papel de substituir um nome que não se quer dizer, não pode ser dito ou não é acessível ao faltante.

Por fim, Oliveira (2015), último autor consultado, ao analisar a relação entre nomes gerais e pronomes indefinidos em dados de língua oral, não encontrou nenhuma ocorrência do item *indivíduo* em seu *corpus*, entretanto, sugeriu que isso pode ter ocorrido por se tratar de uma palavra que possui caráter mais formal.

Dessa forma, tem-se um panorama de como alguns estudos que tratam o item lexical *indivíduo* e como essa palavra apresenta controversas em seu significado.

2 METODOLOGIA

Este capítulo busca, através de quatro dicionários etimológicos: Bueno (1974), Machado (1977), Cunha (1986) e *Online Etymology Dictionary*; dois dicionários de diferentes épocas: Bluteau (1728) e Pinto (1832); um dicionário latino-português: Faria (2003) e dois dicionários atuais e em suporte digital: *Aulete Digital* e *Michaelis* reconstruir o étimo da palavra *indivíduo*, bem como observar se o sentido da palavra sofreu mudanças até a atualizade.

Todas as informações coletadas se deram através de dicionários encontrados em bibliotecas ou disponibilizadas na *internet* a fim de se obter o maior número de informações possíveis e, assim, buscou-se refazer o percurso etimológico do item selecionado. Além disso, exemplos retirados do *Corpus do Português*³⁴ puderam ilustrar bem o uso dessa palavra.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados se deu a partir das informações encontradas nos dicionários anteriormente citados. Intentou-se observar as semelhanças existentes entre eles para a reconstrução do étimo do item *indivíduo*.

³⁴ Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em 28 de junho de 2016.

3.1 Definições a partir dos dicionários etimológicos

Bueno (1974) define *indivíduo* como:

Indivíduo – s.m. Ser que, por suas notas, características, se distingue dos demais, constituindo um todo completo e indivisível em si mesmo. Cada ser, seja animal, seja vegetal que representa a espécie dentro do gênero. Cada pessoa em relação à coletividade. É o mesmo adjetivo indivíduo do lat. *individuus*. (BUENO, 1974, p. 1910).

Já Machado (1977), ao elaborar um verbete mais completo, fez o percurso histórico do item *indivíduo*:

Indivíduo, s. Do latim *individuu-*, <<indivisível; inseparável; átomo>>, daí <<o que é particular>>, em oposição às espécies e aos gêneros, depois: <<qualquer ser particular>> e, finalmente, em lat. escolástico: <<pessoa indeterminada>>; por via culta. Séc. XVI: <<Quer Deus que nos pareçamos com ele que, sendo tão grande, não se descuida do mais vil *indivíduo* da terra...>>Arceb., VI, cap. I, vol. III, p. 198 O adj. em 1354: <<Em nome da santa ymduíduo trindade...>>, em Pedro de Azevedo, Os Reguengos de Estremadura, da Universidade de Coimbra, XI, p. 605. (MACHADO, 1977, p. 287).

No dicionário de Cunha (1986, p. 434), ao se buscar a palavra selecionada, encontra-se a seguinte informação: “in.dividual, -alidade, -alismo, -alista, -alizar, -ar, -o, in.divis.ibilidade, -ível, -o → DIVIDIR”. No item “dividir”, para *indivíduo* encontra-se, apenas, na página 232 “**Indivíduo** XVI. Do lat. *Individuus*”.

Quanto ao *Online Etymology Dictionary*³⁵, essa plataforma possui informações bem completas a respeito da palavra. Relata que *indivíduo*, como substantivo, vem do lat. *individuum* e significa “um átomo, partícula indivisível” e em inglês medieval *individuum* foi usado no sentido de “membro individual de uma espécie” (início do século XV). Além disso, o sentido de “único ser humano” em oposição a um grupo é atestado a partir de 1640 e no sentido coloquial de “pessoa” tem-se atestações a partir de 1742.

Ao tratar de *indivíduo* como adjetivo, o *Online Etymology Dictionary* apresenta, que desde o século XV, essa palavra possui o sentido de “una e indivisível,

³⁵ Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=individua> Acesso em 28 de junho de 2016.

inseparável" (com referência à Trindade³⁶) vindo de *individualis* do latim medieval e, anteriormente, do latim *individuus* "indivisível" (in- "não, oposto de") + *dividuus* "divisível", a partir de *dividere* "dividir". Seu sentido original é, agora, obsoleto e a palavra não era comum antes do século XV. O sentido de "único, separado, de uma só pessoa ou coisa" é registrado em 1610 e o sentido de "destinado a uma pessoa" em 1889.

3.2 Definições a partir dos dicionários dos séculos XVIII e XIX

Bluteau (1728) apresenta a acepção abaixo para *indivíduo*:

INDIVIDUO. Indivíduo (Termo Logico) Hum particular de qualquer espécie. O ser próprio, & particular de cada hũ, do qual não communica outro. Ser homem, não he ser individual, fenaõ ser específico; mas o ser de Pedro, he individual, porque o ser, que tem Pedro, não communica com o ser de Joaõ. *Individuum*, a. Neut. Tambem ás vezes se pode dizer, *Singular, æ.a.orum. Plur.* Sendo mais effcaz o natural desejo de conservar a espécie, que de guardar o *Individuo*. Varella, Num. Vocal, p. 397. Como outro qualquer *Indivíduo*. Cronograph. de Avellar, 272, verf. (BLUTEAU, 1728)³⁷.

Já em Pinto (1832), tem-se o seguinte verbete: "Indivíduo. Adj. Que não se pode dividir. Como subst. Hum em particular de cada espécie"³⁸.

3.3 Definição a partir do dicionário de latim-português

No dicionário de latim-português de Faria (2003, p. 490), o autor descreve *indivíduo* como: "**individuus, -a, -um**, adj. Indivisível, inseparável (Tác. An. 6, 10)".

³⁶ *Trindade* é definida no dicionário *Michaelis Online* como o principal mistério do Cristianismo, que proclama a unidade de Deus na sua natureza e substância, bem como a existência de três pessoas distintas unidas nessa natureza (Pai, Filho e Espírito Santo).

³⁷ Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/1/indiv%C3%ADduo>> Acesso em 24 de junho de 2016.

³⁸ Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/3/indiv%C3%ADduo>> Acesso em 24 de junho de 2016.

3.4 Definições a partir dos dicionários atuais em suporte digital

Ao se selecionar dois dicionários atuais em suporte digital, foi possível encontrar um número relevante de informações no verbete *indivíduo*.

O *Aulete Digital* traz as informações abaixo:

(in.di. ví.du:o)

a.

1. Que não se divide (terras indivíduas)

sm.

2. Biol. Bot. Zool. Ser único de uma determinada espécie: *Trata-se de um indivíduo da espécie mineral.*

3. Elemento da espécie humana; ser humano; HOMEM: *Todo indivíduo tem direitos e deveres iguais.*

4. O homem considerado em sua coletividade, comunidade, de modo isolado

5. Quím. Qualquer corpo, simples ou composto, cristalizável ou volátil, que não esteja em decomposição

6. Homem, sujeito; pessoa

7. Bras. Pessoa de quem não se quer dizer o nome: *O indivíduo se apresentou à polícia.*

[F.: Do lat. *individuus*, a, um.]. (AULETE DIGITAL)³⁹.

No dicionário *Michaelis*, foram encontradas as seguintes informações:

indivíduo

in.di.ví.duo

adj

Que não se divide; indivisível, indiviso.

sm

1 Pessoa considerada isoladamente em relação a uma coletividade de que faz parte: *Todo indivíduo tem obrigações a cumprir na sociedade.*

2 Ser que pertence à espécie humana; homem: *Indivíduo jovem.*

3 SOCIOL. Ser biológico: *“Aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promovem a informação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia”* (NG).

4 Homem indeterminado: *“Uma noite, estando à porta da loja de Manuel Procopópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente”* (SER).

5 PEJ Homem considerado desprezível: *“Ele é considerado indivíduo de alta periculosidade”* (CA).

6 COL V diabo, acepção 2.

7 BIOL Organismo singular ou simples capaz de existência independente.

8 QUÍM Qualquer corpo simples ou composto, volátil ou cristalizável, que não está em decomposição.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

SIN: *pessoa.*

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

ANTÔN: *coletividade.*

ETIMOLOGIA:

lat individuus. (DICIONÁRIO MICHAELIS)⁴⁰.

³⁹ Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/indivíduo>> Acesso em 24 de junho de 2016.

A partir das informações dos verbetes desses dicionários, faz-se necessário traçar o desenvolvimento de *indivíduo* historicamente, o que será abordado no subtópico seguinte juntamente à análise do termo.

3.5 Percurso histórico e análise

A partir de todas as informações recolhidas dos dicionários, é possível supor percurso histórico dado abaixo:

- *In + dividuus > Individuus* adj. (lat. clássico - com sentido inicial de “indivisível”) > *Individuum* (lat. medieval - sentido de “uma única pessoa”) > *Indivíduo* (port. - sentido atual de “qualquer pessoa”)

Como forma de exemplificação, *indivíduo* com o sentido de indivisível é encontrado ao fazer referência à Trindade, como ilustrado por Machado (1977, p. 287): “Em nome da santa **yndiuído** trindade..., em Pedro de Azevedo, Os Reguengos de Estremadura, da Universidade de Coimbra, XI, p. 605” [grifo nosso].

A palavra *indivíduo* com o significado de uma única pessoa pode ser visualizada no exemplo abaixo, no conto “Fora de Moda” de Arthur Azevedo (1503):

lugar saliente no palco, e fosse aplaudida e festejada pelo público. Não era o amor, era a vaidade que o conduzia à nauseabunda Cythera dos bastidores. Essas ligações depressa se desfaziam; duravam enquanto durava o brilho da estrela; desde que esta começava a ofuscar-se, ele achava um pretexto para afastar-se dela e procurar imediatamente outra. Como era inteligente e generoso - muito mais generoso que inteligente, - nunca ficava mal com o astro caído. Algumas vezes o rompimento era provocado por elas - pelas de mais espírito, - que facilmente se enfaravam de um *indivíduo* tão preocupado com a própria pessoa, e tão vaidosa e suas roupas. II No tempo em que se passou ação deste ligeiro conto, a nova conquista do doutor Pires de Aguiar era uma atriz portuguesa, a Clorinda, que viera de Lisboa apregoada pelas cem trombetas da réclame, e cuja estréia, num dos nossos teatrinhos de opereta, o público esperava ansiosamente. Uma hora antes de começar o espetáculo de estréia, entrou o advogado triunfantemente na caixa do teatro, levando pelo braço a sua nova amiga [grifo nosso].

Um exemplo com a palavra em seu sentido atual, ou seja, de “qualquer pessoa” é exposto abaixo

o que haja de mais característico no Japão seja a imensa pressão que a sociedade exerce sobre os indivíduos. A regra básica de nossa socialização é: não se sobressaia. Os estrangeiros que visitam o país se surpreendem com a

⁴⁰ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=indiv%C3%ADduo>> Acesso em 25 de junho de 2016.

exuberância das pessoas na rua, todas as cores de cabelo e roupas diferentes. Mas, acredite, isso é apenas a superfície. O controle está lá, espreitando. Falar de sexo, drogas, ou até esporte, foi o meio que encontrei para romper essa névoa. Quando o corpo se transforma em teatro, ele traz o *indivíduo* para os holofotes. Em outras palavras, focalizar o corpo nos contextos extremos é minha maneira de apontar uma possível liberdade. Estado - Mas esses extremos nem sempre são felizes. Com frequência, a separação entre liberdade e violência é bastante estreita em seus livros. Como em *Coin Locker Babies*, em que os heróis sufocam Tóquio com gás venenoso. Murakami - Pode ser que haja aí uma ponta de raiva sublimada. Ou talvez seja apenas minha preguiça. Afinal, a liberdade é muito difícil de explicar, (MURAKAMI, 1977, [grifo nosso])⁴¹.

Como se pode perceber, houve tanto uma mudança fonética como semântica no processo de formação da palavra *indivíduo*. É bastante complexo, como salienta Viaro (2011), determinar qual o nome dado às mudanças sofridas por uma palavra no decorrer dos séculos, visto que isso necessitaria de pesquisas mais profundas. Um desses empecilhos é que, por exemplo, em inglês e em espanhol, tem-se, hoje, a forma *individual* para fazer remissão a qualquer pessoa, diferentemente do que se deu em português. Dessa maneira, não será nosso intuito, aqui, resolver essas inúmeras questões que perpassam o trabalho de um etimólogo.

Assim, credita-se que o étimo de *indivíduo* é o adjetivo latino *individuus* que, posteriormente, passou a substantivo, visto que a maioria dos dados encontrados consideram tal informação. Ainda que o *Online Etymology Dictionary* apresente uma forma distinta para o substantivo, ele é a única fonte consultada que contém esse dado e, portanto, não foi possível comprovar tal assertiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, para se fazer o percurso histórico de uma palavra e observar as mudanças sofridas no decorrer dos tempos, é necessário árduo trabalho. A Etimologia é, portanto, uma ciência que necessita de estudos aprofundados, visto que, para a reconstrução do étimo, fazem-se necessárias pesquisas, comparações com outras línguas e, também, cautela ao se afirmar qualquer dado.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp?r1=&w=1024&h=600>> Acesso em 28 de junho de 2016.

Dessa forma, este trabalho buscou descobrir o étimo da palavra *indivíduo* e observar que tipo de mudanças sofreu essa palavra até chegar à forma e ao significado que tem hoje: “um ser indeterminado”. A partir dos dicionários e dos dados encontrados para comprovar as atestações, foi possível chegar a um resultado produtivo. Este capítulo exerce, portanto, válida contribuição para os estudos que intentam desvendar a história das palavras, deixando abertos caminhos para posteriores pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. T. R.; RAMOS, J. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.
- AMARAL, E. T. R. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanhas, Minas Novas e Paracatu. *Revista todas as letras*. v. 15, n. 1, 2013, p. 138-151.
- AULETE Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em 24 de junho de 2016.
- AZEVEDO, A. Fora de moda. In: DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp?r1=&w=1024&h=600>> Acesso em 28 de junho de 2016.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário portuguez & latino:...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>> Acesso em 24 de junho de 2016.
- BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos; contribuições do tupi-guarani*. Santos / São Paulo: Brasília, 1974. 9 v.
- CLAVERO, B. La máscara de Boecio: antropologías del sujeto entre persona e individuo, teología y derecho. In: *Quaderne fiorentini: per la storia del pensiero giuridico moderno*. Milão: Giuffrè, 2010, p. 7-40.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em 28 de junho de 2016.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DURKIN, P. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: OUP, 2009.

- FARIA, E. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. 5 v.
- MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>> Acesso em 25 de junho de 2016.
- OLIVEIRA, F. C. A relação entre nomes gerais e pronomes indefinidos na fala mineira. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte, n. 8, 2015, p. 80-97. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/6256>> Acesso em 23 de junho de 2016.
- HARPER, D. *Online Etymology Dictionary*. 2001-2016. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>> Acesso em 28 de junho de 2016.
- PINTO, L. M. da S. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>> Acesso em 24 de junho de 2016.
- REZENDE, J. M. de. Pessoa, indivíduo, sujeito. *Revista de Patologia Tropical*. v. 39, 2010, p. 69-17.
- VIARO, M. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.
- VIARO, Mário. *Manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2013.

UM ESTUDO ETIMOLÓGICO DA LEXIA *SURDO*: A APROXIMAÇÃO DA LÍNGUA A FATOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Bárbara Neves Salviano⁴²
barbarasalviano@msn.com

INTRODUÇÃO

A definição histórico-etimológica de um lexema não se dá por meio de uma trajetória linear e evidente. Uma das justificativas para tal afirmação é a própria natureza da Etimologia. Enquanto ciência, a Etimologia trata do estudo linguístico nos termos da retrogradação. Yamamoto (2014, p. 2) afirma:

[O] objetivo [da Etimologia], um tanto quanto filosófico, era o de resgatar a essência, a originalidade do objeto, ligado ao processo de denominação. Esse processo implicava numa conexão entre a descrição do mundo real e a verbalização por meio de um processo psicológico, subjetivo e abstrato da sociedade.

Ao mencionar o processo de busca pela originalidade da palavra a partir de métodos psicológicos, subjetivos e abstratos, o autor nos lembra que a Etimologia está, de certo modo, flutuando sobre águas turvas. Essa colocação se dá no sentido de que, embora seja uma ciência de aproximadamente 2500 anos, ela é sustentada por registros incompletos. A falta de informações plenas sobre uma lexia, por exemplo, é consequência de fatores, como a perda de registros escritos sobre tal lexia, de registros que privilegiam certos aspectos em detrimento de outros ou até mesmo do não registro gráfico dela. Assim, embora se disponha a realizar processos retroativos referentes à grafia, significação, contexto de uso e outros elementos relativos às unidades linguísticas, a Etimologia não é uma ciência exata e pontual.

Viaro descreve a Etimologia como sendo “o percurso entre o étimo ou a origem e a palavra investigada” (VIARO, 2011, p. 106). Descrever ou esboçar esse percurso, no entanto, não é uma tarefa de simples apontamentos retroativos. Envolve pesquisa profunda em *corpus* específico bem como em obras lexicográficas peculiares, por exemplo, os dicionários etimológicos, os dicionários históricos e as enciclopédias.

⁴² Mestre em Linguística Aplicada na UFMG; Doutoranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

A busca oferecerá informações importantes, como datações e registros da forma linguística estudada. É relevante ressaltar, porém, que a confiabilidade das indicações ali apresentadas não é absoluta. É possível encontrar variações nos dados sobre descrições, classificações, datações e atribuições. Daí a razão pela qual Viaro sugere que não se determine um étimo como perfeito ou correto, devido à impossibilidade de comprová-lo de maneira definitiva. O que há é a hipótese sobre a(s) origem(ns), contudo não se pode atestá-la em absoluto. Assim, faz-se melhor uma classificação por étimo provável ou improvável. O mesmo autor elucida:

A pesquisa etimológica, como uma edição crítica, deve passar por muitas etapas rigorosas e, mesmo assim, as soluções de étimo são múltiplas e sujeitas a revisão. A situação, perante uma profusão de étimos (quando bons e dignos de avaliação) é apresentá-los sem uma solução definitiva, da mesma forma que muitas ciências o fazem seriamente com hipóteses não excludentes. Cabe a outros confirmar ou rejeitar tais hipóteses mediante a apresentação de novos dados e argumentos igualmente bem fundamentados (VIARO, 2011, p. 98).

Pelo posto até aqui, podemos afirmar que debruçar-se sobre os estudos etimológicos é uma incumbência que demanda tempo e esforço. Muito possivelmente as buscas não serão pontuais e definitivas, mas sim, contínuas e complexas. Acima de tudo, serão relevantes para a área dos estudos linguísticos, já que se trata de um campo relativo à origem. Por isso mesmo, é possível exaltar a Etimologia como importante ciência no âmbito da Linguística Histórica. Sua relevância vai além da possibilidade de contar a história genealógica de qualquer palavra ou de simplesmente refletir sobre a variabilidade diacrônica de uma língua. Os estudos etimológicos também alcançam utilidade no campo do ensino, pois elucidam aspectos fonético-fonológicos, ortográficos, sintáticos, morfológicos, semânticos etc.

Em vista disso, este capítulo tem por objetivo promover uma dessas buscas. Desejamos especificar a origem etimológica da palavra *surdo* na Língua Portuguesa. Também pretendemos determinar especificidades das primeiras aparições dessa palavra, bem como indicar o significado da mesma nos diferentes contextos de registro encontrados. Conforme citação de Viaro (2011) anteriormente apresentada, não definimos em absoluta precisão as informações aqui estabelecidas devido ao caráter efêmero das questões linguísticas no campo da Etimologia. Postamos conclusões de modo a tornar compreensível o processo etimológico de uma lexia de importante representatividade na sociedade brasileira, conforme passamos a expor.

1 REVISÃO DA LITERATURA

A Linguística Histórica é um campo amplamente analisado e descrito há pelo menos quatro séculos. Incluída nessa área estão os estudos etimológicos. As discussões e apontamentos sobre a Etimologia, no entanto, são mais recentes do que as da Linguística Histórica. Para esse estudo, primeiramente, foram considerados autores que descrevem a Etimologia e argumentam sua importância. As colocações que estabelecem processos etimológicos como ciência são basilares para sua afirmação como tal, bem como parte da Linguística já anteriormente reconhecida e investigada.

O que, contudo, notamos, é uma limitação quanto a pesquisas que retratam o percurso etimológico de palavras ou expressões comuns da língua portuguesa. Isso pode ser justificado pelo caráter efêmero e transitório que as variações linguísticas trazem para a forma e o significado das palavras. Assim, além da literatura referente à descrição da Etimologia, abrangemos também obras lexicográficas que auxiliam no resgate do provável étimo da palavra a ser analisada.

2 METODOLOGIA

A fim de reconhecer e produzir o processo etimológico de uma lexia da língua portuguesa, partimos, inicialmente, da escolha da lexia a ser detalhada. As atuais e importantes discussões sobre a proposta de escolas bilíngues para a comunidade surda, bem como o perceptível empoderamento de tal comunidade a partir da apropriação da cultura surda, foram a motivação para a escolha da lexia *surdo* como ponto de partida. Determinada a lexia, foram feitas buscas pela origem etimológica de *surdo* em dicionários específicos, como os etimológicos e os históricos. De posse das informações depreendidas pela coleta, passamos a analisá-las na busca por coincidências e/ou discrepâncias de variabilidade. As percepções do estudo passam a ser aqui evidenciadas.

3 A BUSCA PELO PROVÁVEL ÉTIMO

A lexia *surdo* tem origem no latim, todavia, quanto à forma do étimo latino há pequenas discrepâncias. Alguns dicionaristas descrevem que *surdo* é proveniente do lat. *surdus* (adjetivo), enquanto outros indicam ser proveniente do lat. *surdu*. A obra *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010) indica que, a partir do século XIV, a palavra já se apresenta na forma atualmente utilizada, a saber, *surdo*. A partir dessa data, sua acepção principal é: “que não ouve ou quase não ouve”. Confirmação dessa afirmação está no *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Em um documento datado de 1350, denominado “Alphonse X, Primeyra Partida” lemos:

Ley #XVII como o cl(er)igo lhy ha de cospir na ssa ma~o e poelo ao que bautiza Ante do bautismo nos dissemos q(ue) auia palauras q(ue) sse deue~ a diz(er) e so~ estas q(ue) ia ouuistes. \$ Mais agora q(ue)remos falar das q(ue) som en hu~u~ co~ o bautismo e esto he q(ua)ndo o cl(er)igo ouuer dita esta oraço~ prostumeyra q(ue) de cima dissemos ha de cospir na ssa ma~o e tomar daq(ue)la saiua co~ os dedos e poelha nos narezes e nas orelhas e nos olhos do q(ue) bautiza e diga estas palauras q(ue) disse N(ost)ro Sen(hor) Ih(es)u Cr(ist)oquando cospiu en t(e)rra e fez lodo e tamgeu co~ elle enos olhos daq(ue)l q(ue) naçera cego e fezeo logo ueer. \$ E out(ro)ssy q(ua)ndo meteu o dedo nas orelhas do *surdo* e ouuiu (ALPHONSE X, 1350 [grifo nosso]).

Cunha (2010) ainda traz uma forma anterior a essa acima descrita. O autor indica que, no século XIII, a palavra era grafada *sordo*, embora já com o sentido mais amplamente identificado para a forma posterior *surdo*. O mesmo *corpus* comprova a sugestão de Cunha através do documento ali catalogado pelo número CSM234: “Cantigas de Santa Maria”, de 1264-1284.

[Esta é como Santa Maria de Vila-Sirga fez oyr e falar un moço que era **sordo** e mudo, porque teve vigia hu~a noit' ant' o seu altar.]

A que faz os peccadores dos peccados repentir, ben pod' os mudos e **sordos** fazer falar e oyr. Ca macar é mui gran cousa de fazer mudo falar e oyr o que for **sordo**, mui mayor, se Deus m'ampar, é de perdõar peccados; ca se de Deus non gannar (AFONSO X, 1264-1284 [grifo nosso]).

Na língua portuguesa, a primeira aparição que encontramos da palavra na forma semelhante à atual apareceu em 1568 em um sermão do padre José de Anchieta:

Ouve, *surdo* pecador, ouve a voz de Christo, que está bradando: Pecador, pecador, porque me persegues? Ego sum Jesus, quem tu persequeris, eu sou Jezus, a quem persegues, quando persegues a teu irmão; eu sou Jezus, a quem persegues, quando pecas; [...] (ANCHIETA, 1568 [grifo nosso]).

Em todos esses casos, o significado da palavra é referente a uma pessoa que não escuta. As especificações sobre cada um dos contextos deixam claro um percurso relativamente recente de pouca variabilidade semântica e até mesmo gráfica. No entanto, a continuidade das análises nos reporta a maiores detalhes da lexia.

Ao pesquisar a palavra *surdo* no *Dicionário de Etimologia da Língua Portuguesa*, de Guérios (1979), encontramos uma referência de origem latina diferente àquela posta por Cunha. Neste, conforme já exposto, a indicação é de que a palavra *surdo* é proveniente de *surdus*, enquanto naquele a indicação é que a palavra vem de *surdu*. Guérios ainda amplia as especificidades quando descreve que a origem também está relacionada às formas *swarta-* e *s-kwer*, do germânico e indo-europeu respectivamente. A unidade germânica traz o sentido de “preto” e a unidade indo-europeia é de sentido “ser negro”. Assim, a ideia inicial da unidade que originou a lexia *surdo* estava relacionada à obscuridade. Guérios ainda reforça a colocação por indicar *surdu* como cognato de *sordes*, isto é, “sujo” ou “preto”.

Ernout e Meillet (2001), em seu dicionário etimológico, concordam com a afirmação de Guérios quando explicam a lexia *sordes*. Os autores consideram que a forma inicial germânica trazia a ideia de “negro”: gót. *swart*.

Assim, o percurso semântico da unidade *surdu/surdus* é tal que podemos constituir:

- preto/negro/sujo → obscuro → difícil compreensão/que não entende → que não escuta.

O primeiro significado literal como “preto”, “escuro” está intrinsecamente relacionado ao provável étimo primário da lexia. A desconstrução semântica alcançando o sentido de algo “obscuro” e de “difícil compreensão” é percebida em obra de Juvenal citada por Ernesto Faria no *Dicionário Latino-Português* (2003).

Processo de mudança semântica semelhante aconteceu com a palavra inglesa *deaf* (tradução para o port.: *surdo*). A origem etimológica dessa palavra é o grego *ty'phos*, que significa “fumaça”, “escuridão”. O *Online Etymology Dictionary* confirma tal origem, bem como o dicionário etimológico de Partridge. Detalhamos:

QUADRO 1: A origem etimológica da palavra *deaf*

| Origem | Forma |
|--------------------|-----------------------------------|
| Inglês antigo | <i>dǣaf</i> |
| Gótico | <i>daufs</i> |
| Nórdico antigo | <i>dauf</i> |
| Frísio antigo | <i>daf</i> |
| Saxão antigo | <i>dof</i> |
| Alto-alemão antigo | <i>toub</i> |
| Alemão | <i>taub</i> |
| Grego | <i>typhlos</i> (fumaça/escuridão) |
| Indo-Europeu | <i>dheubh</i> (ser negro) |

Assim, seja na língua inglesa ou na língua portuguesa, a maior variação percebida para a lexia *surdo* ou *deaf* foi a semântica, não a gráfica. Ambas passaram do sentido de “obscuridade” ou “incompreensão” para o sentido de “não ouvir”.

Segundo Meillet (1948), o sentido das palavras está relacionado a mais do que características linguísticas. Envolve considerar também fatos históricos e sociais. Essa é uma afirmação verdadeira e pode ser confirmada no contexto da palavra aqui analisada etimologicamente.

4 COINCIDÊNCIAS ENTRE OS ESTUDOS ETIMOLÓGICOS E HISTÓRICO-SOCIAIS

Considerando os fatos histórico-sociais relacionados aos sujeitos surdos, podemos, satisfatoriamente, compreender a progressão etimológica da lexia *surdo* a partir do sentido do sombrio ou obscuro.

Segundo Moores (1978), desde a Antiguidade até a Idade Média os surdos eram considerados imbecis e não educáveis. Por um longo período histórico, os surdos não eram reconhecidos como cidadãos ou mesmo como seres humanos. Até o século XIII, era proibido aos surdos receberem a comunhão por serem considerados incapazes de confessar seus pecados. Também havia decretos contra o casamento de duas pessoas surdas, contra os surdos receberem heranças etc. Perlin (1998) nos lembra que as

narrativas surdas eram cheias de exclusão, estereótipos e opressão, já que esses eram indivíduos marginalizados.

Strobel (2008, p.44) discorre sobre um dos motivos de os surdos serem vistos como excluídos e incapazes:

Nas relações entre colonizadores e colonizados é comum verificarmos o estabelecimento de tensões e conflitos relacionados à imposição de aspectos culturais do colonizador como é o caso de sua cultura, ou seja, de sua religião, de suas crenças, seus rituais e, sobretudo, de sua língua. [...]. Então cada período da história tem crenças e valores únicos, devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico; no caso da história de surdos é a valorização excessiva da história do colonizador, assim como as narrativas dos colonizadores, isto é, dos ouvintes, que tiveram contato ao povo surdo se baseiam nas suas ambições às suas idéias de lideranças.

Os surdos sempre existiram na história da humanidade, porém sempre existiram como comunidade minoritária. Isso, naturalmente, gera a eles imposição de aspectos da comunidade majoritária ao seu redor, situação esta agravada quando não há possível discussão sobre tal realidade, já que surdos e ouvintes estão distanciados por línguas diferentes. Se considerarmos o contexto sócio-histórico de séculos atrás, identificaremos a impossibilidade comunicativa desses dois grupos ainda mais agravada em comparação com o presente momento. Assim, a história dos surdos é, inicialmente, marcada pelo isolamento e desrespeito aos seus direitos por não serem considerados cidadãos capazes.

A partir disso, quando começam as tentativas de ensino ao sujeito surdo, o objetivo primitivo se torna submeter à comunidade surda a cultura e a forma de comunicação ouvintes. Dessa maneira, tanto as decisões nos tratos com os surdos como a descrição e o registro do percurso deles sempre foram de concepção ouvintista. Os surdos não eram protagonistas de sua própria história, portanto, o que nos serve de referência sobre as características do surdo e de sua comunidade só pode ser considerado verdade parcial, pois não temos o ponto de vista da comunidade surda da época.

Consideração sobre um grupo com língua, cultura e necessidades próprias nem de longe eram cogitadas ou percebidas. A surdez era uma condição que deixava seu portador sem qualquer perspectiva de inclusão efetiva. A máxima da relação entre os possíveis educadores e os surdos era a caridade, na tentativa de, ao impor as características da sociedade ouvinte aos surdos, os tornar adestrados às regras de

comunicação e comportamento e propiciar possível convivência. Skliar (1997, p. 115) destaca:

[...] se afirma a existência de uma relação direta entre as deficiências auditivas e certos problemas emocionais, sociais, lingüísticos e intelectuais, que são inerentes à surdez e comuns a todas as crianças, jovens e adultos surdos do mundo inteiro. [...] definem-se os surdos como lingüisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos.

Logo, os fatos históricos comprovam que, desde a Antiguidade os surdos eram considerados de capacidade intelectual e social sombria, obscura. Sua condição era socialmente negra/esfumaçada, assim como sugere o étimo primário da palavra que os designa. Por exemplo, em 1880 aconteceu o importante Congresso de Milão com o objetivo de discutir políticas educacionais internacionais para a comunidade surda. Embora buscasse promover melhorias nas relações de aprendizado desse grupo, a língua de sinais foi totalmente ignorada. A principal definição do congresso determinou para todo o mundo, especialmente para a Europa e a América Latina, o banimento da chamada linguagem gestual. Segundo Lacerda (1998, p. 4):

Com o Congresso de Milão termina uma época de convivência tolerada na educação dos surdos entre a linguagem falada e a gestual e, em particular, desaparece a figura do professor surdo que, até então, era freqüente. Era o professor surdo que, na escola, intervinha na educação, de modo a ensinar/transmitir um certo tipo de cultura e de informação através do canal visogestual e que, após o congresso, foi excluído das escolas. Assim, no mundo todo, a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido e as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas. Essa abordagem não foi, praticamente, questionada por quase um século.

A colocação de Lacerda reforça a sobreposição da maioria ouvinte em detrimento das necessidades e interesses dos surdos. Como destacado, o oralismo foi a metodologia escolhida para a educação dos surdos e isso se manteve por quase um século após a convenção. Obviamente, decisões como essa são consequência do pensamento de que os ouvintes eram mais capacitados para determinar as melhores condições de ensino e aprendizagem da comunidade surda do que os próprios beneficiários. O que depreendemos disso é a percepção de que surdos não tinham competência suficiente para determinar seus próprios caminhos sociais e/ou intelectuais.

A análise da história socioeducativa dos surdos nos confirma a ideia primária da sociedade em geral de o surdo não ser um indivíduo plenamente capaz. O fato de a lexia *surdo* ter sido originada de uma palavra com o sentido de negro, obscuridade,

difícil compreensão etc, é uma referência clara da visão que a sociedade tinha dos surdos.

Podemos dizer que a Etimologia é, de fato, capaz de revelar não apenas aspectos importantes da história da língua, mas também de ser espelho da sociedade em qualquer tempo, pretérito ou atual. Os registros de características de uma palavra ou de uma língua demonstram ainda peculiaridades do povo e da comunidade naquele momento. Atualmente, embora não seja natural o resgate da percepção inapropriada da comunidade surda como sendo um grupo “obscuro”, isto é, incapaz, identificar o étimo da palavra e associá-la às características sociais do passado é de suma importância para reconhecermos o atual contexto histórico dos surdos e propiciar-lhes uma realidade educacional a mais compensatória e apropriada possível.

CONCLUSÕES

A Etimologia é uma ciência importante que vai além da busca e descrição da história evolutiva das palavras. Por exemplo, através dos estudos etimológicos podemos apreender fatos histórico-sociais e também culturais relacionados a uma sociedade ou grupo referente à língua analisada. Foi isso que se deu ao pesquisar o étimo da palavra *surdo* na Língua Portuguesa. Pudemos constatar que, de origem latina, a palavra teve nos seus primórdios o significado de “preto”, “ser negro”, “obscuro”. Desse significado até o que hoje conhecemos mais amplamente, a saber, “pessoa que não ouve ou quase não ouve”, não há uma lacuna muito grande, como pode inicialmente parecer.

Estudos da história dos surdos deixam claro que, por muito tempo, os surdos eram uma parte desconsiderada da sociedade. Mais do que isso, no início da história eram impedidos de viver por, teoricamente, não serem de utilidade para a nação:

Inicia a história na antiguidade relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: a infelizmente criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar (BERTHIER, 1984, p.165).

Adiante esse período, apenas na História Moderna (século XV) as conquistas dos surdos por alguns direitos foram iniciadas. Mesmo assim, os pequenos grupos de instrução de surdos tinham metodologias determinadas por ouvintes que seguiam

impondo a cultura e língua da sociedade majoritária. Até os anos 1960, por exemplo, prevaleceu o método oralista de ensino aos surdos, abordagem esta que se baseia na linguagem falada como prioridade. A linguagem oral seria a mais indispensável para o desenvolvimento pleno do sujeito. Assim, os sinais são excluídos da comunicação e se estimula a recepção de linguagem pela via auditiva (para surdos não profundos) ou pela leitura labial. Obviamente que extinguir a língua materna de uma comunidade significa privá-la de muitas coisas. Não envolve apenas defasagens nos aspectos linguísticos, envolve questões mais profundas como o desrespeito à cultura e à identidade de um povo. Essa realidade demonstra como sempre houve estipulação da concepção ouvintista sobre os sujeitos surdos. É uma indicação clara de que, para a sociedade em geral, os surdos são indivíduos obscuros ou incapazes, sendo sempre necessário que os ouvintes escolham o que é melhor para eles em todos os aspectos possíveis: sociais, culturais, educacionais, etc. Daí a aproximação histórico-social da palavra *surdo* com seu provável étimo latino.

Análises como essa deixam claro a necessidade de empoderamento da comunidade surda e de sua língua e cultura. Reconhecer o sujeito surdo como indivíduo plenamente capaz e em equiparidade com ouvintes é o primeiro passo para desconstruir a ideia sugerida pelo possível étimo da palavra *surdo*.

REFERÊNCIAS

BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée. In: LANE, H.; PHILIP, F. *The deaf experience: classics in language and education*. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984.

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. A. A. (Coord.). *Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: Unesp, Laboratório de Lexicografia. 19 v. (No prelo.)

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/texto.jsp?t=t&id=23707>> Acesso em 17 de junho de. 2016.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

- DOUGLAS, H. *Online Etymology Dictionary*. 2001-2016. Disponível em <<http://www.etymonline.com/>> Acesso em 18 de junho de 2016.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de La Langue Latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 2001.
- FARIA, E. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003
- GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário de Etimologias da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1979.
- LACERDA, C. B. F. *Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos*. 1998. Disponível em: <http://150.164.100.248/dialogosdeinclusao/data1/arquivos/LACERDA_Historia_Abordagens_Educacionais.pdf> Acesso em 19 de junho de 2016.
- MOORES, D. *Educating the deaf, psychology, principles and practice*. Boston: Houghton Mifflin, 1978.
- NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
- PARTRIDGE, E. *A short etymological dictionary of Modern English*. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SKLIAR, C. *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- STROBEL, K. L. *História da Educação dos Surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009.
- _____. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- YAMAMOTO, M. I. Da Etimologia à Linguística Histórica: considerações diacrônicas sobre o ensino da língua(gem). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, Jataí: Universidade Federal de Goiás, 2014. 4. Anais eletrônicos disponíveis em <www.congressohistoriajatai.org> Acesso em: 17 jun 2016.

AS ORIGENS DE *PORQUE* EM CASTELHANO E PORTUGUÊS

Clarisse Barbosa dos Santos⁴³
claraluxter@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo trata da etimologia do vocábulo *porque* nos idiomas castelhano e português. A hipótese que norteou esta pesquisa-piloto é a de que, por se tratarem de línguas românicas, pode-se estabelecer paralelos entre os dois idiomas, devido à existência de um étimo comum, provindo do substrato latino.

Dentre os conceitos adotados neste estudo, está o de *palavra*, que, segundo Houaiss (2009), tem como componente intrínseco a variação na forma, no sentido e na pronúncia. Esse é o caso do termo para o qual buscamos um étimo comum nas duas línguas românicas com as quais trabalhamos. Ainda neste autor buscamos o conceito de *poligênese*, que explica a forma como as palavras, apesar de cunhadas uma única vez, podem entrar numa língua em determinadas ocasiões e desaparecer em outras. Esse conceito será útil para compreender a datação dos étimos conforme as sequências etimológicas apresentadas nas seções 2 e 3 deste capítulo.

Em Viaro (2013; 2014), buscamos os conceitos de *etimologia* e *étimo*. O primeiro consiste no estudo de um termo de uma língua, em aspecto sincrônico e diacrônico, com ênfase em sua formação histórica. Com relação ao segundo, trata-se de uma palavra oriunda de um substrato linguístico ou de outra língua, que pode ser localizada na linha de formação e desenvolvimento histórico da língua analisada. Ainda neste autor buscamos o conceito de *metátese*, uma transposição fonética de determinado elemento formal do étimo que não está no mesmo *locus* do termo investigado.

O problema que deu origem a esta pesquisa foi a comparação entre a morfologia e a semântica do *porque* nos idiomas castelhano e português. Segundo uma análise sincrônica, a distinção entre essas duas línguas estaria somente na sílaba tônica e

⁴³ Licenciada em Letras/Espanhol na UFMG; Mestre em Teoria da Literatura na UFMG; Doutoranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

na forma simples ou composta do idioma. O objetivo geral proposto é construir uma cadeia etimológica para o *porque* em castelhano e português, além de, especificamente, comparar o desenvolvimento histórico deste vocábulo nos dois idiomas, bem como descrever os possíveis significados nessas duas línguas. A hipótese que guiou essa pesquisa é a de que a comparação entre essas línguas românicas permite detectar e descrever, para um étimo comum, processos de formação semelhantes que resultarão em analogias semânticas.

Esta pesquisa está baseada em alguns textos fundamentais para a investigação de étimos em uma língua qualquer. Parte dos princípios aqui adotados foram tomados de Viaro (2014; 2013), para quem a pesquisa etimológica deve passar por muitas etapas rigorosas. Quanto às soluções de étimo, são múltiplas e estão sujeitas à revisão, o que deixa claro que os resultados divulgados neste trabalho são parciais e provisórios. Para os étimos propostos, reconhecemos que não constituem uma solução definitiva, e sim um caminho a ser aprofundado por pesquisas futuras que confirmarão ou rejeitarão as hipóteses presentes neste trabalho.

Recorremos também ao conceito de lexicalização, conforme definido por Castilho (2010, p. 110), que o define como “processo por meio do qual conectamos o léxico, entendido como um inventário pré-verbal, ao vocabulário, entendido como um inventário pós-verbal, um conjunto de produtos concretos, ou seja, as palavras”.

A abordagem histórica das palavras será realizada conforme as indicações de Durkin (2009), para quem o estudo da história de uma palavra deve considerar a formação da mesma, observando que esse desenvolvimento se dá de acordo com os padrões de formação de determinada língua ou por empréstimo de outra língua. Ainda nesse autor, buscamos o conceito de Poligênese para explicar que as palavras são cunhadas em determinada sincronia e entram na língua em várias ocasiões. Outro pressuposto é o de que o léxico de qualquer língua constitui uma classe aberta, estando, por isso, sujeito a novas incorporações, que podem ocorrer, dentre outros, pelo processo de lexicalização por mudança semântica.

Utilizamos, também, o pressuposto de que todas as línguas, em qualquer que seja a sincronia, apresentam variação, sendo a homogeneização apenas um artifício utilizado para fins didáticos (FARACO, 2005).

A metodologia pela qual foi realizada a pesquisa bibliográfica que aqui se apresenta consistiu de compilação e análise de dados em dicionários de uso e etimológicos, no português e no castelhano. Esses dados foram analisados à luz de alguns dos princípios da Linguística Histórica e da Etimologia, sendo que as inferências se apresentam ao longo da exposição dos dados, a partir da análise contrastiva dos mesmos.

As convenções adotadas nas sequências etimológicas apresentadas são: para as formas homônimas na mesma língua, usou-se uma barra transversal: [/]; para o étimo na mesma sincronia, em línguas diferentes, usou-se um hífen: [-].

1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COM RELAÇÃO AO PORTUGUÊS

Na sincronia atual, Houaiss (2009) apresenta duas formas concorrentes quanto à morfologia: *porque* e *porquê*. A primeira exerce a função de conjunção coordenativa ou subordinativa; já a segunda consiste em um substantivo masculino cujo significado remete à explicação de um fato, tendo como sinônimos a razão ou o motivo.

Etimologicamente, as duas formas derivaram da preposição *por* + conjunção *que*, documentadas no século XIV e substituídas no séc. XV pela forma *porque*. Essa palavra, em sua acepção de conjunção, apresenta três variantes: as formas *por que*, *por quê* e *porquê*, as duas últimas com a função de substantivos masculinos. Assim, podemos supor, segundo os dados obtidos por esse autor, a seguinte sequência etimológica:

- Port. ant. *por + que* (séc. XIV) > *porque/por que/por quê/porquê* > (séc. XV) > *porque/porquê* (séc. XX).

A respeito das formas homônimas em português *por que/por quê* e *porque*, Almeida (2003) relata as determinações da Reforma Ortográfica de 1943, segundo a qual há de se considerar a função sintática da expressão, a saber:

- Elementos separados no caso de advérbio interrogativo de causa (direto ou indireto): “*Por que* você não vai?” e “Quero saber *por que* você não vai”; já no final do período ou isolado, traz o acento circunflexo: “Você não vai, *por quê?*” (p. 428).

- A forma *por que* (advérbio interrogativo) pode ainda ser substituída pelos pronomes relativos *o qual, a qual, os quais, as quais*: “*Por que* razão ele assim procedeu eu não sei” (p. 428).
- Já como pronome relativo, o *que* sempre se separa do *por* (preposição). Nesse caso, Almeida aponta a origem latina desses homônimos, principalmente os que se escrevem separados: “O que é estranho é exigir a ortografia oficial brasileira que se separe o *que* do *por* também quando interrogativo: O “*cur*” e principalmente o “*quare*” do latim, palavra esta composta mas sempre escrita como se uma só...” (p. 428 [grifos do autor]). O autor cita os advérbios interrogativos de outras línguas românicas escritos com uma só palavra: o italiano *perché* e o francês *pourquoi*.
- Para a forma *porque*, o autor explicita que se trata de uma conjunção subordinativa causal ou final e leva acento circunflexo quando substantivada: “Dei-lho *porque* me pediu” e “Relatei todos os *porquês* do caso” (p. 428). A variante com o significado de conjunção causal vem sendo, na imprensa, substituída por *para que*: “Faço votos *para que* seja feliz”. O autor chama a atenção, no entanto, sobre ocorrências do *porque* como conjunção subordinativa causal no português contemporâneo, como forma variante em co-ocorrência com *para que*.

Com base nesses dados, pode-se propor outra sequência etimológica que incluiria a forma *por que* e suas variantes a partir do latim vulgar:

- Lat. *cur/quare* > port. ant. *por* + *que* (séc. XIV) > *porque/por que/por quê/porquê* > (séc. XV) > port. mod. *por que/por quê/porque/porquê* (séc. XX) – it. *perché* – fr. *pourquoi*.

Além das formas e acepções apontadas por Houaiss (2009) e Almeida (2003), Silva (1948, p. 529) apresenta o substantivo masculino *porquê*, com a acepção de

espécie de sátira usada pelos antigos poetas de Portugal e Espanha; libelo difamatório: ...“tratava-o tão àasperamente, que deu matéria em que uns “*porquês*” que alguns praguentos fizeram na Índia, fizessem um que dizia... (CASTANHEDA, *História da Índia*, VII, cap. 4, 9).

Observamos, nessa sequência, uma mudança semântica, pelo mecanismo de ampliação de significado, na qual o *porquê*, além da acepção substantivada (o motivo)

adquire outra, de substantivo comum (texto satírico). Com relação à forma, mantém-se a mesma, com o *por* no primeiro elemento e o *que* no segundo.

A etimologia de *porque* é descrita também conforme a seguir: “**Porque conj.** XIII. De POR + QUE”. Já o *Dicionário de Latim-Português* apresenta a seguinte descrição: “**por-** *pref.* que alterna com **per, pro** e entra na formação de verbos: **porrigo, porricio, portendo, polliceor** (r > l por assimilação) (PORTO EDITORA, 2001, p. 523).

Até este ponto, todos os dados são unânimes na morfologia dessa partícula, tenha ela a função de conjunção, advérbio ou substantivo, bem como seu étimo imediatamente anterior (*por + que*). A origem latina do segundo elemento *que* pode ser constatada conforme a descrição de Faria (1975, p. 841), que aponta um desdobramento de sentidos a partir de três funções prototípicas, formadas com base nos étimos *quī, quae, quod*:

1. Como pronome relativo: *Que, o qual, quem* (sentido particular); *o que* (com omissão do antecedente); *visto que, pois que, porque* (com valor causal); *se bem que, que, portanto* (com valor concessivo); *a fim de que, para que* (com valor de finalidade); *de tal sorte que, tal que* (com valor consecutivo).
2. Como pronome interrogativo: Nesse caso, ressaltam-se os valores de adjetivo (o neutro *quod*) sempre nessa função e como substantivo: *que, que, qual*.
3. Como pronome indefinido: *alguém, algum*.

Ainda nessa fonte de consulta, encontramos uma série de variações desses étimos em outros casos latinos, dentre os quais achamos necessário limitar-nos à equivalência de funções sintáticas no português moderno somente para o caso nominativo/acusativo (funções sujeito/objeto direto), respectivamente: *qua*.

A pesquisa em Cunha (1982) e Faria (1975) indica uma ampliação na origem latina do *porque*, o que nos leva a propor um desdobramento da sequência etimológica anterior:

- Lat. *quī/quae/quod*

- Lat. *cur/quare/* > port. ant. *porque* (séc. XIII) > *por/per/pro + que* (séc. XIV) > *porque/por que/por quê/porquê* (séc. XV) e port. mod. – it. *perché* – fr. *pourquoi*.

A presença dos homônimos no latim explica-se pelo princípio da variação, visto que, nesse caso, tanto em sincronias atuais como nas pretéritas ocorre a heterogeneidade de formas para um mesmo étimo. No caso da alternância do port. ant. *por/per/pro* (s. XIV), acreditamos tratar-se do fenômeno de transposição, em que um mesmo elemento formal do étimo não está no mesmo *locus* da palavra investigada. Especificamente, acreditamos tratar-se de metátese, existente no latim, em que se deu a troca de posição do *-r*.

Viaro (2013) esclarece alguns aspectos a respeito da função do elemento *que* nas línguas românicas. Ele resume as mudanças morfossintáticas pelas quais passou essa partícula:

Adv → Prep;

Adv+**que* → Conj → Adv → Prep;

Esse autor discute sobre a partícula *que* associada ao valor conjuncional, que, diacronicamente, é mais recente que o valor próprio das categorias advérbios e preposições; assim, explica-se o uso da conjunção *que* com valores de advérbios e preposições. Essa partícula teve produtividade distinta nos aspectos diacrônico, diatópico e diastrático, tendo como étimo mais antigo, no latim, a forma *-usque*, preservada sobretudo no galo-românico setentrional.

Esses novos dados permitem, assim, propor outra sequência etimológica para o *porque*, novamente ampliada no latim:

- Lat. *usque* > *cur/quare/quĩ/quae/quod* > port. ant. *porque* (séc. XIII) > *por/per/pro + que* (séc. XIV) > *porque/por que/por quê/porquê* (séc. XV) e port. mod. - it. *perché* - fr. *pourquoi*

Nesse ponto da pesquisa, interrompemos a detecção do étimo para o português e voltamos o olhar para o castelhano.

2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COM RELAÇÃO AO CASTELHANO

Na sincronia atual, o *Diccionario de la lengua española* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2005) apresenta as seguintes descrições:

Porque, com a forma homônima *por que*, menos usual na acepção 1, enquanto que mais usual na acepção 2. Na primeira, trata-se de uma conjunção causal: “Por causa o razón de que. *No pudo asistir porque estaba ausente. Porque es rico no quiere estudiar*”. Já na segunda acepção, constitui uma conjunção final, sinônima de *para que*: “*Recemos porque no llueva*”. A origem dessas formas está na construção *por e que*. Com relação ao primeiro elemento da construção, *por*, aponta-se sua origem no lat. *pro*, com influência de *per*. Registra-se ainda a forma *por qué*, denominada como locução adverbial, com os sentidos de: razão, causa ou motivo: “*¿Por qué te agrada la compañía de un hombre como ese? No acierto a explicarme por qué le tengo tanto cariño.*” Inferimos então a sequência etimológica:

Lat. *pro/per* > Cast. *por e que* > *porque/por que/por qué*.

Alguns dos problemas que essa sequência apresenta são: em primeiro lugar, a não indicação sobre a origem latina (ou não) do segundo elemento da construção para o étimo inicial. Em segundo lugar, descreve-se a formação do segundo étimo como sendo *por e que*, o que deixa claro tratar-se de categorias diferentes nessa composição, sobre as quais não se apresenta explicação etimológica adequada. E, por último, não se indica a datação para as formas do étimo.

A descrição encontrada no *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005) normatiza a escrita em uma ou duas palavras, segundo o significado. No valor de conjunção subordinante átona causal é correto seu uso como uma só palavra, apesar de haver o uso com duas palavras – esse considerado incorreto. Já como conjunção subordinante final, seguida de verbo no subjuntivo, admite-se a forma em duas palavras e tem-se como sentido alternativo a expressão *para que*. Vejam-se os exemplos retirados dessa fonte (p. 513): “Me tenéis envidia porque fui la única que se casó (MtzMediero Vacaciones [Esp. 1991])” e “Hará lo posible por que se cure (Marías Corazón [Esp. 1992])”

Nessa fonte de consulta, há uma tentativa de se desfazer a confusão no uso das formas concorrentes (*porque e por que*). Os valores da forma em duas palavras são ressaltados: primeiro, a preposição *por*, seguida do pronome relativo *que*. Nesse caso,

recomenda-se o teste sintático/semântico da anteposição do artigo correspondente e a consequente substituição do *que* por uma das formas *el/la cual* ou *los/las cuales*. O exemplo apresentado é “La verdadera razón por que [=por la que, por la cual] quieres quedarte es Miguel (Allende Casa [Chile 1982]) (Diccionario Panhispánico de Dudas, 2005)”.

Em segundo lugar, deve-se observar a valência verbal ou nominal para usar adequadamente o *por* seguido da conjunção subordinante *que*, sendo um dos exemplos apresentados no *Diccionario Panhispánico de Dudas*: “Llegan incluso ansiosos por que nos lo creamos (País [Esp.] 9.10.97)”. Essa fonte chama a atenção, ainda, para a diferença entre *porque* – conjunção átona – e as formas *porqué* e *por qué*.

Com relação à segunda variante, a forma tônica – *porqué/por qué* –, a primeira consiste em um substantivo masculino, cujos sinônimos são *causa* ou *motivo*. Na qualidade de substantivo, usa-se precedido de determinante e há possibilidade de plural – *porqués*. Um dos exemplos apresentados nessa fonte é “La lucidez de su mente no alcanzaba a comprender los porqués de su hijastro (Elizondo *Setenta* [Méx. 1987])”. Já a forma composta e separada está formada da preposição *por* e do pronome ou adjetivo interrogativo ou exclamativo *qué*: “- ¡Que por qué! – exclamó. (RRosa *Sebastián* [Guat. 1994])” (*ib.*). Chama-se, ainda, a atenção para o teste de substituição por *motivo* ou *razón*, que nesse caso, gera um enunciado inaceitável. As informações dessa segunda fonte nos permitem acrescentar um homônimo mais à sequência etimológica anterior: Lat. *pro/per* > Cast. *por* e *que* > *porque/porqué/por que/por qué*.

Ainda na sincronia atual, encontramos a definição do *Diccionario Clave* (1997), segundo a qual a forma *porque* tem a função de conjunção subordinante com os valores causal e final: “No podemos ir al campo porque está lloviendo” e “Reza porque no te haya visto”; Já a forma *porqué* é descrita como substantivo masculino com o significado de causa, razão ou motivo: “Ignoro el porqué de tu actitud” (p. 1455).

Com relação à etimologia, as duas formas são descritas nesse dicionário como tendo a mesma origem: “De *por* y *que*.”.

Essas informações coincidem com as apresentadas por Moliner (1966-67, p. 807), que somente acrescenta um dado: “compuesto con “por” - v - y “QUE”. Nessa fonte de consulta, há ainda uma valoração: a de *que*, apesar de se escrever como uma só

palavra, é mais lógico fazê-lo em duas, considerando a partícula *que* como nexos de união que afeta a oração seguinte.

Em contrapartida, a descrição crítico-etimológica dada por Corominas (1954, p. 849-850) inicia-se com a explicitação da origem de *por* no latim vulgar em virtude de alteração do latim clássico *pro* em *por* e *para* com a primeira documentação de *por* em 938 em [Oelschl.] e nas glosas Emilianenses e Silenses, assim como no *Cantar del Mío Cid*. A forma *por* é própria da literatura em versos (gênero romance) no castelhano e no português. Já no francês antigo (Juramentos de Estrasburgo) é constante a forma *pro*. No Ibero-romance, mantiveram-se os usos oriundos do latim, primordialmente, em que *PRO* equivalia a *por* nas acepções: no lugar de, na qualidade de, em troca de, na proporção de e em razão de; para esse último sentido, o francês usava o *pour*.

Na diacronia, esse autor descreve a distinção que faziam o português antigo e o asturiano entre *por* (no francês *pour*) e *per* (no francês *par*). No português moderno, prevaleceu a forma *per* (como variante de *por*) em combinação com os artigos, ocorrência documentada também no leonês central (ocidental). Essas ocorrências estão documentadas em 1670 - *pe(l)a*, e 1117 - *pe(l)o*.

Com relação ao castelhano, cita-se, nessa fonte, que o estudo dos usos e variantes de *por* não pertence a um dicionário etimológico, e sim à *Revista de Filologia Espanhola* (VALLEJO, n. IX, p. 40-48), com o estudo do *por* concessivo, e a Cuervo (*apud* COROMINAS, 1954, p. 572), para a variante vulgar *po*.

Para a forma *porque*, Corominas (1954) registra o sentido causal, na forma tônica, que encontra correspondências no catalão (*perqué*) e no italiano (*perché*). A forma composta em duas palavras *por qué* (interrogativo) é relacionada com a forma única substantivada *porqué* (o motivo), conforme exemplo: “sin *porqué*, S. XV, *Caída de Príncipes*, Aut.] [grifos do autor]; há ainda o sentido de quantidade, porção, conforme “costar buen *porqué*, Quijote I, xiii, 46” (p. 850). Essa fonte apresenta ainda outro valor para a forma em questão, formado de preposição + advérbio: no castelhano medieval, *por ante*, de uso generalizado, com um correspondente em português (perante): “Buenos *pora* las armas, mejor *pora ante* Jesuchristo, *Roncesvalles*, v. 2, RFE IV, 114” [grifos do autor].

Podemos, então, hipotetizar incorporando os dados dessa fonte de consulta, outra sequência etimológica para o castelhano, com as respectivas datações encontradas:

Lat. cl. *pro/per* > lat. vl. *Por* (s. X) /*para* > fr. ant. *pro/pour/par* - port. ant. - ast. *por/per* > cast. med. *por ante* - port. *perante* > port. - leonês *per/por* (s. XIII) > port. mod. *pelo* (s. XII)/ *pe(l)a* (s. XVII) - cast. med. *por ante/por* e *que* > cast. mod. *porque/porqué/por que/por qué* - cat. *perqué* - it. *perché*.

Os dados obtidos mostram que os valores de *porque* e seus homônimos, no português e no castelhano, variam em alguns aspectos: a forma simples, no castelhano, é um substantivo masculino, na variante antiga e moderna; pode ser também conjunção hipotática ou paratática no português e hipotática no castelhano; já a variante tônica *porquê*, no português, pode ser substantivada. Com relação à forma composta átona *por que*, no português, constitui conjunção e pronome relativo; a forma tônica *por quê*, por sua vez, constitui um advérbio interrogativo. No castelhano, a forma composta átona *por que* tem os valores de conjunção hipotática final e pronome relativo, já a forma tônica *por qué* traz os valores de locução adverbial interrogativa e exclamativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao significado da forma em estudo, pode-se observar que há uma dicotomia: a forma tônica no português *porquê* > *porquês* > *por* + *que*, substantivada na sincronia atual, possui um étimo anterior que era de fato um substantivo, sendo, por isso, uma unidade lexical autônoma, assim como a forma átona do castelhano *porque*. Essa mesma forma assume ainda o valor de unidade gramatical no português e no castelhano, assim como as formas compostas tônicas ou átonas.

Essa diversidade de valores pode ter uma relação direta com o substrato latino vulgar, como pode ser constatado nas sequências etimológicas construídas para essas duas línguas românicas. Se observamos o início das formas, notamos que há uma variação nas formas latinas que geraram o étimo *por* + *que*, o que não elucidada a relação entre as anteriores e a forma atual, seja ela lexicalizada ou não. Pode-se ainda inferir que a homonímia presente na sincronia atual existia também no substrato latino.

Foi possível constatar, também, que a maioria dos homônimos de *porque* constituem itens gramaticais. A exceção, formada pela forma substantivada no português e pelo substantivo masculino no castelhano, leva ao questionamento de como ocorreu o processo de lexicalização para essa forma nas duas línguas. Para responder a

essa pergunta faz-se necessário realizar novas pesquisas, dessa vez contrapondo os dados obtidos nos dicionários com dados de *corpora* escritos, nos dois idiomas, procurando ocorrências por séculos, desde o latim clássico até a sincronia atual.

Essa pesquisa exploratória apresenta possibilidades de desdobramentos, dentre os quais destacamos a incorporação de elementos do modelo variacionista para explicar a diversidade de sentidos de *porque* nas duas línguas a partir do pressuposto de que qualquer língua constitui um conjunto heterogêneo de variedades. Nas sequências etimológicas propostas para o português e castelhano, é preciso aprofundar a pesquisa dos étimos e descrever, com comprovação de documentos confiáveis, qual a relação entre cada um dos étimos descritos e hipotetizados e essas línguas, nas sincronias passadas e atual, devido à profusão de formas homônimas tanto no substrato latino quanto no português e castelhano modernos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: Ática, 2003.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAVE. *Diccionario de uso del español actual*. Madrid: SM, 1997.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954.
- CUERVO, J. R. *apud* COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. v. II. Madrid: Gredos, 1954, p. 850.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DURKIN, P. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: OUP, 2009.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. H-Z. Madrid: Gredos, 1966-67.
- PORTO EDITORA. *Dicionário de Latim-Português*. Cidade do Porto: Porto, 2001.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=TgJ7yhD>> Acesso em 16 de junho de 2016.
- _____. *Diccionario panhispánico de dudas*. Madrid: Santillana, 2005.
- SILVA, A. de M. *Grande Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Confluência, 1948.
- VALLEJO, J. Revista de Filología Española, n. IX, 1914, p. 40-48. In: COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. v. II. Madrid: Gredos, 1954, p. 850.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. *Manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2013.
- _____. Sobre a origem das preposições ibero-românicas *hasta*, *ata* e *até*. *Estudos de Linguística Galega*, Santiago de Compostela. n. 5, p. 189-212. 2013. Disponível em: <<http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/File/1346/1182>> Acesso em 12 de maio de 2016.

A ORIGEM DA PALAVRA *ÁRABE*

Jéssica Nayra Sayão de Paula⁴⁴
jessicanayra@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Para se estudar uma determinada palavra, é necessário compreender que ela é oriunda de alguma língua e pode ou não sofrer modificações em sua forma e em sua semântica ao longo do tempo e devido ao contato com outras línguas. A partir disso, precisamos fazer uma análise expansiva sobre esse vocábulo que se tornou muito usual, mas que nem sempre se sabe muito de onde veio e se sofreu transformações linguísticas.

Ao tratarmos de qualquer palavra existente no português do Brasil, é necessário compreender que ela carrega consigo não só o valor semântico, mas também a história de civilizações, a qual envolve a evolução social, cultural do ser humano inserido em um determinado contexto. Esse contexto é primordial para compreendermos quais designações uma palavra possui e o que nomeia, como foi nomeado para que um ser ou objeto seja conhecido de tal forma, a partir de conhecimentos populares usuais que a determinasse. Com base nisso, percebe-se o modo que o ser humano perpetua seu conhecimento, seu mundo, sua história e sua cultura por meio da palavra, que adquire uma grande importância para o resgate social e cultural de um determinado período, assim como para se compreender o léxico de uma época pretérita ou atual.

O objetivo deste artigo é buscar a origem da palavra *árabe* e desvelar suas diferentes nuances na língua portuguesa, as quais podem ser atribuídas por obras lexicográficas, sejam elas dicionários etimológicos ou dicionários gerais antigos e contemporâneos, e pelos seus próprios falantes. Serão observados alguns aspectos que nortearão essa pesquisa: etimologia, aspectos históricos, lexicologia, análise de sua construção sinonímica popularmente criada e a aceção tratada nos dicionários.

⁴⁴Licenciada em Letras/Português e Bacharel em Português - Estudos Linguísticos na UFMG; Mestranda em Estudos Linguísticos UFMG.

É importante ressaltar que as mudanças culturais e sociais permanecem no vocabulário de uma língua, uma vez que é, no nível do léxico, o sistema linguístico é responsável por registrar os acontecimentos e a categorização de experiências, onde que se perpetuam as palavras e, conseqüentemente, a cultura.

Segundo Biderman (1998, p. 12):

(...) o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras.

Com base nos preceitos sobre léxico e cultura, podemos buscar reflexões sobre a palavra *árabe*, a qual será analisada e estudada neste capítulo, a fim de se compreender o seu sentido original, se há palavras sinônimas ou não e com base em quais parâmetros essas designações ocorriam e ocorrem. Isso é importante, pois a partir do contato com povos do oriente, especificamente os árabes, por meio do processo de imigração em diferentes épocas, foram atribuídas palavras para caracterizá-los. Entretanto, nem todas as nomeações dadas correspondiam e correspondem, de fato, às etnias dos povos que imigraram do Oriente Médio para o Brasil. Algumas denominações eram vistas como pejorativas pelos próprios imigrantes para relacionar às suas origens e à sua etnia. Além disso, deve-se ressaltar que, devido à diversidade étnica dos povos árabes, determinadas nomeações não se resumem apenas ao aspecto religioso.

Para compreender melhor as designações atribuídas aos imigrantes árabes, é necessário estabelecer relações da história da imigração e suas fases na reflexão sobre os termos utilizados, visto que todo termo e suas significações dependem de um contexto cultural e de ideologias para se formar e se firmar entre os falantes, tornando-o usual e conhecido entre os mesmos.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS: OS ÁRABES NO BRASIL

Ao analisarmos o significado e a evolução semântica da palavra *árabe* no léxico do português brasileiro, é necessário conhecermos as influências dos imigrantes árabes para compreendermos o contexto em que essa imigração se inseriu na nossa

cultura e o que desencadeou esse processo na história influenciando o fluxo migratório para o Brasil. Além disso, foi a partir do contato com esses imigrantes que surgiram as denominações que conhecemos e algumas que perduram até os dias atuais.

A imigração árabe, sobretudo a Síria e a Libanesa, ocorreu no fim do século XIX e início do século XX, conforme AB`SÁBER (2000). Ao contrário de outras imigrações de povos de outras nacionalidades que vieram para o Brasil sob a tutela do país de origem e do destinatário, a imigração árabe ocorreu de forma espontânea e independente de acordos políticos entre os governos dos países de origem, financiada com os recursos dos próprios imigrantes.

Para o Brasil, a imigração árabe pode ser dividida em quatro fases: 1ª fase - 1880 a 1920; 2ª fase - 1921 a 1940; 3ª fase - 1941 a 1970 e 4ª fase - 1971 a 2000.

A primeira fase, datada de 1880 a 1920, foi o período em que houve o domínio do Império Turco Otomano, fazendo com que uma leva de imigrantes que eram oprimidos e perseguidos religiosamente buscassem uma nova vida no Brasil.

Na segunda fase, houve uma aceleração do processo de imigração, na qual já se formavam “colônias árabes”. Nessa época – de 1921 a 1940 – o ciclo da borracha e o café aceleraram o processo de imigração, concentrando os imigrantes em dois polos, na Amazônia e no Sudeste do país.

Na terceira fase, os imigrantes árabes passam a totalizar em torno de 70 mil sírios e libaneses. Eles conseguiram se estabelecer em determinadas zonas da cidade de São Paulo e passaram a dominar o comércio, tendo suas residências mais localizadas em bairros como Liberdade e Vila Mariana. Houve intensificação da imigração de muçulmanos após os anos 50.

Na quarta fase, houve aumento da imigração libanesa em virtude da Guerra do Líbano (1975 a 2000).

Segundo Gattaz (2001), a imigração árabe, a rigor, engloba diversas nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes no Brasil. Esse fluxo migratório processou-se de maneiras diferentes nas diversas regiões do país, de modo que os árabes se fixaram em grande número nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro e em menor número nas regiões do Rio Grande do Sul, da Bahia e de Minas Gerais.

Os sírios e os libaneses adotaram desde o início o sistema de vender barato para vender muito e, por outro lado, exerciam o máximo de economia, conseguindo assim acumular capitais apreciáveis (DUON, 1944, p. 115).

Embora muitos desses imigrantes viessem de áreas rurais, ao chegarem ao Brasil dedicaram-se a atividades relacionadas ao comércio, atuando como mascates, responsáveis por inovar o comércio popular vendendo seus produtos para populações do interior. Concentraram-se em bairros e ruas com fortes atividades comerciais, como em São Paulo, na rua 25 de Março.

1.1 *Árabe, beduíno, muçulmano e islâmico têm o mesmo significado?*

Para compreendermos o termo *árabe*, precisa-se saber de onde este termo se origina, qual é o significado real e popularmente conhecido e quais associações os falantes fazem ao denominar esses povos do Oriente Médio. Consultando o verbete *árabe*, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, é possível saber a origem desse povo semítico, como, também, a língua que falam:

Árabe s.2g. (sXV cf. IVPM) 1 membro dos povos semíticos que habitam a Península Arábica (no Sudoeste da Ásia, entre o mar Vermelho e o Golfo Pérsico) 1.1 membro dos povos semitas de origem arábica que falam árabe e habitam regiões circunvizinhas (como Norte da África e o Leste da Ásia) adj.2g. 4 que nasceu ou habita a península Arábica ou as regiões vizinhas a ela. (HOUAISS, 2004)

O significado da palavra *árabe* atribuído pela obra lexicográfica citada é uma forma não só de auxiliar na identificação dos povos citados, mas também de excluir que os termos *árabe*, *islâmico* e *muçulmano* são sinônimos, como, normalmente, atesta a sabedoria popular.

O termo *árabe* é utilizado no sentido de língua, de cultura, de política e de etnia; já o termo *islâmico* possui significado de caráter religioso, o qual também pode se estender para o Estado ou a cultura e não para designar uma etnia. O termo *muçulmano*, em contrapartida, é empregado para qualificar pessoas que são adeptas à religião islâmica, sem que sejam necessariamente árabes.

Esclarecidos os termos, analisemos a acepção trazida nesta pesquisa em que temos “membro dos povos semíticos que habitam a Península Arábica (no Sudoeste da Ásia, entre o mar Vermelho e o Golfo Pérsico)” (ATTIE FILHO, 2002, p. 35), a qual se

relaciona à origem dos povos citados oriundos da região da Arábia, tomada por vários desertos, de acordo com o Antigo Testamento.

Segundo Attie Filho (2002, p. 35) a origem desses povos que possuem a designação de semita, a qual também se encontra em uma das acepções lexicográficas acima, ocorre:

No capítulo 10 do Livro do Gênesis, o povoamento da terra é apresentado pela descendência de Noé a partir de seus três filhos: Sem, Cam e Jafé. Os árabes fazem parte do conjunto de povos que se formaram a partir da descendência de Sem, e por essa razão foram chamados de “semitas”.

Com base nessa citação, percebe-se que os povos semitas originaram as civilizações mais antigas que ocuparam as terras da região da Mesopotâmia, de modo que os babilônios, caldeus, fenícios, hebreus, sírios, assírios e árabes têm, portanto, um parentesco entre si.

O termo *árabe* e outros termos equivalentes para a definição desses povos foram encontrados em inscrições assírias e babilônicas. A princípio o termo *árabe* era utilizado para nomear os beduínos e a população nômade do deserto da Arábia. A palavra *árabe* vem do nome coletivo *ʾArab* (*árab*) e tem como adjetivo (*ʾarabiy*) *ʾArabiy*. Com o decorrer do tempo, esse termo recebeu diferentes significados. Consta que no primeiro período do califado, por exemplo, a expansão dos árabes ainda se mantinha somente para aqueles que falavam a língua árabe e descendiam de tribos árabes. Entretanto, com a expansão dos árabes, outros povos passaram a adotar sua língua e religião, dentre eles, os sírios e os egípcios. A partir daí o termo se expandiu levando uma proximidade entre o significado religioso e o significado linguístico.

No Brasil, com o fluxo imigratório dos povos árabes, tendo o seu início no ano de 1880 até os dias atuais, esses povos também receberam denominações como *turcos*, *turco a prestação*, *sírio-libaneses*. Dentre essas designações, a que mais se popularizou e predominou foi o termo *turco* para os imigrantes árabes.

- “**tur.co 3** *pop.* Diz-se dos árabes e sírios no Brasil. T. da prestação, *pop:* antigo vendedor ambulante de mercadorias à prestação” (FERREIRA, 1999, p.2141).

Isso se deve ao fato de que, quando se iniciou a imigração para o Brasil, no final do século XIX, o império Turco Otomano ainda dominava a região e era responsável pela expedição de passaportes aos emigrantes. A nacionalidade distinta de

cada um dos imigrantes passou a ser segregada para prevalecer a alcunha mencionada e, devido ao seu grande envolvimento no comércio, receberam também o nome de *turcos de prestação*. Além dessa, havia outras designações dadas como *sírios-libaneses* gerando dados imprecisos sobre a nacionalidade dos imigrantes. Na verdade, o fato de denominarem os grupos sírios e libaneses como *sírios-libaneses* deve-se ao fato de que o Líbano surgiu como um país em 1916, de modo que, na época, fazia parte da Grande Síria (territórios atuais da Síria, Líbano, Jordânia e uma parte do Iraque).

Atualmente, o termo é aplicado em sentido mais genérico, indo além da ideia de que os árabes são povos que habitam a Arábia Saudita, mas também povos que habitam outros países, como Egito, Líbano, Síria, Marrocos, Iraque e Palestina, ou seja, os árabes passaram a ser vistos como membros de uma grande nação, como bem define Touma (1996, p. 23):

Um árabe, no sentido moderno da palavra, é alguém que é cidadão de um estado árabe, conhece a língua árabe e possui um conhecimento básico da tradição árabe, isto é, dos usos, costumes e sistemas políticos e sociais da cultura.

2 A PALAVRA *ÁRABE* E SUA ORIGEM

O objetivo desta sessão é buscar o sentido etimológico do termo *árabe* e, em seguida, para descobrirmos sua evolução semântica, buscaremos o sentido das palavras que possuem relação como *beduíno*, *muçulmano*, *islâmico* e *turco* de modo a comprovar se há ou não relação de sentido nas definições e se os dicionários etimológicos estabelecem relações sinonímicas entre os termos. Os dicionários consultados foram: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010), *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno (1974), *Diccionario manual etymologico da língua*, de Adolfo Coelho (1847), *Diccionario etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss (1999), *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999) e o *Vocabulario portuguez e latino*, de Rafael Bluteau (1728).

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010) tem-se a seguinte acepção:

Árabe adj. S2g. ‘relativo à ou natural da Arábia’ XVI. Do lat. Arabs-ábis|| arabesco XVI: Do it. **Arabesco** || arábico | XIV, **arauigo** XIV, **arauguyo** XIV, **arábigo** XV || **arábio** | XVI, araeo XIV || **arabismo** 1858 || **arabista** 1871 || **arabizar** | -izar 1858 || **aravia** sf. ‘a língua árabe’ ‘língua arvezada (difícil como o árabe)’| arauya XIV | Do ár. ‘arabiya’ ‘a língua árabe’ (p. 51).

Dentre as obras lexicográficas consultadas, a de Cunha foi a que apresentou informações mais completas relacionadas à palavra e a sua origem, ao passo que as outras obras consultadas apenas apresentaram a origem da palavra e a definiram como natural da Árabia, como no *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa* de Francisco da Silveira Bueno (1974) e no *Diccionario manual etymologico da língua* de Adolfo Coelho (1847). O primeiro apresentou de maneira sucinta a definição da palavra, já o segundo indica apenas a definição e não necessariamente a origem e as datas de atestação da palavra, algo que direciona pouco o consulente ao querer realizar uma pesquisa mais aprofundada.

A definição dada por Adolfo Coelho é:

Arabe, á-ra-be, s.m. Que é originário da Arábia. A língua fallada pelos árabes e varios povos convertidos ao mulmanismo, a qual é um dialecto semítico, comprehendendo varios sub-dialectos. Adj. Que pertence a Arábia. Que foi inventado pelos arabes. (Arabe ‘arab.’) (p. 40).

Para organizar melhor a pesquisa, buscou-se colocar as informações dadas por cada dicionário consultado, etimológico e geral, no quadro abaixo:

QUADRO 1: Informações das obras lexicográficas sobre o item lexical árabe

| Autor | Informações das obras lexicográficas |
|------------------|---|
| Cunha (2010) | Árabe adj. S2g. ‘relativo à ou natural da Arábia’ XVI. Do lat. Arabs-ábis arabesco XVI: Do it. Arabesco arábico XIV, arauigo XIV, arauguyo XIV, arábigo XV arábio XVI, araeo XIV arabismo 1858 arabista 1871 arabizar -izar 1858 aravia sf. ‘a língua árabe’ ‘língua arvezada (difícil como o árabe)’ arauya XIV Do ár. ‘arabiya’ ‘a língua árabe’. (p. 51) |
| Nascentes (1955) | Árabe – do ar. Arab. (p. 40) |
| Coelho (1847) | Arabe , á-ra-be, s.m. Que é originário da Arábia. A língua fallada pelos árabes e varios povos convertidos ao mulmanismo, a qual é um dialecto semítico, comprehendendo varios sub-dialectos. Adj. Que pertence a Arábia. Que foi inventado pelos arabes. (Arabe ‘arab.’) (p. 40) |

Houaiss (2004) Árabe s.2g. (sXV cf. IVPM) 1 membro dos povos semíticos que habitam a Península Arábica (no Sudoeste da Ásia, entre o mar Vermelho e o Golfo Pérsico) 1.1 membro dos povos semitas de origem árabe que falam árabe e habitam regiões circunvizinhas (como Norte da África e o Leste da Ásia) adj.2g. 4 que nasceu ou habita a península Arábica ou as regiões vizinhas a ela. (Do Ár. arab)

Dicionário (á. ra.be)s2g.
Caldas Aulete 1. Pessoa nascida na Arábia, península do Sul da Ásia, entre o mar Vermelho e o golfo Pérsico.2. Pessoa pertencente a qualquer dos povos semitas de origem árabe espalhados pelo Oriente Médio, o norte da África e o leste da Ásia, ou que emigrou ou descende de quem emigrou dessas regiões para qualquer outra parte do mundo.
Online sm.
3. Gloss. A língua semítica falada pelos árabes; ARÁBICOa2g.4. Da Arábia; típico dessa região ou de seu povo; ARÁBICO5. Ref. ou pertencente aos árabes.6. Gloss. Do ou ref. ao árabe (3).[F.: Do lat. *arabs, abis.*]

Morais (1945) árabe- pertencente ou relativo da Arábia ou aos seus habitantes (p. 40).

No que se refere à sua origem, o dicionário de Cunha (2010) apresenta a informação de que o vocábulo em estudo possui origem latina, definição corroborada pelo dicionário *Caldas Aulete Online*, ao passo que as obras de Nascentes (1955) e Houaiss (2004) apresentam a informação de que sua origem é árabe. Entretanto, no final da informação da obra de Cunha (2010), temos a informação de que a palavra pode ter se originado do árabe, no século XIV, da palavra *arabiya*. Com isso, percebe-se que as informações são conflitantes, pois não afirmam com exatidão qual língua deu origem ao termo principal dessa pesquisa. A maioria dos dicionários que foram pesquisados apresentam informações descritivas e/ou enciclopédicas sobre a palavra-entrada, não só os gerais, mas os etimológicos que foram pesquisados não possuem precisão ao definir sua etimologia. Desse modo, ainda nos resta a dúvida sobre a sua origem, acreditando-se que pode ser latina ou árabe.

Outro aspecto que vale ser ressaltado é o fato do *DNGHU* não apresentar a reconstrução da palavra no indo-europeu, o que nos faz pensar que sua origem provável deva ser, de fato, da língua árabe. Como o árabe é considerado como uma língua afroasiática, é possível teorizar a impossibilidade de reconstruir sua origem a partir do indo-europeu.

Ao buscar dicionários antigos como o de Rafael Bluteau (1728), o termo *árabe* encontra-se como *arabi*, mas não possui as definições conhecidas e atribuídas nas outras obras consultadas. Bluteau a define como título dos Magistrados, que tinham os judeus tolerados até o tempo do Rei D. Manoel.

Se formos reconstruir a evolução da palavra *árabe*, de acordo com as informações adquiridas nos dicionários etimológicos, poderíamos pensar da seguinte maneira:

- lat *Arabs-ábis* > port. *árabe*
- ar. ‘*arabiy* *ÚÑÈí* > *arabiya* > *ÚÑÈ* *árab* > lat. *Arabs-ábis* > port. *árabe*

Caso aderirmos que a palavra *árabe* tenha vindo da língua árabe, é necessário ressaltar que houve uma modificação em sua pronúncia, devido ao fato de que no português não existe uma consoante similar à da língua afroasiática. No árabe, a palavra *árabe* se inicia com a letra *Ú* (*‘ayn*) considerada como consoante, sendo que no português é considerada como vogal *a*. Todavia, é possível que desse contato com a língua latina ou com a língua portuguesa, tornou-se uma convenção iniciar a palavra com a vogal mencionada. A partir dessa palavra, foram derivadas outras como *arabesco*, *arábico*, *arabismo*, *arabista*, *arabizar* etc.

Segundo as informações dadas pela obra lexicográfica de Cunha (2010), é possível fazer uma linha do tempo para observar as palavras que foram formadas a partir do étimo “arab” e que foram se tornando produtivas nas línguas românicas. Colocaremos as principais palavras, de acordo com a ordem de atestação, segundo a obra mencionada anteriormente, a qual apresentou mais informações a respeito da palavra pesquisada.

- XIV- *arabyia* (do árabe) → XIV – **arábico** → XV **arábigo** → XVI – *arab* (lat.)
arabs – *abis* | **arabesco** (it.) | **arábio** → 1858 – **arabismo** | **arabizar** → 1871
arabista

Embora algumas obras lexicográficas não apresentem as outras informações desejadas – origem e atestação – a sua definição é de suma importância para se estabelecer a evolução semântica e para compreender o significado de cada designação dada aos imigrantes de países do Oriente Médio. É possível compreender que tanto a obra de Ferreira (1999) como a de Houaiss (2004) e de Coelho (1847) não relacionam o termo aos outros significados que popularmente possui, algo que demonstra que os outros sentidos foram colocados segundo a convivência dos falantes nativos da língua portuguesa com os imigrantes, dando-lhes atribuições que justificam o pouco conhecimento sobre os povos.

2.1 A palavra *árabe* e seus “sinônimos”, de acordo com o uso popular

Nesta seção, não buscaremos nos deter à comparação da origem etimológica dos sinônimos populares da palavra *árabe*. Iremos apresentar os verbetes e fazer uma análise e uma reflexão a respeito de seus significados, de modo a se esclarecer algumas questões referentes ao seu uso e emprego dado pelos falantes/usuários da língua.

Ao consultar os dicionários etimológicos, além de buscar o vocábulo *árabe*, foram consultadas também *beduíno*, *muçulmano*, *islâmico* e *turco* com o objetivo de se observar e analisar quais relações essas palavras possuem entre si, tal como os falantes estabelecem.

Nos dicionários etimológicos, foram encontradas as seguintes acepções da palavra *beduíno*:

Beduíno *sm.* ‘árabe do deserto’ | *badujis* pl. XVI, *beduíno* XVI, *beduins* pl, XVIII | Provavelmente do it. *Beduíno*, deriv. do ár. *Badauin*, pl. de *badayuiu* ‘campesino’ ‘que vive no deserto’, de *badu* ‘deserto’. (CUNHA, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2010, p 87)

BEDUÍNO – Do ár. *badawiynn*, vulgar *badewin*, plur. De *badawi*, adj. Possessivo *badw*, deserto. Beduíno é uma versão má do francês (G. Viana, *Apost.*, I, 137); a forma vernácula antiga é *bedui*, *beduim*. (Nascentes, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 1955, p. 67).

Ambas acepções dadas por Cunha (2010) e Nascentes (1955) apresentam relação com o termo *árabe*, pois antigamente os povos árabes eram associados aos povos nômades do oriente, denominados *beduínos*. Entretanto é notório que tal relação

é pouco feita entre os falantes do português, fazendo com que as palavras *turco*, *muçulmano* e *islâmico* fossem as mais utilizadas e difundidas popularmente.

Sobre a palavra *muçulmano*, foram consultadas as obras lexicográficas de Cunha e de Houaiss para se buscar, não só sua origem etimológica, sua atestação, mas também para compreender o seu uso e observar se trata-se de um sinônimo da palavra *árabe*.

musulmano, mu-sul-ma-no, *adj.* Que tem relação com o mahometismo. s.m. mahometano;sectário do musulmanismo. (Ar. *Moslim*, devoto.) (COELHO, 1847, p. 887)

muçulmano *adj. sm.* (1540 cf. FMPin) HIST REL. m.q. ISLAMITA. ETIM persa *musliman* (pl.) < ár. *Muslim* ‘id.; f.hist. 1540 *massoleymoens*, 1563 *moçolman*, 1665 *musulmanes*, 1716 *mussulaman*, 1716 *musulmão*, 1899 *muculmano*. SIN/VAAR *moslem*, *moslem*, *moslim*, *muslemo*, *muslim*. (HOUAISS,1999, p. 1973)

muçulmano *adj. sm.* ‘maometano’ | *moçalmam* XVI, *massoleymões* pl. XVI | Do fr. *Musulman*, deriv. do persa *musalmân* (muslinan) e, este do ár. *múslin*, part. ativo de ‘*aslam*’ ‘obedecer à vontade de Deus’. (CUNHA, 2010, p. 440)

Com base nas acepções atribuídas por Cunha (2010), Houaiss (1999) e Coelho, não há um direcionamento a respeito do que exatamente significa, mas que há relação com a religiosidade, conforme apresentado apenas pelo primeiro e pelo terceiro autor de suas respectivas obras lexicográficas. Assim, pode-se concluir que não se estabelece relação semântica com a palavra *árabe*, mas sim com a religião de um determinado grupo étnico que pode ou não ser considerado árabe.

Sobre a palavra *islâmico* foram encontradas as seguintes definições:

Islã, islame, islão *sm.* ‘religião dos muçulmanos’ ‘o mundo muçulmano’ | *islam* 1873| Do fr. *Islam*, deriv. do ár. *islam*, de *aslama* ‘ ele está resignado com a vontade de Deus’ || **islâmico** XX || **islamismo** 1858 Do fr. **Islamisme** || **islamita** 1881 || **islamizar** XX. Do fr. *Islamiser*. (CUNHA, 2010, p.367)

Islâmico *adj.* (1958 cf. AA) m.q. *Islamítico* ETIM *islame+ico*. (HOUAISS, 1999, p. 1655)

Dadas as acepções pelos verbetes das obras de Cunha (2010) e de Houaiss (1999) é possível perceber que, assim como a palavra *muçulmano*, a palavra *islâmico* também não faz referência a um sinônimo de *árabe*, tampouco sugere que se um indivíduo de origem árabe necessariamente será um dos adjetivos citados, pois os povos árabes possuem diversidades étnicas as quais não se resumem apenas ao islamismo como religião, visto que há árabes cristãos, melquitas etc.

Por fim, serão apresentadas as definições dadas por Cunha (2010), Houaiss (1999), Coelho e Ferreira (1999) para comprovar se há ou não relação nas definições dadas por cada autor relação com o mundo árabe.

Turco, t^ur-co, *adj. e s.m.* Natural da Turquia. (COELHO, p. 1195)

turco *adj.* (sXIV cf. FichIVPM) 1. Relativo à Turquia (otomana ou moderna), à sua língua, cultura ou ao povo que habita esse país eurasiático. (HOUAISS, 1999, p. 2787)

tur.co 3 *pop.* Diz-se dos árabes e sírios no Brasil. T. da prestação, pop: antigo vendedor ambulante de mercadorias à prestação. (FERREIRA, 1999, p. 2141)

turco *adj. sm.* 'relativo a, ou natural da Turquia' XIV. Do lat. Med. *turcus* (= Gr. Biz. *tourkos*), deriv. do persa *turk*. (CUNHA, 2010, p. 657)

Nas definições acima, apenas a de Ferreira (1999) apresenta o sentido popular dado aos imigrantes árabes, por possuírem passaporte turco, devido à dominação da Turquia na época, e também *turco à prestação*, por serem vendedores ambulantes de mercadorias à prestação, conforme apresentado pelo autor. Desse modo, pode-se concluir que as definições de cada palavra não são totalmente sinonímicas quanto ao que se pensa e se denomina ao se referir aos árabes. O termo *turco* acabou se fixando e se tornando mais produtivo entre os falantes, algo que se perpetua até os dias atuais, embora o termo *árabe* esteja se consolidando mais devido ao seu reconhecimento no mundo oriental e no ocidental pelas nações que foram se formando e se tornando independentes.

2.2 Atestações da palavra *árabe*

Para comprovar o sentido atribuído do vocábulo, foi pesquisado no *Corpus do Português* atestações referentes a ele para compreender quais sentidos lhes eram atribuídos em texto mais antigos, como se vê abaixo:

(1) (...)pelo tardo com que circula a moenda, por terem o passo, ou galope mais vagaroso, que sendo mais rapido, e violento da mais expedição a moagem. Trata-se de húa nova fabrica que será de curço mais veloz e de menor despeza. 86. Ao açucar chamáo os **Arabes**, e os Persianos, Succar, os Turcos=Scheker; no seu Periplo, ou navegação do mar Erythreo, diz Arriano, que os Gregos lhe chamarao = Sacchari, com todos estes nomes tem Analogia Açucar. Na setima parte do seu primeiro clima escreve Aredrissi, Autor **Arabe**, que.nas lhas de Ranug na Índia as canas de Açucar são negras. Querem alguns que o Açucar fosse conhecido dos antigos, fundados nas observaçoens de Schrodero, que na sua Pharmacopeia quer que Galeno,

Paulo Eginèta, Plinio, Avicena, e outros façáo menção delle com o nome de Mel in cannis concretum, Sal Indicus, Sal ex India advectus etc. De sorte que querem (fundados nas observaçoens deste Autor) que antes que fosse descuberta a America, vinha o Açucar não so da India,(...). (*Corpus do português* século XVIII – Autor desconhecido).

(2) D. Affonso de Albuquerque pag. 194. O adagio Portuguez diz, Não há melhor Cirurgião, que o bem Acutilado. * AÇUCAR, "ou Açucres, ou Assucar. He hum çumo muito doce, espremido da cana, que o produz, condensado, endurecido, & feito branco pello ministerio do fogo Os Arabes, & os Persianos lhe chamão "Succar", os Turcos "ScheKer", no seo Periplo, ou navegação do mar Erythreo, diz Arriano, que os Gregos lhe chamarão < Sacchari. > Com todos estes nomes tem analogia Açucar. Na Settima parte de seo primeiro clima, escreve Alecrissi, Author **Arabe**, que nas ilhas de Ranug na Itidia as canas de Açucar são negras Querem alguns, que o Açucar não fosse conhecido dos Antigos, porem (segundo a observação de Schrodero na sua Pharmacopeia.) Galeno, Paulo Egineta, Plinio, Avicena, & outros fazem menção delle, & lhe dão differentes nomes, a saber, < Mel in cannis concretum. Sal Indicus, Sal ex India advectus, &c. > De sorte, que (como adverte o ditto Schrodero) antes, que fosse descuberta a America, vinha o Açucar não (...). (*Vocabulario portuguez e latino* – Rafael Bluteau, 1712-1721).

(3) (...)primeiros, a imaginosa notação das fontes arabes. de Cordova, de Granada la viela, a terra andaluza de mors-amor. A fonte morta do pasto de los Tristes, onde pela primeira vez eu vira Ilarry, era um cadaver d' almeia; e havia ainda outra de Granada,' que eu tequei no jardim de Lindaraja, onde a princeza agarena vive ainda com uma côrtecalada de cyprestes. O desenho de Ilarry dava-me d' ella unia visão pathetica. Evocava-a nova, musical, n' esse jardim interior d' A' lhambra-jaula feerica da luxuria **arabe**, onde os corpos mo, renos das aimeias elanguesciam nos marmores dos pateos, e nas salas de joias lapida das dormiam com os perfumes dos jardins as grandes sestas torridas, de cópula.. Desenhára o mirador de Lindaraja, com as suas gelosias marchetadas que ella entre• abria uni pouco, debruçando-se, como p' ra ouvir melhor a voz da fonte. E a fonte faltava de desejo, porque elia tinha nos olhos, nos cabellos, na bocca a intumescer, nas linhas soffregas, a expressão (...). (*A Cidade e as serras* - Eça de Queirós, 1901).

(4) Um dos principais colaboradores de Netanyahu também estimou que uma declaração unilateral de independência palestina violaria os acordos de autonomia firmados em Oslo pela OLP e por Israel. # - Uma iniciativa semelhante constituiria uma flagrante violação dos acordos firmados com Israel. Seria um grave erro que consideraríamos com a maior seriedade - opinou Danu Naveh, secretário do governo de Netanyahu, à rádio estatal. # - Israel tem se preparado para esta possibilidade (de que seja proclamado um Estado palestino independente) - completou Naveh. # Ontem, no Cairo, durante uma reunião extraordinária da Liga **Arabe**, Arafat ameaçou proclamar um Estado palestino independente em resposta à decisão israelense de construir a nova colônia judia. # - Supoe-se que devemos proclamar nosso Estado dentro de cinco anos - disse Arafat. " Mas ele (Netanyahu) introduz mudanças (em Jerusalém Oriental), violando os acordos e ignorando as negociações sobre o estatuto definitivo " da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, acrescentou. # - Se eu proclamasse hoje um Estado palestino, qual seria a posição do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu? (...). (Israelenses advertem Arafat, 3/3/1997).

As atestações do termo destacado nos textos demonstram suas diferentes funções nas orações em que foi utilizado, mas não aponta outros termos que poderiam ser sinônimos ao empregá-lo. Na primeira atestação do século XVIII, turcos e árabes são distinguidos e não necessariamente tratados como povos semelhantes, tampouco os termos são utilizados para definições parecidas. Na segunda, o vocábulo é empregado como adjetivo que caracteriza o autor a quem se refere no documento. É importante ressaltar que mesmo que no dicionário de Bluteau (1728) tenha a definição de “arabi” como título, neste excerto o termo aparece como uma palavra que designa a nacionalidade ou a origem de alguém. Na terceira atestação, temos a obra literária de Eça de Queirós, cujo sentido da palavra aparece como adjetivo e não há outra palavra que estabelece sinonímia com o termo analisado. Na quarta e última atestação, temos o texto de 1997, em que a Liga Árabe estava se formando e se consolidando no mundo, de modo que o termo *árabe* já estava associado a povos que são unidos pela cultura e pela língua e não necessariamente pela religião, como se pensa. O termo *árabe* foi se ampliando e/ou se restringindo, de acordo com os contextos aplicados ao seu uso pelos usuários da língua.

3 EVOLUÇÃO SEMÂNTICA DO TERMO

Como se pode observar na reflexão feita ao longo do artigo, é possível notar que, de fato, o termo *árabe* passou por uma evolução semântica no meio cultural e social, devido à história do povo que possui o nome do termo e ao reconhecimento político que tiveram ao longo dos anos, nas conquistas territoriais e nos processos imigratórios que proporcionaram o contato com os nativos do Oriente Médio. Inicialmente, percebe-se que as palavras *árabe* e *beduíno* eram sinônimas para definir os povos da região citada. Entretanto, o termo foi se expandido, sendo atribuído apenas aos povos nômades do deserto, mas não somente aos povos que eram pertencentes apenas à Arábia, como atestam as obras lexicográficas.

Com o passar dos séculos, o mundo árabe foi evoluindo e se consolidando, formando nações diversificadas, as quais foram assumindo identidades que as incluíam como árabes unidos pelos costumes, pela língua e pela cultura. A religião não foi se tornando um fator preponderante, de modo que podemos pensar que nem todo árabe é

necessariamente muçulmano e nem todo muçulmano é árabe, embora a religião de Maomé tenha nascido na região desses povos. Os árabes e seus descendentes foram buscando diferenciar alguns termos atribuídos a eles, principalmente os imigrantes, pois tiveram uma denominação que se fixou e prevaleceu, a qual foi considerada pejorativa e segregadora: *turco*. Embora tivessem seus passaportes com a nacionalidade turca, isso não quer dizer que eram da Turquia, de fato, mas do Líbano, Síria e de outras regiões. Assim, como o país fornecia a permissão oficial de partida, os imigrantes de nacionalidades distintas acabaram sendo conhecidos por termos que os desagradavam.

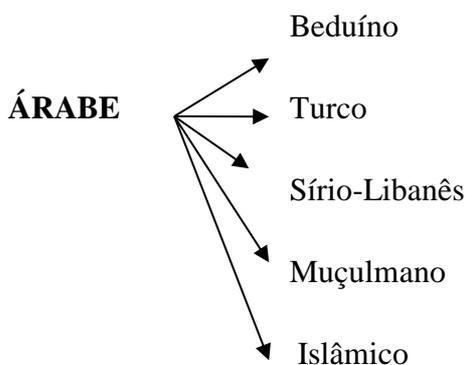
No decorrer do tempo, houve o firmamento e a maior divulgação da religião islâmica e, com isso, os árabes acabaram sendo associados aos praticantes e devotos de tal religião, fazendo com que generalizassem que todo árabe é muçulmano. Além disso, houve outras designações que se associavam aos povos árabes, dentre elas a de terroristas, devido ao ocorrido no dia 11 de setembro de 2001 nas Torres Gêmeas do World Trade Center, nos Estados Unidos. A partir desse fato, o mundo árabe ficou estigmatizado negativamente, pois acreditava-se que no Oriente Médio se formavam os terroristas e aqueles que profetizavam a religião e a fé islâmica estariam envolvidos em tais atos. Há também os acontecimentos atuais, os quais estão relacionados ao grupo terrorista Estado Islâmico, segundo os noticiários brasileiros e internacionais.

Percebe-se, portanto, que os significados das palavras não permanecem o mesmo nas diferentes épocas e que podem ser expandidos ou restringidos dependendo do contexto, dos conhecimentos, da vivência do usuário da língua ao longo de sua vida. Além disso, é perceptível que o sentido usual acaba se tornando produtivo, mesmo que seja equivocadamente, como é o caso dos povos árabes que receberam denominações que não são ou não eram condizentes com suas origens e crenças. As obras lexicográficas demonstram que determinados termos têm suas acepções individuais, e cada acepção é aplicada para algo específico—o turco é o indivíduo oriundo da Turquia; o muçulmano é o indivíduo que pratica a religião islâmica; o beduíno é o nômade dos desertos; o islâmico é relacionado aos seguidores de Maomé, partidário de uma das correntes mais radicais do Islã, estabelecendo um código civil e pena baseados no Corão e o árabe é aquele que veio do Oriente Médio e não apenas da Arábia Saudita—, como definem as obras lexicográficas, o que demonstra que não são representações sinônimas. Apenas o

termo beduíno possui proximidade com o termo árabe, mas ainda assim essa relação semântica não prevalece no uso atual de cada termo.

Nesse caso, é importante também delinear a definição de árabe como indivíduo oriundo da Arábia, sendo um pouco restrita e pouco reflexiva, considerando que vários países árabes foram formados, como Líbano, Síria, Jordânia, Palestina, Líbia, Marrocos etc. Tal definição das origens dos povos ainda é perpetuada em obras lexicográficas mais atuais como o *Dicionário Aurélio* (1999), *Novo Aurélio* (2004) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (1999). Isso é algo a ser refletido pelos usuários da língua, pois se o sentido da palavra se expandiu, ele evoluiu, assim como as divisões políticas, as ideologias. Seria conveniente se essas obras modificassem tais informações, considerando que são ultrapassadas para o consulente e para o usuário da língua. Se a palavra evoluiu, conforme visto no termo *árabe*, suas definições devem ser revistas, analisadas e refletidas para se evitar equívocos.

Segue abaixo um esquema para resumir as sinonímias atribuídas popularmente à palavra *árabe*:



CONCLUSÃO

O estudo realizado envolve uma reflexão etimológica, cultural e linguística para o falante/usuário da língua portuguesa a fim de que se possa compreender que cada palavra possui uma origem, uma história, visto que traz consigo grandes informações da história, da cultura, da política dos povos que a falam. Essas informações demonstram, também, que cada época pode adotar significados distintos para um determinado

vocábulo, fazendo expandir o seu sentido de acordo com o processo comunicativo e o seu contexto histórico.

Além disso, cabe corroborar que os usos populares que se atribui a determinados termos ou sinônimos acabam se fixando e se tornando produtivos, independente se correspondem ou não com as acepções verdadeiras, de acordo com uma dada situação ou denominação, como é o caso dos termos criados para denominar os povos árabes. As obras lexicográficas, como são compêndios necessários para compreendermos os significados, as definições atribuídas, possuem um papel importante ao apresentar acepções que já foram utilizadas de acordo com as atestações evidenciadas e com os usos populares. Cabe a elas manter o consulente atualizado, fazendo-o compreender que cada palavra não está isolada, pois seu sentido é dado de acordo com os seus falantes, o que a faz evoluir semanticamente ou ter sentidos restritos e pouco usuais.

A pesquisa apresentada buscou englobar não só a etimologia, mas também o contexto social e cultural da imigração árabe em relação às palavras que são proferidas especialmente pelos falantes da língua portuguesa, os quais tiveram e têm contato com uma vasta colônia desde o século XIX e que cuja importância deve ser reconhecida, tanto na construção do país, como nas influências culturais trazidas para a língua, para as palavras e para o meio social dos brasileiros.

Foi possível descobrir, neste capítulo, que a origem da palavra *árabe* pode ter sido oriunda da própria língua árabe, dadas as suas atestações fornecidas pelo dicionário de Cunha (2010). Por um lado, os outros dicionários pesquisados não foram capazes de dar informações etimológicas precisas, por outro, forneceram informações importantes sobre as acepções dadas à palavra em estudo e outras mais, de modo que trouxe contribuições importantes ao revelar um pouco de sua evolução semântica.

Os procedimentos realizados neste capítulo dão margem para pesquisas mais aprofundadas, pois, como neste gênero textual as elucubrações a respeito de uma determinada pesquisa são um pouco restritas, foi realizado apenas um recorte que pode ser explorado futuramente com mais reflexões.

REFERÊNCIAS

- AB`SÁBER, A. N. Desenvolvimento das relações árabe-brasileiras. In: *Relações entre o Brasil e o Mundo Árabe: construção e perspectiva*. Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.
- ATTIE FILHO M. *Falsafa: A filosofia entre os árabes*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. dos S. *Dicionário Caldas Aulette*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em 22 de junho de 2016.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA A. M. P; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 1998. p. 33-64.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>> Acesso em 22 de junho de 2016.
- BUENO, F. S. *Grande Dicionário Etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Brasília, 1974.
- COELHO, F. A. *Diccionario manual etymologico da língua portugueza*. Lisboa: P. Planter, 1847. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26038>> Acesso em 22 de junho de 2016.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Edição revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em 22 de junho de 2016.
- DNGHU. *Etymological lexicon of the Modern Indo-European language*. Disponível em: <<http://dnghu.org/en/proto-indo-european-language/>> Acesso em 22 de junho de 2016.
- DUOUN, T. *A imigração sírio-libanesa às terras da promessa*. São Paulo: Árabe, 1944.
- DURKIN, P. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: OUP, 2009.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIGOLI, L. H. G.; VILELA E. M. Migração internacional, multiculturalismo e identidade: sírios e libaneses em Minas Gerais. In : Anais do XIV ENCONTRO

NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS - ABEP, 20-24 de setembro de 2004, Caxambu/ MG – Brasil, 2004.

GATTAZ, A. C. *História oral da imigração libanesa para o Brasil – 1880 a 2000*. 2001, 163 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HAJJAR, C. F. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

_____. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOURANI, A. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KNOWLTON, C. S. *Sírios e Libaneses*. São Paulo: Anhabí, 1961.

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

OSMAN, S. A. *Imigração árabe no Brasil: Histórias de vida de libaneses, muçulmanos e cristãos*. São Paulo: EJR Xamã, 2011.

SEABRA, M. C. T. C. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, G. N. T.; LOPES, N. S.; RAMOS, J. M. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 65-84.

SEABRA, M. C. T. C. de. Cachaça: Cultura, origem, variações. *Estudos linguísticos e Literários*, Salvador, n. 52, 2015, p. 3-26.

SILVA, A. M. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacérdino, 1945.

TOUMA, H. H. *The Music of the Arabs*. Portland, Oregon: Amadeus Press, 1996.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

DE SENIOR A SENHOR: ETIMOLOGIA E MUDANÇA

Vivian Canella Seixas⁴⁵
vi_seixas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Intrigante, enigmática e objeto de discussão milenar, a origem e a transformação das palavras têm permeado o nosso imaginário por não ser, ainda, uma questão amplamente dominada pelo conhecimento humano e, principalmente, pela ausência de resposta definitiva sobre os primórdios da característica que nos diferencia dos outros animais: a língua.

É nesse contexto de indagação e de admiração que a Etimologia atua, na tentativa de desvendar os caminhos tortuosos pelos quais as palavras passaram em seu percurso de mudança e de oferecer, modestamente, respostas confiáveis sobre a sua essência e as etapas da sua transformação. Tal tarefa está longe de ser simples, já que muitos percalços fazem parte dessa caminhada, principalmente em relação à imaginação humana e à aquisição de *corpus* representativo. Além disso, muitas vezes, não é possível recuperar a etimologia, o que leva a resultados fantasiosos, caso o pesquisador não seja suficientemente honesto, como enfatiza Viaro (2014).

Além disso, investigar uma palavra é, além de buscar a origem e o étimo, tentar traçar o percurso pelo qual ela passou até chegar à forma atual. Nessa perspectiva, este capítulo tem como objetivo investigar a palavra *senhor* no que diz respeito a três aspectos: (i) comparação das acepções registradas nos dicionários; (ii) etimologia e (iii) considerações sobre as suas formas ao longo do tempo, de um ponto de vista fonético. Para tanto, foram analisados três grupos de dicionários— antigos, contemporâneos e etimológicos—e, para fins de verificação semântica, analisou-se *corpus* composto por documentos e por cartas pessoais da família *Barão de Camargos* (século XVIII), do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência de Ouro Preto e *corpora* disponível no *site Corpus do Português*.

⁴⁵ Mestre em Estudos da Linguagem na UFOP; Doutoranda em Estudos Linguísticos na UFMG.

A escolha do vocábulo *senhor* foi motivada por três razões: primeiramente, pelo fato de ter apresentado mudança semântica em comparação do emprego no século XVIII em relação ao atual. Ou seja, naquela época, estava presente, como pôde ser observado em *corpus* do séc. XVIII⁴⁶, um sentido que parece não ser mais adotado hoje na fala⁴⁷: uma maneira de se referir ao indivíduo que era o ‘dono de alguma propriedade’ ou ‘fiador, credor’, conforme pode ser verificado nos exemplos⁴⁸ abaixo, respectivamente:

(1) (...) Sempre ao dito []paSo quantia de hum conto e duzentos mil reis fiados pelo tempo de quatro a[n]nos em quatro pasamentos fiscais de tocar pronta em cada hú delles outro Sin[do]hera *Senhor* e poSuidor de huma Lage de fa zenda Sua que da mesma Sorte tem vendido ao dito outorgador coprador por preço e quantia de quatro contos trezentos e noventa e oito mil reis (...) [grifos meus].

(Escritura de venda de 1790)

(2) **Senhor** João Barcelos dModom Não he neççario que vm.^{cc} me eizecute Pello *que*’ lhe devo sendo divida taõ, modesta, ePrimoroza pois conhesso *que*’ comi asua fazenda e devo satisfazer sem pendenga de justiça e conhecendo eu o primor de vm.^{cc} Remeto duas oitavas Digo ficaõ namaõ do **Senhor**. Manoel de Oliveira. pode vm.^{cc} vir ou mandar porellas pella menhã *que* tomei aResolução de os naõ mandar pello portador por temer algum desCaminho por medizerem nadaõ negros gofidos e traga o meu Bilhete para. o deixar namãõ do dito **Senhor**. para. Coando eu tornar, aesta Caza pagar oDicto (...) [grifos meus].

(Carta pessoal de 1776)

Outra motivação é que, em estudo prévio, constatou-se que, para o português moderno, *senhor* apresenta as formas *senhor*, *senor* e *señor* empregadas em sincronia pretérita (CUNHA, 2010), o que nos fez questionar o que influenciou essas transformações.

Por fim, a última razão é que, em pesquisa piloto em busca de informações semânticas relacionadas ao emprego do vocábulo *senhor*, não foi encontrado trabalho que apresente um estudo etimológico detalhado, somente informações isoladas em fontes lexicográficas e em estudos que mencionam as suas formas em sincronias pretéritas.

⁴⁶ Esse *corpus* foi selecionado devido ao fato de ter observado nele tais informações durante pesquisa de mestrado.

⁴⁷ Em busca feita no *Corpus do Português*, não foi encontrada nenhuma ocorrência do vocábulo “senhor” com sentido de ‘dono/proprietário de terras ou escravo’.

⁴⁸ Os trechos não foram descritos aqui de acordo com as normas de transcrição de documentos antigos, uma vez que são utilizados somente para fins de exemplificação.

Assim, diante das observações feitas previamente em relação à palavra “senhor”, os seguintes questionamentos foram formulados:

- i. A palavra “senhor” possui ainda hoje o(s) mesmo(s) significado(s) que a sua palavra de origem?
- ii. Quais significados foram incorporados a ela?
- iii. Qual é a sua origem e o seu étimo?
- iv. No que diz respeito à sua forma, como ela se transformou no que é hoje?

Cabe mencionar que a seleção e a coleta de dados foram baseadas nos pressupostos teórico-metodológicos propostos por Viaro (2014). Isto é, para a comparação dos dados encontrados nas acepções dos dicionários, esta pesquisa etimológica baseia-se na “comparação das palavras e estruturas gramaticais de línguas que possuem uma origem comum e permite-nos depreender fonemas, elementos morfológicos ou étimo, não documentados na língua de origem, ou seja, permite a reconstrução das formas desaparecidas” (FREITAS, 2015, p. 190). Ainda, tendo em vista o uso de dicionários como fontes lexicográficas, conceitos adotados pelos estudos lexicográficos foram utilizados (REY-DEBOVE, 1971; BIDERMAN, 1984).

Antes de ser iniciada a análise, serão apresentadas uma síntese do aporte teórico-metodológico adotado para a análise, considerações acerca das informações apresentadas nas acepções do verbete *senhor* nos diferentes grupos de dicionários analisados e, por fim, considerações acerca das mudanças morfo-fonéticas pelas quais passou.

1 APORTE TEÓRICO

Dentre as várias abordagens científicas desenvolvidas com o propósito de estudar as línguas, a Etimologia tem como principal função buscar a origem das palavras, bem como compreender sua evolução e o papel que desempenharam em outras línguas ou em sincronias pretéritas. Apesar desse estatuto científico, ela tem sido considerada, em alguns contextos, como uma espécie de entretenimento, já que, muitas vezes, as origens são definidas a partir de intuições e suposições sem critério algum. Isso ajudou a torná-la popular, mas também a distanciou do rigor científico e da

precisão, fazendo-a vítima de “palpiteiros” e, principalmente, daqueles que se acham detentores do conhecimento linguístico (VIARO, 2014).

A pesquisa etimológica consiste, portanto, em dar um tratamento científico a verdades inacabadas e, muitas vezes, fantasiosas. O que não é tarefa simples e nem divertida, uma vez que, para que seja confiável, ela deve passar por etapas rigorosas, sistemáticas e ser alvo constante de críticas e revisão.

Baseando-se nos pressupostos de investigação etimológica propostos por Viaro (2014), para a realização da pesquisa no que diz respeito à coleta de dados, além da busca dos registros da palavra “senhor” em *corpus* diacrônico e sincrônico, é necessária a investigação em obras lexicográficas, como dicionários, enciclopédias e glossários. Tal procedimento é adotado para fins de comparação das acepções e de coleta de dados acerca da origem das palavras, sua datação, transformação e das influências que sofreram de outras línguas.

Nessa perspectiva, diante do fato de que se busca a origem e o étimo de *senhor*, é necessário frisar que estes dois termos não devem ser confundidos. Isto porque

a origem diz respeito à primeira forma da palavra que está sendo investigada, sendo essa datação do seu limite mais antigo denominada *terminus a quo*. Por sua vez, o étimo de uma palavra investigada é a sua forma equivalente imediatamente anterior, que sofreu mudança fonética e semântica sem nenhum aumento ou decréscimo de elementos de formação e que fora registrada em uma sincronia qualquer. E, por forma, entende-se não somente as palavras, mas também as unidades lexicais menores como prefixos, sufixos, desinências, raízes e radicais. (VIARO, 2014, p. 99).

No âmbito desta pesquisa, para a análise comparativa, iremos nos deter aos conceitos relacionados à macroestrutura do dicionário, que corresponde às entradas ou verbetes, e à microestrutura, que traz as definições dos verbetes, mais especificamente a definição lexicográfica ou acepção (REY-DEBOVE, 1971; BIDERMAN, 1984).

Além disso, como foi observada previamente mudança na forma, pretendemos investigar como se deu a transformação até o seu estado moderno. Para tanto, nos baseamos nos conceitos de mudança linguística e transição (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Por transição, entende-se a mudança de um estado da língua a outro. Ou seja, é o percurso de uma dada mudança. Assim, tratar a questão da transição neste trabalho é tentar responder à pergunta: Quais mudanças intermediárias podem ser observadas entre quaisquer duas formas de uma língua em diferentes momentos?

Esse questionamento nos leva a pensar que a mudança morfológica do vocábulo *senhor* pode ter ocorrido devido a alterações fonéticas que a palavra foi sofrendo ao longo do tempo. Portanto, para apresentar um provável percurso, nos baseamos nos processos de transformação fonética evidenciados por Cristóvão Silva (1999) e Viaro (2014).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de verificar os registros do vocábulo *senhor*, foi realizada, primeiramente, a observação dos significados empregados em *corpus* composto por documentos e cartas pessoais da segunda metade do séc. XVIII. Fazem parte do acervo as cartas dos filhos, ascendentes e familiares do *Barão de Camargos*, com datação de 1730 a 1898, do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência de Ouro Preto e textos do *site Corpus do Português*⁴⁹ (DAVIES; FERREIRA, 2006). Em um segundo momento, foram realizadas consultas do verbete⁵⁰ *senhor* em dicionários publicados nos sécs. XVIII, XIX, XX e XXI.

Buscou-se neles as acepções dadas a essa palavra, bem como se havia informações acerca da origem, da datação⁵¹ e das formas empregadas em sincronia pretéritas. Para tanto, foram consultados 14 dicionários, dentre eles, antigos (séculos XVIII e XIX), contemporâneos do português (sécs. XX e XXI), etimológicos do português, do castelhano, do francês, do italiano, do latim e do protoindo-europeu, a saber:

- i. três antigos do português: Bluteau (1728), Moraes e Silva (1789) e Silva Pinto (1832);
- ii. três contemporâneos do português: Houaiss e Villar (2009); Ferreira (2004) e Aulete (2016);

⁴⁹ O *site Corpus do Português* apresenta um *corpus* linguístico formado por textos em Língua Portuguesa. O *corpus* compreende 45 milhões de palavras, extraídas de quase 57.000 textos em Português dos séculos XII ao XX.

⁵⁰ Assim denominado visto que, no campo da lexicografia, trata-se de cada uma das entradas (palavras listadas) de um dicionário, uma enciclopédia, um glossário etc., que contém informações sobre um assunto (AULETE, 2016).

⁵¹ Data da ocorrência mais antiga registrada, através da qual é possível saber que naquela sincronia a palavra já era usada. (VIARO, 2014, p. 107).

- iii. dois etimológicos do português: Nascentes (1952) e Cunha (2010);
- iv. um dicionário etimológico do castelhano: Corominas (1954);
- v. um dicionário etimológico do francês: Dauzat (1938);
- vi. um etimológico do italiano: Bonomi (2004);
- vii. dois dicionários etimológicos do latim: Oxford (1982) e Ernout e Meillet (2001);
- viii. um dicionário etimológico do indo-europeu: Pokorny (2011).

Nessas obras, cotejaram-se as semelhanças e as diferenças em relação às informações apresentadas, conforme será evidenciado a seguir.

3 ANÁLISE DAS ACEPÇÕES DE *SENHOR* NAS FONTES LEXICOGRÁFICAS

3.1 Dicionários antigos e contemporâneos do português

Nesta análise, escolhemos contrapor os dicionários dos séculos XVIII e XIX (antigos) aos dos séculos XX e XXI (contemporâneos). O primeiro grupo de dicionários selecionados foi: *Vocabulario portuguez & latino* (BLUTEAU, 1728), *Diccionario da língua portugueza* (MORAES E SILVA, 1789) e *Diccionario da Língua Brasileira* (SILVA PINTO, 1832). Já o segundo foi: *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009) e *Aulete Digital* (AULETE, 2016).

3.1.1 Dicionários antigos do português

O dicionário de Bluteau (1728) mostrou-se mais completo, pois foi o que evidenciou mais acepções dentre os três consultados. De forma geral, foram dez acepções para o verbete *senhor*, a saber: 1. Dono, proprietário de terras e escravos; 2. Mais velho, velho, antigo; 3. Forma de tratamento de respeito, de cortesia; 4. Modo do filho se dirigir ao pai; 5. Homem livre, dono de si; 6. Forma de tratamento designada a rei, nobre, governador; 7. Deus, Jesus Cristo; 8. Quem governa, comanda; 9. Fiador,

credor; e, a última e mais curiosa acepção, 10. Relacionado à Astrologia, o planeta que domina uma das doze casas ou signos celestes (A linguagem foi modernizada).

Moraes e Silva (1789) apresentam como elementos comuns as acepções 1, 5, 6, 8, 9 e 10 evidenciadas acima. Além disso, menciona que *senhor* é um substantivo masculino, usado tanto como substantivo masculino quanto substantivo feminino, diferentemente de Bluteau (1728), que não evidencia a classe gramatical.

Dentre os dicionários antigos, Silva Pinto (1832) é o que apresenta menos acepções, somente a 1, a 3, a 4 e a 5. Assim como Moraes e Silva (1789), menciona informação sobre a classe gramatical e o seu emprego para ambos os gêneros.

3.1.2 Dicionários contemporâneos do português

No que diz respeito aos dicionários contemporâneos, apresentaram quase todas as acepções apresentadas pelos dicionários antigos. A exceção é a acepção relacionada à Astrologia para se referir a ‘signo celeste’. Cumpre destacar que, atualmente, o significado de ‘dono, proprietário’ ainda se mantém nos dicionários modernos, no entanto não está relacionado a terras e escravos – acepção que, por percepção minha de falante, se parece distinta da realidade.

Por sua vez, os dicionários contemporâneos apresentaram novas acepções, o que indica que a palavra *senhor* sofreu mudança semântica. O primeiro destaque é o fato de os três dicionários, Ferreira (2004), Houaiss e Villar (2009) e Aulete (2016), apresentarem *senhor* como um brasileirismo, isto é, expressão que surgiu no Português Brasileiro, ao mencionarem a palavra na expressão ‘senhor de engenho’. Pode-se inferir que a denotação “brasileirismo” é dada visto que este é um termo representativo da história e da organização social do Brasil em determinada sincronia.

Ferreira (2004) vai além, pois apresenta o verbete *senhor* como outra forma de brasileirismo, quando empregado antes de nome comum para dar a ideia de algo grandioso e importante, como em “Um senhor barco”.

Outra inovação por parte dos três dicionários contemporâneos é que eles apresentam, também, expressões idiomáticas formadas com a palavra *senhor*, a saber:

senhor de baração ou *cutelo*⁵²; senhor do seu nariz; adormecer/descansar no senhor⁵³; estar senhor da situação; estar senhor de si e “Sim senhor”⁵⁴.

Mais duas acepções que não ocorrem nos dicionários antigos, observadas em Houaiss e Villar (2009), são a de *senhor* primeiramente empregado para se referir a ‘homem indeterminado; pessoa não conhecida’ e, a outra, ‘homem em relação à mulher’. Assim, em busca para atestar o emprego dessas acepções, foram encontrados os seguintes exemplos no *Corpus do Português*:

(3) Que quer V. Ex.a? - dizia a João de Matos um juiz de fora. - Tais como ali estão, têm influência no povo e concorrem bizarramente para o empréstimo voluntário. - Já não me admiro de os ver aqui - tornou aquele. - Então? E *aquele senhor*? - perguntou o primeiro fidalgo. - É S. Ex.a o Sr. Duque de Lafões - respondeu Galvão Mexia. (Obra: Mário, episódios das lutas civis portuguesas de 1820-1834 (GAIO, 1974 *apud* DAVIES, 2006 [grifos meus]).

(4) Você quer saber? afirmava ela. – Eu bem percebo quanto aquele traste do *senhor meu marido* me detesta, mas isso tanto se me dá como a primeira camisa que vesti! Desgraçadamente para nós, mulheres de sociedade, não podemos viver sem esposo, quando somos casadas; de forma que tenho de aturar o que me caiu em sorte, quer goste dele quer não goste! (Obra: O Cortiço (AZEVEDO, 1997 *apud* DAVIES, 2006 [grifos meus]).

Esses exemplos são do séc. XIX, porém não foram encontrados semelhantes nos *corpora* do séc. XVIII aqui pesquisados. Como o recorte dessa pesquisa é limitado, é possível que ocorresse em sincronia anterior.

Cabe ressaltar, ainda, que Houaiss e Villar (2009) são os únicos autores que fazem considerações acerca de variação regional, pois apresentam a variante “senhô”. Este dado é relevante para os estudos de variação e mudança e evidencia a interface entre o fazer lexical e o social.

Outro exemplo que reforça a preocupação dos dicionários contemporâneos em relação à interface léxico-semântica-social é o fato de Aulete (2016) apresentar uma rede semântica relacionada ao vocábulo, como pode ser visto na figura 1 abaixo:

⁵² Chefe, líder ou governante cujo poder sobre seus seguidores, subordinados, dependentes, servos ou súditos é quase total, incluindo a aplicação de castigos corporais ou punição com a morte (AULETE, 2016).

⁵³ Morrer (AULETE, 2016).

⁵⁴ Locução interjetiva de espanto, geralmente sinal irônico de desaprovação a algo que se vê ou ouve, ou de que se toma conhecimento (AULETE, 2016).



FIGURA 1 – Rede semântica da palavra *senhor*

Fonte: <<http://www.aulete.com.br/senhor>>

Assim, após a análise dos dicionários contemporâneos, percebe-se que há uma preocupação dos lexicógrafos em apresentar não somente as acepções isoladas, como também o emprego em determinadas estruturas e situações de uso. Isso pode ser um reflexo da tendência linguística atual, isto é, a de apresentar dados que sejam representativos das várias áreas de linguística.

Além disso, esses dicionários apresentaram o lat.⁵⁵ *senior* (HOUAISS; VILLAR, 2009; AULETE, 2016) e o lat. *seniore* (FERREIRA, 2004) como a origem de *senhor*, apesar de a questão não ser o escopo deles.

3.2 Dicionários etimológicos

Em relação à face etimológica do verbete *senhor*, foram selecionados oito dicionários: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1952) e *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA, 2010); *Diccionario Etimológico de la Lengua Castellhana* (COROMINAS, 1954); *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* (DAUZAT, 1938); *Vocabolario Etimologico de lla Lingua Italiana* (BONOMI, 2004); *Dictionnaire Étymologique de la langue latine* (ERNOUT; MEILLET, (2001), *Oxford Latin Dictionary* (1982) e *Online Etymology Dictionary* (HARPER, 2001) e *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*

⁵⁵ Abreviação para latim clássico nos dicionários.

(POKORNY, 2011)– obra também conhecida como *Indo-european Etymological Dictionary*.

De forma geral, a aceção comum a todos os dicionários é a do verbete *senhor* como ‘homem velho, mais velho, antigo’ e a forma latina *senior* como a sua origem. Ademais, somente Corominas (1954), Harper (2001) e Cunha (2010) apresentam datação da sua primeira ocorrência: o primeiro, séc. VII, e os posteriores, séc. XIII.

Além desses especificamente voltados ao caráter etimológico, verificou-se que, dos demais dicionários analisados nos outros aspectos, somente Moraes e Silva (1789) e Silva Pinto (1832) não apresentaram algum traço da origem etimológica da palavra “senhor”.

3.2.1 Dicionários etimológicos do português

Dos dois dicionários etimológicos do português consultados, o mais completo quanto à informação etimológica é o de Cunha (2010). Um exemplo disso é que, além de apresentar a datação, o séc. XIII, ele mostra informação sobre a origem, qual seja, do lat. *senior -oris* ‘velho, o mais velho’ e ‘adjetivo comparativo do lat. *senex senis*, ancião, velho’, e evidencia as diferentes formações vocabulares originadas a partir dessa base (ex.: *senorio* séc. XIII; *senorio* séc. XIII; *senhorio* séc. XIII; *assenorar*, *assenhorar*, *assenhorear* séc. XIV; *ensenorear* séc. XV). O referido autor também vai além de todos os outros dicionários porque é o único que apresenta as diferentes formas do termo no séc. XIII: *sennor*, *senor*, *señor*. Dessas, menciona que, no português médio, a forma *senhor* ocorria muito mais e era usada tanto para o masculino quanto para o feminino.

Tais informações mostram-se de grande importância, visto que, como as três formas ocorrem no séc. XIII, elas evidenciam concomitância no uso e, conseqüentemente, são um indício de variação naquele momento. Parecem indicar, também, a transformação fonética pela qual o vocábulo passou.

3.2.2 Dicionários etimológicos do latim

Diante do fato de que a maioria dos dicionários etimológicos indicou o lat. *senior* como sendo a origem⁵⁶ da palavra *senhor*, buscou-se a sua aceção em três dicionários etimológicos do latim, a saber, *Oxford Latin Dictionary* (1982), *Dictionnaire Étymologique de la langue latine* (ERNOUT; MEILLET, 2001) e o dicionário digital *Online Etymology Dictionary* (HARPER, 2001).

Verificou-se que o *Oxford Latin Dictionary* (1982) e o *Online Etymology Dictionary* (2016) apresentam as aceções ‘mais velho’, ‘homem idoso’ e ‘ancião’ e referem-se a *senior* como adjetivo comparativo de *senex*. Para este último, o lat. *senior* é também um substantivo.

Dentre eles, o único que não possui o verbete *senior* é o *Dictionnaire Étymologique de la langue latine* (ERNOUT; MEILLET, 2001). Este dicionário apresenta somente o verbete *senex*, ‘adjetivo comparativo de *senior*’ e ‘substantivo’, e tem as mesmas aceções encontradas no verbete *sênior* das demais obras. Ainda, indica **sen-* como sua raiz proto indo-europeia.

O dicionário *Online Etymology Dictionary* (HARPER, 2001) se destaca à medida que é o único etimológico que apresenta a datação para o uso de *senhor* como adjetivo (“séc. XIII tardio”⁵⁷) e como substantivo (meados do séc. XIV⁵⁸), e a raiz etimológica de *senior* (“da raiz do PIE **sen-* ‘velho’”). Apresenta, ainda, a seguinte informação: “A palavra latina rendeu títulos de respeito em muitos idiomas, como o fr. *sier*, o esp. *señor*, o port. *senhor* e o it. *signor*”⁵⁹.

A menção a *senex* nos fez verificá-lo nos três dicionários e observamos que, além de apresentar as mesmas aceções de *senior*, é indicado como seu adjetivo comparativo, o que denota a relação entre as duas formas. Além disso, o *Oxford Latin Dictionary* (1982) apresenta uma informação que nos é extremamente importante: “**seni-k-s* ou **seno-k-s*”, ou seja, esta é a sua possível reconstrução no PIE.

⁵⁶ Desconsideramos o lat. *seniorem* indicado por Ferreira (2004) por não ser mencionado em nenhuma outra obra.

⁵⁷ Tradução para: “late 13c.”.

⁵⁸ Tradução para: “mid-14c.”.

⁵⁹ Tradução para: “The Latin word yielded titles of respect in many languages, such as French *sire*, Spanish *señor*, Portuguese *senhor*, Italian *signor*”.

3.2.3 Dicionário etimológico do proto indo-europeu

Diante de tais dados, e tendo em mente que o latim é um dos troncos do PIE, buscou-se, no *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch* (POKORNY, 2011), alguma informação em relação às raízes do PIE *sen-, *seni- ou *seno- presumidas pelos dicionários *Oxford Latin Dictionary* (1982) e *Online Etymology Dictionary* (HARPER, 2001), sendo encontrada a entrada *sen(o). Esta, por sinal, é bem parecida com as raízes propostas para o PIE e, de acordo com a fonte, significa ‘velho’, assim como todas as outras acepções dadas a *senior* e *senex*.

Esta é uma informação importante no que diz respeito ao aspecto semântico, pois é possível perceber que, além deste ser o radical da forma *senex*, essa raiz carrega, também, o mesmo significado da forma original e da atual. Sendo assim, por meio da pesquisa etimológica, foi possível perceber que o valor semântico inicial, carregado pela raiz do PIE, persiste até hoje, apesar das transformações fonéticas e dos demais significados agregados à palavra *senhor*.

Cumprido ressaltar que, apesar dessa retroação até o PIE, não é possível afirmar categoricamente se a raiz *sen- (ou suas variantes *seni-, *seno- e *sen(o)), gerou *senior* ou *senex* primeiro. Estamos considerando-a apenas como uma reconstrução, já que pudemos identificar registros dessa história.

3.2.4 Dicionários etimológicos de línguas românicas

Tendo em vista que, conforme o *Online Etymology Dictionary* (HARPER, 2001), a palavra latina *senior* originou títulos de cortesia em muitas línguas, tais como as formas francesa *sier*, espanhola *señor*, portuguesa *senhor* e italiana *signor*, e que Cunha (2010) menciona a forma francesa *sire* em uma de suas acepções, decidimos verificar se os dicionários etimológicos confirmam essa origem comum entre essas línguas românicas.

O *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* (DAUZAT, 1938) evidencia que o verbete *sier* é do séc. XII e sua forma no francês antigo é *seigneur*. Além disso, menciona que essa palavra é proveniente do latim vulgar *seior*, da família

de *senior*. Tal informação se mostra interessante, visto que nenhum outro dicionário havia mencionado a origem latina vulgar.

Em relação ao verbete *señor*, do espanhol, Corominas (1954) afirma que vem do lat. *senior* e apresenta o séc. VII como o período da primeira ocorrência. Essa obra mostra-se mais completa e vai além das outras, uma vez que também trata de questões fonéticas ao mencionar que o lat. *senior* gerou formas do francês fortemente reduzidas, com perda anômala da nasal, como ocorreu com *sier* e *sieur*. Tal transformação se deu devido ao desgaste próprio das formas de tratamento proveniente da pronúncia rápida. O autor também fala sobre o português ao mencionar a variação entre *senhor* e *seu*, ambos empregados com o mesmo valor interpelativo. Diante dessas observações, vê-se que Corominas (1954) é um dicionário etimológico distinto dos demais, visto que apresenta em suas acepções questões de caráter fonético e sociocultural.

No que diz respeito ao verbete *signore*, o *Vocabulario Etimologico della Lingua Italiana* (BONOMI, 2004) indica que é proveniente do lat. *seniorem*, adjetivo comparativo de *senex* ‘velho’, e que as palavras correspondentes no francês, espanhol e português são *seigneur*, *señor* e *senhor*, respectivamente. O autor não menciona datação.

4 ETIMOLOGIA E MUDANÇA

A partir dos dados obtidos, constatou-se que a origem da palavra *senhor* é o lat. *senior*⁶⁰, que tem raiz proto indo-europeia **sen-*. Ademais, mediante a coocorrência das três formas *sennor*, *senor* e *señor* no séc. XIII, não foi possível identificar um étimo, somente a sua datação.

Diante do que foi exposto nesta pesquisa, parece-nos que o vocábulo *senhor* passou pelo seguinte percurso de mudança⁶¹:

⁶⁰ Sobre o lat. *seniore*, indicado por Ferreira (2004) como a origem de “senhor”, esta foi descartada, já que não foi encontrada nenhuma informação em dicionário etimológico que ateste isso.

⁶¹ Este percurso é proposto, pois, por comparação, observamos que as formas derivadas de *senhor* em Cunha (2010) também apresentam o mesmo padrão, como, por exemplo, em *sennorio* séc. XIII; *senorio* séc. XIII; *senhorio* séc. XIII.

- PIE **sen-* > lat. *senior* > port. ant. *sennor* → port. ant. *senor* → port. ant. *señor* > port. mod. *senhor*

Isso retoma o questionamento apresentado anteriormente acerca da transição (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968): “Quais mudanças intermediárias podem ser observadas entre quaisquer duas formas de uma língua em diferentes momentos?”; e, pensando que a mudança morfológica se deu por motivações fonéticas, nos baseamos nos processos de transformação evidenciados por Cristóvão Silva (1999) e Viaro (2014) para apresentar, à luz dos metaplasmos, o possível processo ocorrido.

Nesse contexto, parece que a transformação do lat. *senior* para o port. mod. *senhor* se deu por palatalização⁶² do fonema /n/ seguido da vogal /i/ para o fonema /nh/⁶³. No entanto, como existiu um percurso e outras formas intermediárias, é necessário apresentá-lo de forma mais detalhada.

Assim, o processo de transição pode ter ocorrido da seguinte maneira: (i) de *senior* para *sennor* houve assimilação total, porque o fonema assimilado /i/ ficou igual ao assimilador /n/, e progressiva, pois o fonema assimilador estava em posição anterior ao assimilado; (ii) de *sennor* para *senor* houve síncope devido à queda do fonema /n/ em posição intermediária; (iii) de *senor* para *señor* ocorreu nasalização do fonema /n/; e (iv) de *señor* para *senhor* manteve-se a nasalização, porém mudou-se a representação gráfica, já que houve mudança nesse fonema nasal, isto é, o /n/ passou de uma posição alveolar para uma posição palatal.

No que diz respeito à grafia de /nh/, Ferreira Neto (2001, p. 73) aponta que “esse segmento nasal apresenta uma distribuição bastante restrita na língua portuguesa”, visto que, não havendo na língua latina tal som nasal palatal, criou-se o dígrafo, solucionando tal carência no processo de formação da língua portuguesa.

É importante mencionar que foram verificados, em Gamboa (1994 *apud* FREITAS, 2015), alguns exemplos de vocábulos e suas evoluções do latim, passando pelo galego-português e outras línguas hispânicas que puderam influenciar o português, a saber: *denarius* > *dinheiro*; *senor* > *sennor* > *senhor*; *necuunus* > *neum* > *neium* >

⁶² Consiste na transformação de um ou mais fonemas em uma articulação palatal (levantamento da língua em direção à parte posterior do palato duro) e geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores /i/, /e/, /é/ (orais ou nasais) (CRISTÓFARO SILVA, 1999).

⁶³ De acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 2005), esse fonema é uma consoante nasal palatal vozeada e sua representação gráfica é feita pelo símbolo /ɲ/.

nehum. Além disso, Mattos e Silva (1996, p. 86-88) também faz explicação acerca das mudanças fonológicas em relação à palatalização e apresenta exemplificação do percurso do termo *senhor*, a saber: *se/ni/orem* > *se/ñ/or* > *senhor*.

Estas informações reforçam os dados aqui apresentados, uma vez que os referidos autores apresentam as mesmas formas vistas em Cunha (2010) como coocorrentes. Pode-se dizer, ainda, que o estudo apresentado pode ser expandido, já que a proposta de etimologia aqui apresentada contém mais formas para o percurso da mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito aos significados, a palavra *senhor*, atualmente, não é mais empregada no sentido de se referir a indivíduo dono de propriedades ou escravos e a signos celestes, conforme evidenciado em acepções do séc. XVIII.

Quanto aos significados que foram agregados, observamos a definição do termo como um brasileirismo quando usado na expressão ‘senhor de engenho’ e quando empregado antes de nome comum para dar a ideia de algo grandioso e importante. Outras acepções modernas são a de *senhor* utilizado para se referir a ‘homem indeterminado; pessoa não conhecida’ e a ‘homem em relação à mulher’, além de expressões idiomáticas que carregam este termo.

Para entender os processos que influenciaram a mudança semântica que a palavra *senhor* apresenta ao longo do tempo, é preciso saber como uma língua muda dentro dos sistemas social e linguístico e, portanto, é necessária investigação mais profunda, que considere outros fatores linguísticos, bem como os sócio-históricos que contribuíram para tal mudança. Apesar de esta questão não estar incluída nos objetivos da presente investigação, é, sem dúvida, uma motivação para a realização de outros trabalhos.

Em relação às acepções, diferentemente da tradição dicionarística mais prescritiva das obras antigas, observamos que os dicionários contemporâneos, ao apresentarem a acepção dos verbetes, não se restringem às informações linguísticas, já que também apresentam aspectos contextuais e interdisciplinares que dialogam com as questões socioculturais em que estão inseridos.

Sobre a etimologia, a palavra *senhor* tem como origem o lat. *senior*, que tem raiz proto indo-europeia **sen-*. Além disso, está presente na língua portuguesa no século XIII, apresentando, nesta sincronia, as formas *senhor*, *senor* e *señor*. Quanto ao seu étimo, tal resposta ainda é obscura. Isto porque, primeiramente, há essas três formas coocorrentes no séc. XIII, o que nos deixa sem saber qual delas é o étimo. Em segundo lugar, a informação de Corominas (1954) de que o esp. *señor* ocorre séc. no VII nos faz pensar que a palavra também pode ter chegado ao português por via espanhola, e não latina. Sendo assim, há duas possibilidades para o étimo a serem posteriormente investigadas: i) forma do latim > formas do português e ii) forma do espanhol > formas do português.

Considerando as formas coocorrentes do séc. XIII, verificamos que houve transformação morfológica da palavra original até a atual, do lat. *senior* para o português moderno *senhor*, provavelmente por motivação fonética. Isto nos fez sugerir um possível percurso para a mudança, isto é, as formas durante a transição: primeiramente, a transformação se deu por assimilação total progressiva do fonema /i/, posteriormente por síncope do fonema /n/ e, por fim, por nasalização e palatalização do fonema /n/.

Nessa pesquisa vê-se que não há uma profusão de origens, já que quase todos os textos que mencionam origem remetem ao lat. *senior*. A que se distingue determina como étimo o lat. *senex* (ERNOUT; MEILLET, 2001), o que também carece de investigação.

É importante frisar que esta é uma pesquisa piloto e que, apesar de apresentar dados relacionados à origem, ao étimo e ao percurso da transformação da palavra *senhor*, as propostas são, na verdade, hipóteses.

REFERÊNCIAS

- AULETE, F. J. C. *Aulete Digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/senhor>> Acesso em 2 de julho de 2016.
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. In: *Revista Alfa*. São Paulo, v. 28 (supl.), 1984, p. 1-26.

- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>> Acesso em 1 de julho de 2016.
- BONOMI, F. *Vocabolario Etimologico dela Lingua Italiana*. 2004. Disponível em: <<http://www.etimo.it/?cmd=id&id=16543&md=4998eafcdc51a170549b8a43669ed290>> Acesso em 5 de julho de 2016.
- COROMINAS, J. *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellhana*. Madrid: Gredos, 1954.
- CRISTÓFARO SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- DAUZAT, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. Paris: Librairie Larousse, 1938.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em 2 de julho de 2016.
- ERNOUT, A. MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 2001.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo, 2004.
- FERREIRA NETO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- FREITAS, E. Aspectos diacrônicos nos estudos sufixais. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2. 2015, p. 181-196.
- GAIO, A. S. *Mário, episódios das lutas civis portuguesas de 1820-1834*. Lisboa: Arcádia, 1974.
- GAMBOA, M. *O til e o -n- intervocálico na linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

- INTERNACIONAL PHONETIC ASSOCIATION. *International Phonetic Alphabet*. 2005. Disponível em: <<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/ipachart.html>>. Acesso em 1 de julho de 2016.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O Português arcaico: Fonologia*. São Paulo: Contexto, 1996.
- MORAES e SILVA, A. *Dicionário da língua portuguesa* - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>> Acesso em 1 de julho de 2016.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios*. Tomo II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- NISHI, E. Estudo Grafemático do <H> na Demanda do Santo Graal. *Revista Estudos Linguísticos do GEL*, São Paulo, v. 32, 2002. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc019.htm>> Acesso em 7 de julho de 2016.
- OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- POKORNY, J. *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*. Disponível em: <<http://indo-european.info/pokorny-etymological-dictionary/index.htm>> Acesso em 5 de julho de 2016.
- REY-DEBOVE, J. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Mouton: The Hague-Paris, 1971.
- SILVA PINTO, L. *Dicionário da Língua Brasileira*, por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>> Acesso em 1 de julho de 2016.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-189.